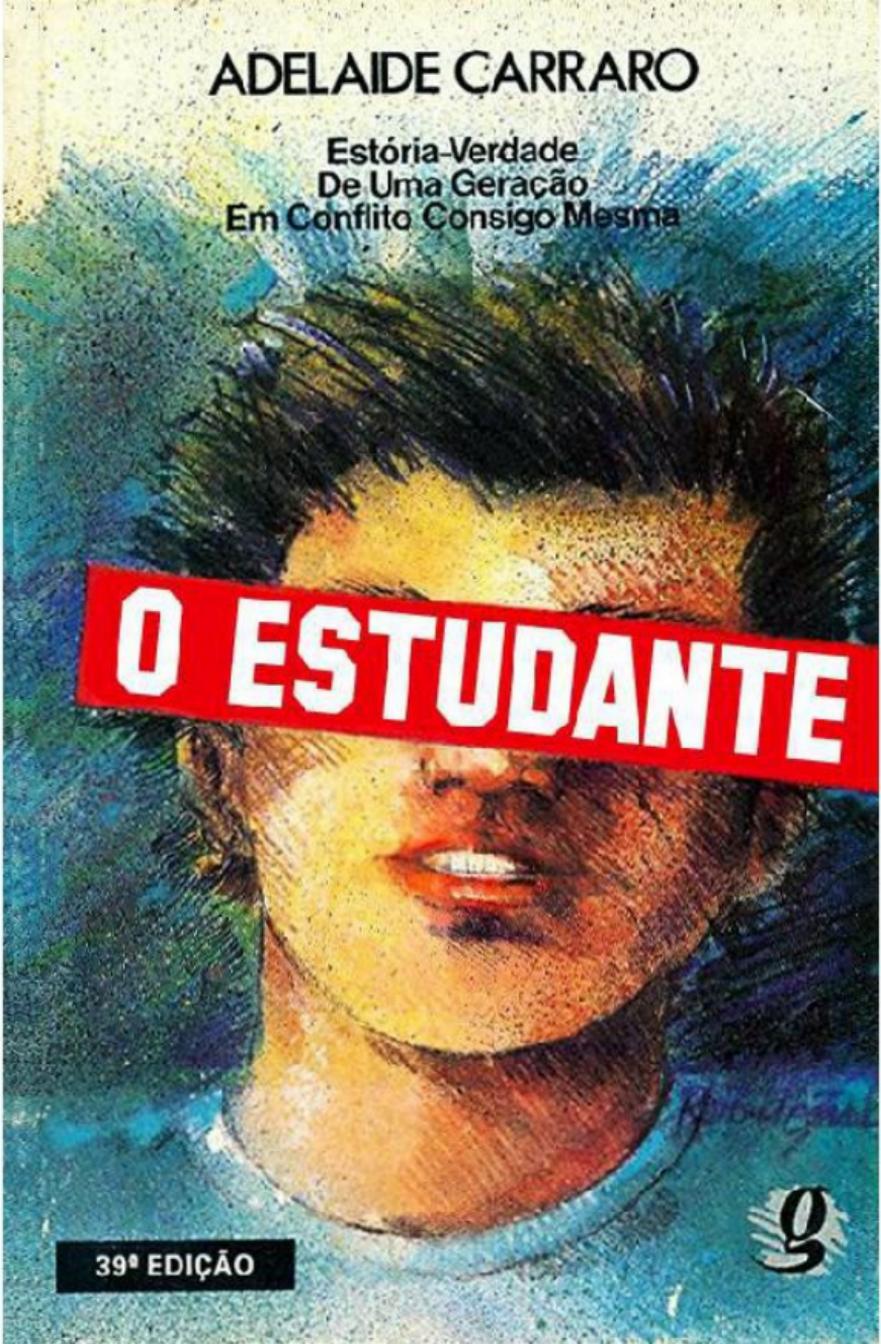


ADELAIDE CARRARO

Estória-Verdade
De Uma Geração
Em Conflito Consigo Mesma



O ESTUDANTE

39ª EDIÇÃO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ADELAIDE CARRARO

O ESTUDANTE



O ESTUDANTE
Adelaide Carraro

Editora Global
29ª edição

LEIA, POR FAVOR

A campainha tocou. Atendi.

O menino ricamente vestido disse:

— Adelaide Carraro?

— Sim.

— Meu nome é Roberto. Sou filho do Dr. Rubens Lopes Mascarenhas. Não sei se a senhora teve conhecimento da grande tragédia que abalou a minha família.

— Li tudo a respeito, Roberto, e sinceramente senti muito.

— Dona Adelaide, eu...

— Tire o dona, tá?

— Obrigado. Bem, Adelaide, eu preciso muitíssimo de você.

— Então vamos conversar lá dentro.

— Meu chofer também pode entrar?

— Claro.

Ele ali sentado na minha frente, com os olhos brilhantes de lágrimas e a voz embargada, começou a falar:

— Estou só, me sinto tio só. Não sei a quem recorrer. Meu Mestre "está morto, meu irmão está morto, meu pai não sai do quarto de meu irmão, minha mãe está internada em uma casa de saúde. Sinto-me sufocar. Não tenho freqüentado o colégio, não vou ao clube, não saio. Juro que a vida acabou para mim. Acabou aos 15 anos.

O que se dizer a uma criança que soluça desesperada em sua frente, depois de saber que essa mesma criança assistiu coisas horríveis, tremendamente horríveis? E as palavras vieram firmes e claras.

— Roberto, você não está só. Deus está com você. Deus, na sua infinita misericórdia, fortificará seu espírito e o espírito de seus pais. Você fará todos suportarem essa grande dor. Você me procurou e prometo fazer tudo para o ajudar. Fale sem acanhamento. Serei sua amiga. Agora deixe-me enxugar seus olhos. Pronto... Assim... Vou mandar servir um cafezinho.

Ele, mais calmo, Continuou:

— Adelaide, você me fez recordar que existe Deus e em nome dele eu lhe peço: faça chegar a todas as casas do Brasil esta carta. Juro que eu a escrevi quase cego de dor, mas, o dia em que eu souber que todos os estudantes do Brasil fazem de minha carta uma arma contra os traficantes de entorpecentes, voltarei a ser um jovem feliz.

Roberto Lopes Mascarenhas, esse livro é seu.

Peco-lhe que volte a me procurar, pois desejo encontrar em seu semblante a felicidade que o envolveu depois de saber que os estudantes já levantam na mão, a arma contra o tóxico. Arma fabricada pôr você: este livro.

Meu abraço
Adelaide Carraro
São Paulo, Julho, 1975

PARTE AZUL

O ESTUDANTE

Meu nome é Roberto. Tenho quinze anos. Estou escrevendo a vocês, porque preciso desabafar à grande dor que me queima lá dentro. Poderia desabafar com um parente qualquer. Mas, a mágoa é grande demais, tão grande que transborda de meu coração e enche o universo. Então fiquei horas e horas em meu quarto, indo de um lado para outro, num desespero sem fim, até que uma luz clareou meu cérebro: a ajuda só poderia vir dos colegas de todos os colégios de meu país. Então sentei-me e comecei a lhes escrever. Vocês, por favor, perdoem a letra trêmula que não vem de meu estado emocional, mas sim da terra úmida que ainda cai de minha mão, apesar de já fazer horas que as enchi e só não tive coragem de jogar sobre o caixão de meu irmão.

Nem sabia que se precisava jogar terra em cima de um caixão de defunto.

Uma de minhas tias falou baixo, bem junto de meu ouvido:

— Jogue um punhado de terra sobre o esquife de Renato, Roberto.

— Terra?!

— Rapidinho, pois os coveiros só estão esperando a sua mãozada para começarem a enterrar o Renato.

Enfiei as mãos no monte de terra e as levantei cheias, esticando-as para aquele buraco horrível, onde jazia o caixão branco, com orlas de ouro, contendo o corpo de meu irmão.

Mas, não consegui abri-las. E apertando a terra, saí correndo do cemitério, com o meu pai no meu encaço.

Ainda está bem aqui dentro de meu ouvido a sua voz sufocada.

— Perdoe-me, meu filho, eu fui obrigado a matar seu irmão.

Meu irmão morto, meu pai assassino e minha mãe em estado de choque, internada em um hospital e eu, sem saber se encontraria alguém com quem partilhar amargura tão grande. E Deus me deu você, estudante. Sabe por que eu digo isso? Lógico que você não saberá, se não ler minha carta até o fim. E só então você encontrará esta resposta.

Capítulo 1
MINHA CASA

Nasci numa, linda casa térrea. Ficava bem no meio de uma bela relva verde, cercada de grades bem altas, pintadas de preto. No fundo do gramado havia uma porção de grandes árvores, com bancos embaixo, que no inverno ficavam recobertas de folhas. Perto das árvores um imensidão de roseiras que eram as queridinhas de Renato.

Havia também outras plantas de flores ao redor de toda casa e em redor de toda grama, bem no pé da grade.

No dia em que nasci, a única preocupação de meus jovens pais era a piscina. Ela estava bem perto das árvores e a qualquer ventinho, eram centenas de folhas caídas na água azul da piscina. Só isso, sim, só isso aborrecia os meus queridos pais, pois eles eram felicíssimos.

Papai tinha vinte e seis anos. Alto, encurvadado, musculoso, cabelos amarelos, olhos verdes. Era engenheiro, filho de tradicional e rica família paulista. Meu avô tinha deixado uma boa fortuna, que ele administrava com inteligência e muito trabalho. Mamãe tinha vinte e cinco anos. Bonita, alta, cabelos prateados. Até hoje é linda. Tão linda que parece uma fada. Meu irmãozinho Renato e eu nascemos com os cabelos castanhos. Puxamos meus avós maternos.

Naquele dia, quando papai pegou Renato no colo e me mostrou através do vidro do berçário, ele ficou louco de alegria, gritando e chorando que queria o seu nenezinho.

E quando cheguei em casa, ele quis que meu bercinho ficasse bem perto de sua caminha, só para ficar me admirando, olhando sem parar.

Puxa, como Renato ficou contente com meu nascimento. Para todo mundo que vinha me visitar, ele corria e abria a porta antes da empregada e dizia:

— Venha ver o meu nenezinho.

E era o dia inteiro, o mês inteiro, o ano inteiro, meu nenezinho prá cá, meu nenezinho prá lá. Assim íamos crescendo unidos e nos adorando.

Lembro-me tão bem quando fomos com mamãe para a matrícula de Renato no colégio. Papai e mamãe passaram um tempão pesquisando o melhor colégio e a escolha caiu no Rio Negro, um dos mais caros do Brasil. Naquele dia, no primeiro dia de aula para Renato, foi o primeiro dia em que o vi de mau humor. Não queria ir à escola. Mamãe o agradou de mil maneiras, mas, ele não concordava de modo algum.

— Eu não quero me separar da senhora.

A mamãe sentou-se em um sofá, pôs Renatinho no colo e lhe disse:

— Meu anjo, você não vai se separar da mamãe. Vai ficar na escola algumas horas para aprender a ler, escrever, desenhar, fazer uma porção de

coisas que você gosta. Ontem fui conhecer a sua professora. Ela é um amor, boazinha, bonita, sorridente e educada. Disse-me que terá grande prazer em ser sua professora.

— Mas a senhora pode ser a minha professora. A senhora disse que não deixaria ninguém pôr as mãos em mim, sem ser o papai, a vovó e a senhora.

— Mas meu filhinho, a escola é a continuação da sua casa, e a professora nestas horas será a sua segunda mãe. Na escola, a professora é mais valiosa que o papai, a mamãe e a vovó.

— Mas, eu tenho medo da escola.

Minha mãe apertou Renatinho nos braços e o beijou por todo o rosto.

— Filhinho, que é isso? Um menino de sete anos com medo de escola?! Você acha que a mamãe o aconselharia a ir à escola se escola fosse alguma coisa má, se fosse alguma coisa que pudesse prejudicar um fio de cabelo do meu filhinho? Se a mamãe e o papai querem que você vá à escola é porque confiamos na escola.

— Mas se lá tiver um menino grande e me bater?

— Lá só tem meninos de famílias ricas, finas e cultas, meu filho, ninguém irá bater em você.

— Mas, se bater?

— Você conta para a professora.

Neste momento, a empregada avisa à mamãe que o carro do colégio já estava na porta esperando o Renato.

— Vamos, filhinho, o ônibus está cheio de crianças. Vamos.

Mas, Renatinho começou a espernear e a gritar.

— Só vou se o Roberto for comigo.

— Mas, ele é pequeno ainda, Renato. Quando Robertinho tiver sete anos, prometo que o colocarei no mesmo colégio. Vamos, pegue a mala e a lancheira. Olhe que lancheira linda a mamãe comprou.

— Não quero lancheira, não quero nada e não vou à escola.

— Escute, filhinho, e se a mamãe for com você?

Renato parou de chorar.

— Com a senhora eu vou.

Mamãe então pegou na mão de Renatinho, e eu fiquei na janela vendo-a entrar no ônibus, sentar-se no banco.

O Renatinho não se desgrudava dela um minuto. À tarde quando voltou, ensinou as lições a Renato. E à noite, quando papai chegou, ficaram os dois, papai e mamãe, conversando na sala. Vovó levou meu irmão para dormir mais cedo, pois ele não tivera um dia muito bom.

— Sabe, Rubens, precisei acompanhar o Renato ao colégio e ficar junto dele durante toda a aula. Nem no recreio ele quis me largar. Segurava o tempo todo o meu vestido com as duas mãozinhas. Foi muito estranho.

— Já lhe disse, querida. Você mima demais as crianças. Renato tem criados para tudo. Você obriga até a sua pajem a lhe amarrar os sapatos. No outro dia, à mesa, Renato deixou cair o guardanapo, e chamou a copeira para pegá-lo. Penso que poderíamos criar nossos filhos impondo-lhes pequenas responsabilidades. Por exemplo, guardarem suas próprias roupas, seus sapatos, seus brinquedos. Todos os dias deveríamos impor-lhes pequenas tarefas, como apanharem as folhas secas que caem no gramado e na piscina, ou regarem as plantas, não digo todas, mas, um terço ou um quarto do jardim. Com pequenas coisas assim, eles se sentiriam responsáveis.

— Mas, eles são tão pequenos, e depois, nós temos tantos criados.

— Mas é quando ainda são pequenos que devem aprender. Eu lhe disse para pôr o Renatinho no pré-primário. Disse-me que seria doloroso a sociedade lhe tirar dos braços uma criança de quatro anos. Roberto, se não o criarmos diferente, vai ter os mesmos problemas.

Mamãe começou a chorar.

— Não chore, querida. Ele tem que compreender que terá de se separar por algumas horas da mãe, para seu próprio bem.

— Mas ele não quer. Sofreu tanto. O que devo fazer? Acho que vou consultar um psicólogo.

— Que psicólogo, que nada, Lídia. Dê-lhe umas palmadinhas e o deixe na sala de aula.

Mamãe pôs as duas mãos na cabeça.

— Meu Deus, que disparate Não fale uma coisa dessas! Eu, dar um tapa em meu filho, eu, eu? Criança não deve apanhar. Temos que conversar, conversar muito. Diálogo, diálogo é o importante.

Papai riu.

— Umhas palmadinhas não fazem mal a ninguém.

— Mas você sabe que isso nunca farei.

— Então, deixe-o aos cuidados da professora.

No dia seguinte, na hora em que o microônibus chegou, mamãe me convidou a acompanhá-la para levar Renatinho ao colégio.

Lá no colégio, mamãe chamou a professora e quando ela chegou, mamãe estava tão comovida, que a voz saiu trêmula.

— Mestre, entrego-lhe meu filhinho.

A professora disse:

— Gosto que me chamem de Mestre. Lembro-me do tempo em que estudava no interior. Lá era só Mestre. Mas, pode ir sossegada, dona Lídia. Confie em mim.

Renatinho se agarrou à saia de mamãe e foi um Deus nos acuda. Todos nos rodeando e todos falando isso e aquilo até que eu disse:

— Mestra, Mestra....

Todo mundo ficou olhando para o chão, pois eu era tão pequeno que parecia estar em um poço de pernas e por mais que esticasse a cabeça não conseguia ver direito a cara daquela gente. Fui suspenso no ar por um professor e a Mestra disse:

— Que é, benzinho?

Todos bateram palmas e eu fiquei na mesma classe que o Renato e no mesmo banco que ele.

Naquela noite, meu pai me abraçou e disse:

— Estou orgulhoso de você Robertinho. Amanhã os levarei ao colégio e se o diretor consentir, e se você conseguir acompanhar os meninos de sete anos, já ficará matriculado.

Capítulo 2
A PRIMEIRA PROFESSORA

E foi por isso, que, aos dez anos, eu já estava na primeira série ginasial, junto com meu irmão que tinha doze anos.

Engraçado que no primeiro dia de aula no ginásio, Renato foi o cabeça de tudo. Logo de manhã, pulou da cama e correu para o quarto de meu pai, gritando:

— Mamãe, ei mamãe, acorde logo. Hoje é dia de matrícula. Se a senhora não puder ir, eu mesmo resolverei tudo.

Papai riu.

— Assim é que se fala, meu filho. Cabeça erguida, peito levantado, um sorriso nos lábios e o cérebro só com bons pensamentos.

Olhou para a mamãe e batendo-lhe de leve no rosto, continuou:

— Aí está meu filho, a continuação dos Lopes Mascarenhas. Vá, Renato, leve seu irmão e resolva os seus problemas do colégio. Parabéns, filho. Parabéns por ter tomado esta decisão.

Renato estufou o peito.

— Para começar, papai: um cheque para a matrícula e os materiais escolares. Eu mesmo irei descontar o cheque.

Mamãe pulou da cama e gritou:

— Não, isso não. Rubens, por favor proíba esse menino de ir sozinho ao banco. Você sabe, esses assaltantes, esses "trombadinhas". São Paulo está infestado de marginais.

— Não se preocupe, mamãe. Se eu for assaltado, prometo que não reagirei. Deixo levarem tudo. Está bem assim?

— Mas, que idéia, Lídia! Também não é assim, não. O menino precisa ser ele mesmo. Deixe-o se libertar da saia materna!. Pegue lá o cheque e boa sorte. Lembre-se só de uma coisa, Renato...

Neste momento eu entrei e disse:

— Posso escutar o que o senhor vai dizer ao Renato?

— Claro, meu filho. Ia falar ao seu irmão como falo a você também. Lembrem-se de uma coisa: na rua também há deveres, que toda pessoa educada deve cumprir. Vocês, por exemplo, vão hoje pela primeira vez, enfrentar uma avenida São João, uma rua São Luís, uma Barão de Itapetininga, cheinhas de gente apressada. Vocês devem tomar cuidado, para não darem encontros nas pessoas. Se vocês se defrontarem com uma pessoa idosa ou aleijada, cedam-lhe a passagem. Se encontrarem uma criança ou uma pessoa incapaz, dêem a mão ou o braço e a ajudem a atravessar a rua. Se virem alguém caído na calçada, chamem uma ambulância ou avisem um policial. Nunca devem rir, se encontrarem uma pessoa deformada. Ajudem o que cai a se levantar. Não falem

e não olhem para as pessoas, rindo. Não corram e não gritem. Se virem uma briga de duas crianças, procurem separá-las e se for urna briga de adultos, afastem-se e sigam o seu caminho. Se encontrarem algum animal abandonado, procurem protegê-lo. Tragam-no, se for necessário, para casa. Trataremos dele. Se não pudermos conservá-lo, o encaminharemos para um lugar seguro. Tomem cuidado ao atravessar a rua. Enfim, meus filhos, vão para a rua e a conheçam. Usem-na e a respeitem, ela é de vocês e nossa e de todos os brasileiros.

— Puxa, pai, que sermão bonito! Sabe o que você deveria ser, em vez de engenheiro? Orador! — Renatinho falou rindo. — Olhe, papai, vamos seguir, tim-tim por tim-tim os seus conselhos. Agora. Roberto, marche para a rua. Um, dois, um, dois, tchau, mamãe.

Renato jogou um beijo na ponta dos dedos para a mamãe e eu vi seus olhos se encherem de lágrimas.

Foi um dia maravilhoso. Nunca mais vou me esquecer O centro da cidade estava cheio de gente indo e vindo, cruzando, descruzando. Buzinas, apitos de guardas. No banco, os funcionários sorridentes. As livrarias apinhadas de crianças acompanhadas dos pais, escolhiam esse ou aquele livro, canetas, lápis, pastas, papéis, réguas, compassos, enfim, tudo de que precisa um estudante. Renato e eu tomamos um táxi com os braços entulhados de pacotes. Ao chegarmos em casa, o abraço de mamãe, e durante o almoço as mil e uma novidades.

Como eu achei linda a cidade, andando assim com meus próprios pés. Lembro-me tão bem daquele dia. O sol estava amarelando todos os prédios e o azul do céu azulando todas as pessoas. Lindo! Íamos pela rua 24 de Maio, tão tranqüila, pois, agora ela virou rua só de pedestres. Num "bomboniere" na Barão de Itapetininga, compramos uma caixa co, quadradinhos coloridos de geléia para a mamãe.

— Moça, coloque uma fita bem bonita, de cor azul.

Numa floricultura, na Praça da República, compramos uma orquídea, dessas que vêm dentro de caixa plástica, também com uma linda fita.

— É para a nossa primeira professora, Roberto!

Depois, à tarde, fomos para o colégio. Pagamos à matrícula e Renato, com a orquídea, foi em busca da Mestra.

Nem podia se andar dentro do colégio, tanta gente, meninada, pais e professores.

Senti alguém tocar em meu ombro.

— Olá, Roberto, onde está seu irmão?

Era nossa professora do primário.

— Ali, Professora. A senhora quer que eu o chame?

— Sim, meu bem.

— Ei, Renato!

Renato voltou-se. Nunca sentira que ele crescera tanto como naquela hora. Estava alto, corado, com os cabelos bem meados e os olhos brilhantes como o sol que estava lá fora. Veio chegando, alegre, muito alegre mesmo.

— O que há, Roberto?

— A nossa primeira professora.

— Então, Renato? Vamos agora por caminhos diferentes. Você e Roberto terão outros professores. Talvez nunca mais nos vejamos.

Senti uma tristeza tão grande na alma que pulei nos braços da nossa professora e a beijei muito e chorei. Nunca pensei que a minha professora fosse tão importante para mim, como quando senti que depois de quatro anos junto dela, teria que ficar com outros professores.

— Por que não podemos ir para a sua classe, professora?

Ela, apertando-me nos braços, disse:

— Porque sou do primário, meu bem. O ginásio fica no outro prédio, com outra entrada. Por este portão só entrarão os pequenos, os do primário.

— Professora, por favor, leve-nos a visitar a "nossa" sala, onde fomos tão felizes com a senhora. — Pediu Renato.

Renato andou pela grande sala, de largas portas, que davam para um corredor largo e comprido, por onde todos os dias dos quatro anos, passávamos na maior algazarra, na maior alegria. Parando bem junto à Mestra, falou:

— Mestra, nunca mais vou esquecê-la. A senhora foi tão boa que ficará na minha mente, com este seu lindo rosto, alegre e cheio de felicidade. Juro que a considero minha segunda mãe.

Os olhos da mestra estavam rasos d'água e as lágrimas começaram a descer. Renato continuou:

— Sabe, professora, vou fazer a minha primeira comunhão dia quinze. Todos os meus colegas irão acompanhados das mães e eu pedi à minha, que me permitisse ir acompanhado da pessoa de quem eu guardo a mais bela recordação.

— E qual é a mais bela recordação, meu bem?

— É a minha primeira professora. Foi ela que levou para o cérebro, ou melhor, abriu a minha inteligência e fez-me aprender tantas coisas boas. Aprendi a ler e dentro dos livros a encontrar mundos lindos, diferentes. O livro me fez conhecer todo o universo sem sair de minha casa. Oh! Professora, como é gostoso saber ler! Depois a senhora me incentivou tanto, teve tanta paciência comigo que, depois de quatro anos, minha mãe me recebeu em seus braços, forte, confiante e corajoso. A senhora não faz idéia de como foi bom para mim seu carinho e sua ajuda, para me libertar da minha grande timidez. Por isso, Mestra, desejo do fundo de meu coração me apoiar em seu braço para chegar aos pés do altar e receber Jesus, pela primeira vez.

A mestra e meu irmão ficaram se olhando calados, emocionados. Então eu

tirei a orquídea da mão de Renato e disse:

— Essa flor é para a senhora, professora.

— Deus os abençoe, queridos, e será uma grande alegria para mim, Renato, ser a sua acompanhante na sua primeira comunhão.

— Adeus, Mestra.

— Até domingo, lá na igreja.

Logo no primeiro dia de aula fiquei gostando de todos os meus professores, mas não gostei dos alunos.

Houve uma mudança nas classes e os meus colegas de primário foram espalhados por outras salas. Do primário, em nossa sala, só ficamos, Renato, um menino chamado Milton e eu.

Os outros quarenta e sete alunos eram grandes, com mais de quatorze anos.

Logo no primeiro contato com eles vi que eram petulantes, sabidos, atrevidos e farristas, não levando nada a sério.

Quando Renato e eu fomos cumprimentar, na mesa, o velho mestre, eles caíram na risada e começaram a nos remendar.

— Ai, ai, Mestre. Falava-se mestre no tempo de Pedro I.

— Que D. Pedro, falava-se mestre mil anos antes de Cristo.

O professor saiu da mesa e andou de mãos para traz fitando um por um, com a face vermelha. Mandou que um aluno, o mais atrevido, aquele que falou do tempo de Cristo, se levantasse e disse sério:

— Seu nome, por favor?

Ele, olhando na cara do professor, e rindo:

— O meu nome, o de minha família, ou meu prenome?

— Seu nome.

Ele, rindo sempre:

— Mário.

— Então, diga-me, Mário, mil anos antes de Cristo quem governava o mundo?

— Sei lá.

— Então me responda, Em que dia Cristo nasceu?

— Sei lá,

— Responda: Cristo era filho de um carpinteiro?

— Sei lá.

O professor continuou andando e disse:

— Pelo visto, meus jovens, o aluno Mário está atrasadíssimo em suas idéias a respeito de Cristo. Por isso disse a grande besteira que vocês ouviram.

— Agora, levante-se você, você que falou em D. Pedro I. Diga-me o seu nome.

— Antônio Marcos.

— Responda-me, Marcos: Quem foi D. Pedro I?

— Me esqueci.

— Esqueceu?!

— É. Esqueci, ele não é de minha a patota.

O professor parou em frente à classe e nos fixando, elevou a voz.

— Meus jovens. Vocês já imaginaram como será esse ano para vocês aqui nesta classe, se alguns alunos como Mário e Antônio Marcos continuarem a falar tudo o que lhes vem à cabeça? Gostaria de começar bem o ano, com alunos educados e respeitadores. Também quero que saibam que eu usarei com vocês métodos de educação de meu tempo. Por isso peço ao Mário e ao Marcos que prestem bem atenção no caso que aconteceu no meu primeiro dia de aula no ginásial. Meu Mestre, um homem de seus quarenta anos, alto, encorpado, com grandes e límpidos olhos azuis, chegou na classe, foi até à sua mesa e esperou que os alunos o fossem cumprimentar. Naquele tempo, o Mestre era tão respeitado como um pai ou uma mãe. Fomos um a um dar-lhe a mão. Ele sorria e desejava que todos fossemos amigos, nos amando e nos respeitando, já que todos os dias teríamos que passar horas seguidas juntos.

Um dos meninos ria e fazia caretas enquanto a voz do mestre enchia a sala. O mestre foi até ele e lhe disse:

— Quantas vezes você já fez caretas para seus pais e quantas vezes você caçou deles?

O menino abaixou a cabeça e ficou calado.

— Responda-me, filho.

— Nem uma.

— Então não faça mais isso aqui na classe. Nós também somos uma família.

Assim falando o professor voltou-se e começou a escrever no quadro negro, e o aluno que o tinha desrespeitado foi até ele e falou alto:

— Mestre, peço-lhe que me perdoe.

O professor pegou-lhe o rosto entre as mãos e num gesto de ternura beijou-lhe a testa.

Quando o professor terminou de narrar este fato houve um profundo silêncio na sala. Mas, eu vi que muitos tinham nos lábios um sorriso de deboche.

Na hora do jantar, Renato contou ao papai o que si havia passado na classe, e meu pai disse que nós nunca deveríamos nos envergonhar de sermos educados com métodos antigos, e o professor Mariano (esse era o seu nome) tinha razão. Na educação antiga havia mais respeito, maior união. Meu pai contou que nunca fumou na frente de meu avô antes de completar vinte e um anos, e também nunca se sentou à mesa para qualquer refeição, de camiseta ou pijama. Que nunca saiu de casa sem pedir a bênção da vovó.

Essa conversa do jantar foi bem a propósito, pois, no dia seguinte, assim

que nos sentamos para a aula de matemática o professor Mariano disse:

— Meus caros alunos, pedirei àqueles que têm mãe que levantem o braço.
Todos levantaram.

— Agora aqueles que têm pai.

Todos levantaram.

— Muito bem. Tenho cinquenta alunos que, graças ao bom Deus têm pai e mãe. Então, meus filhos, agora levantem a mão aqueles que pediram a bênção aos seus pais quando saíram para a escola.

Renato e eu levantamos as mãos, enquanto que um ooh de viaia saiu das quarenta e oito bocas.

— Por que a viaia? Diga-me você, senhorita Cibele.

Cibele, uma moça morena de cabelos curtos, e luminosos olhos pretos, sorriso de dentes perfeitos, lábios grossos e pele acetinada levantou-se, exibindo um corpo bem, desenvolvido para os seus treze anos e rindo disse:

— Ah, Mestre (disse um mestre de caçoadada que fez com que todos rissem), isso é caretice! Na hora em que saio para a, escola, minha nobre mãe está dormindo depois de ter passado a noite em alguma farra.

Uma gargalhada geral.

O professor ficou branco como papel.

— Continue de pé, Cibele, até eu fazê-la recordar o que é uma mãe. Qual o respeito que um filho deve a uma mãe, seja qual for o comportamento dela. Qualquer mãe, ouvindo o que você acaba de dizer, sentiria como se o coração tivesse sido varado por um punhal. Lembre-se de que sua mãe a teve em seus braços e a amamentou depois de lhe dar a vida. Lembre-se que a mãe, seja pobre ou rica, passa a noite debruçada sobre o berço do seu filho doente, com lágrimas a lhe banharem a face e com o íntimo angustiado; cheia de terror, com medo de perder o filhinho adorado. Depois da primeira noite, quantas e quantas noites se seguem? A mãe não cansa, a mãe não pára. Você desrespeitou a sua mãe, Cibele! A sua mãe, que tenho certeza daria toda a felicidade do mundo para que você, não passasse por um leve desgosto, a sua mãe, Cibele, ou a de qualquer um de vocês, que esmolaria um pedaço de pão para não vê-los com fome. Mãe, mãe que se coloca na frente de um assassino para não ver seu filho morto. Mãe. Se eu fosse enumerar os méritos de uma mãe, não chegariam os dias de minha vida. Por isso vou deixar no ar minhas últimas palavras. Nunca mais quero ouvir uma palavra irreverente, contra qualquer pessoa que mereça nosso respeito. Se vocês não souberem respeitar suas mães, não saberão nunca respeitar a si próprios. Recomendo que todos os dias, antes de saírem de casa, peçam a bênção a seus pais, e se eles não estiverem, devem pedir a seus avós. Agora abram os cadernos.

E assim passamos a primeira série, com Renato em primeiro lugar em tudo. Mas, nem todos gostavam de Renato. A maioria tinha inveja dele, porque

reconhecia a sua superioridade. Renato tinha uma memória extraordinária. Compreendia tudo na primeira explicação. Não se esforçava em qualquer matéria. Tudo parecia já estar formado lá dentro dele. Era só passar no papel. Por isso todos os outros alunos o procuravam para explicações e ele atendia a todos de bom grado.

Quase todos os professores o davam como exemplo, até os das outras classes.

— Olhem o Renato, como é estudioso, educado e respeitador, Um jovem completamente seguro de si.

E Renato ganhou a medalha de ouro de melhor aluno do ano. Melhor em tudo. Ainda o vejo vestido de azul marinho, com gravata e de pé, com os cabelos até os ombros, bem lisinhos, os olhos úmidos, os lábios trêmulos. Ereto e altivo.

Renato, meu irmão. Como eu o admirei e o respeitei naquela hora. Como você foi importante para mim, meu irmão! Importantíssimo.

Naquela noite, subi com papai para levar o copo de leite para Renato e quando entramos no quarto, papai acendeu a luz e foi até a cama de Renato, sorriu feliz quando viu a medalha pregada no travesseiro.

Renato tinha um quarto grande, que dava para o lado cheio de árvores de nosso parque. Eu gostava do quarto de meu irmão porque ele pregava na parede todas as coisas de que mais gostava e eram coisas tão lindas, que eu passava horas e horas contemplando-as. Tinha um pôster de Jesus com um carneirinho no colo e outros ao seu redor. Renato dizia:

— Olhe Rober, aquele carneirinho no colo de Jesus: sou eu.

E eu perguntava:

— E qual sou eu?

Renato escolhia, e apontando com o dedo o menor carneirinho, gritava rindo:

— Você é esse, o mais encaracolado.

Isso quando a gente era bem pequenino.

Eu gostava também dos posters de matas. Eram lindos. Perto das fotos das matas, havia três carreiras coloridas horizontais, da foto que Renato havia tirado das flores, riachos, cachoeiras, animais, enfim, um mundo de coisas.

Na parede, bem na cabeceira da cama, meu irmão pendurara um coro dos anjos. Eram anjinhos feitos de prata e cada um tocava um instrumento musical, assim que se apertasse um botão elétrico. Era maravilhosa e suave a música que vinha das mãos dos anjos.

Enquanto papai, emocionado, contemplava Renato dormindo com a medalha bem perto de seus cabelos castanhos, apertei o botão e a música foi envolvendo tudo devagarinho. Renato abriu os olhos e os fixou em papai, e disse, sem se levantar da cama:

— Oh! paizinho, desculpe-me. Estava tão cansado! Tive um dia tão feliz.

Papai colocou o copo de leite em cima do criado-mudo e abraçando amorosamente a cabeça de Renato, colocou a sua sobre o coração dele e disse:

— Abençoado sejas, filho, pois trazes tanta felicidade para o nosso lar.

Renato se desprendeceu, e fitando papai retrucou:

— Prometo, papai, que para ouvir essa frase tão linda, trarei todos os anos uma medalha para o senhor e mamãe.

— Obrigado, filho, agora tome o leite... — Isso... Assim.. Deite-se.

Renato, deitado com os dois braços atrás da cabeça fitava papai que, sentado na cama, falou:

— Renato, vou satisfazer um velho desejo seu.

Os olhos de meu irmão brilharam.

— Vamos ver se você adivinha.

Renato sentou na cama e gritou, estalando os dedos:

— Viagem à Europa!

— Exatamente.

Renato caiu nos braços de papai

— Mas, é maravilhoso!

Depois, levantando-se de um pulo, me abraçou.

— Está ouvindo, Rober? Europa, você já pensou quando estivermos descendo no aeroporto de Orly?

— Eu vou também, papai?

— Desta vez, não...

Renato nem deixou papai terminar.

— Ah! papai, deixe Rober ir também, por favor, papai, deixe, vá?

— Está bem, Renato, o rei da casa hoje é você. E o seu desejo é uma ordem.

Papai desceu e Renato disse:

— Rober, durma comigo hoje.

Pulei de alegria, Eu gostava muito de dormir com Renato, pois, ele tinha sempre algo novo para me contar. Nessa noite, revelou-me uma coisa que me fez rir muito.

— Sabe, Rober, acho que estou amando.

Nós estávamos esticados debaixo da coberta e com as cabeças apoiadas no mesmo travesseiro. Assim Renato não pôde ver a minha cara de espanto. Depois do espanto, eu achei graça e comecei a rir, a rir sem parar.

— Não veio graça alguma. Amar na minha idade é normal. Agora, se eu fosse um pirralhinho como você!

— Mas, você também ainda é urna criança para amar, Renato. Acabou de fazer doze anos.

— Mas, lá por dentro me sinto um homem, Rober.

— E como a gente sabe que está amando Renato? Como é o amor?

— Bem, Rober, é difícil explicar, mas para mim o amor... bem, eu acho que o amor é o que eu senti na hora em que meus olhos e o de Cilene se encontraram. Eles ficaram uma porção de tempo parados nos olhos dela. Senti uma coisa estranha lá dentro do meu corpo. Depois, na hora do recreio, estávamos em uma rodinha, conversando. Eu e Cilene estávamos bem pertinho. E não sei como, minha mão foi se esticando e alcançou a dela. Quando nossas mãos se apertaram, senti como que se um choque elétrico corresse pelas minhas veias e fiquei tontinho. Agora, todas as vezes que a vejo, meu coração dispara, e só penso nela. Eu a acho tão linda! Posso olhar para todas as meninas mais bonitas do colégio, mas nenhuma se compara com ela. Eu acho mundo mais bonito agora, Rober. Acho o sol mais amarelo, mais brilhante, o azul do céu é diferente do azul que eu via antigamente. Ele agora é de um azul rosado. E o verde, Rober? Nunca tinha reparado que aí fora, no nosso parque, as árvores, a grama e tudo tem milhares de tons verdes. Também nunca me preocupei em ficar ouvindo os pássaros cantarem, as borboletas passearem daqui e dali, sempre de duas em duas. Nunca senti desejos de ficar sentado no meio das roseiras, prestando atenção ao zumbido dos insetos. A música mudou; agora, ela traz muita tranquilidade para minha alma e me leva a pensar só em coisas bem bonitas.

— Puxa, Renato, como é lindo o amor! Não vejo hora de amar também.

— Você é Muito criança. Só tem dez anos. Eu acho que o amor não chega nessa idade.

— Então ele vai chegar quando eu fizer doze anos, igual a você, não é, Renato?

— É. Eu acho que é uma idade boa.

— Agora você está pensando na Cilene?

— Estou sim. Vou dormir com ela aqui dentro de minha cabeça.

Capítulo 3

VIAGEM

Viajamos pelo exterior durante um mês. O que mais impressionou Renato foi a ordem e a limpeza do Japão. Uma tarde, fomos, com mamãe e papai, visitar uma grande praça no Japão. Enquanto admirávamos uma estátua, reparamos que de diversos ônibus chegava uma porção de crianças, e que assim que desciam iam ficando em fila na maior ordem, começando dos baixinhos e terminando nos mais altos, sem uma falha. Não se via uma única cabeça um centímetro sequer mais alta na frente de uma mais baixa. A fila foi avançando na mais santa ordem até um grande gramado, cheio de plantas floridas, onde todas se sentaram e lancharam, tirando a merenda de uma malinha que traziam presa às costas. Acabado o lanche, as crianças foram ainda de duas em duas até o parque onde havia balanços, escorregadores etc. Foi aí que Renato falou:

— Olhe para aquele gramado, papai. Quem diria que na sua relva estiveram lanchando centenas de crianças sem ao menos deixarem um cisquinho? Eu notei, papai, que todos, depois de comerem, dobravam os papéis dos sanduíches, das balas, dos chocolates, juntavam as cascas de frutas e colocavam tudo na lancheira. Que beleza, hem, papai?

— Sim, meu filho, a ordem, a disciplina é muito importante.

— Ter um povo assim tão ordeiro é uma carícia para um país, acrescentou Renato.

Achei que Renato estava amando mesmo, pois estava tão romântico! Via poesia em tudo!

Quando voltamos ao Brasil e descemos do avião, lá em Campinas, Renato levantou os braços e olhando para o céu e sem se incomodar com os olhares curiosos, falou bem alto:

— O que vale mesmo é você oh! meu céu de anil, meu Brasil. Mil Europas não valem uma árvore de seu solo! Brasil, minha terra, meu berço, eu o adoro!

Renato ria, olhando para mim.

— Gostou deste Castro Alves, hem, Rober?

— Concordo com você Renato. Brasil é a palavra mais linda do mundo que faz o coração da gente inchar de orgulho.

— Papai:

— Ei! meus poetas, ali está o ônibus que nos levará a São Paulo.

No ônibus Renato disse:

— Sabem de uma coisa? Papai e mamãe, essa viagem foi um grande presente que vocês me deram, pois assim eu pude avaliar o que representa uma pátria para o seu filho. Essa viagem fez crescer dentro de mim o meu amor pelo Brasil.

Depois, parei no portão de casa, vendo Renato correr no jardim, chamando

pelos nossos cães. O Bolgo, a Tuli, a Toga e a Florzinha mimosa, cachorrinha mestiça chiuaua. Quatro cães que Renato havia tirado da rua.

Renato, rolando na grama, os cães latindo e pulando em cima dele e sua risada cristalina enchendo tudo.

Renato trouxe um presente para cada empregado. Não esqueceu nem o nenezinho da copeira.

— Mas como o senhor soube que eu tenho um nenê? O senhor estava viajando!

— Antes de viajar ouvi a cozinheira falando para a mamãe que o seu filhinho tinha nascido e que era um lindo menino. Por isso eu trouxe esse boneco de corda.

— E para evitar agradecimentos, Renato ia saindo, dizendo:

— Espero que goste.

Como foi bom retomar à nossa casa! Vejo neste momento, depois de passados quatro anos, tudo bem igual, como aquele primeiro jantar no Brasil, depois de trinta jantares pelo exterior.

A sala de jantar, toda iluminada, a mesa vestida de rendas, com as pratarias e os cristais brilhando, papai em uma cabeceira, mamãe em outra e a família toda, lado a lado. Meus avós, meus tios, tias e primos. Ainda sinto o aroma quente cheirando perfume das rosas que desabrochavam, bem ao pé da janela! Aquela noite papai permitiu que as crianças rissem e brincassem na mesa. Até hoje, aquela cena não me sai da cabeça.

Voltamos à escola.

Logo na entrada do colégio, encontramos o professor Mariano, que nos disse:

— Então, meninos, vamos nos separar, mas espero que não se esqueçam do que aprenderam na primeira série e se lembrem de mim.

Eu bem sabia que o professor Mariano não ia ser mais o nosso professor, mas assim mesmo senti uma dor funda em meu coração com aquelas palavras.

Subimos para a sala da segunda série. Os olhos de Renato pousaram ansiosos sobre todas as meninas, uma a uma, e depois se voltaram tristes para mim.

— Rober, não vejo Cilene!

— Cilene pediu transferência para o Colégio Silan, disse Mário, que tinha chegado antes.

Vi que Renato ficou branco, mas, não disse nada e nem respondeu quando Mário falou:

— Que diabo representa Cilene para você?

Renato continuou de cabeça erguida e sentou-se na carteira esperando a apresentação do primeiro professor.

Na hora da saída, Renato ia na minha frente com a cabeça baixa, as mãos nos bolsos, sem se importar com o empurra-empurra e as cotoveladas da menina que vinha de todos os lados. Aí uma menina chegou perto e lhe deu um bilhete. Renato leu e seu rosto brilhou como o sol. Olhou rápido para trás e me pegando pela mão:

— Corra, Rober, preciso achar um telefone, Cilene está esperando minha chamada.

Tentávamos correr varando os alunos. Mas o que conseguíamos era andar um ou dois passos na frente dos outros. Ele, porém, não parava de falar:

— Está vendo, Rober? Ela não me esqueceu. Oh! Rober, pensar que nunca mais iria vê-la ... Oh! até me arrepio todo. Deus é tão bom para mim! Estou tão Feliz!

Assim que passamos à calçada, vimos um grupo de alunos, rodeando um homem caído no chão. Fomos passar direto quando ouvimos um dos meninos gritar:

— Dê outra rasteira, Mário. Vamos, ele já está se levantando.

Eu ainda segurava a mão de Renato e senti que ele parou de um ímpeto, e me deixando, foi empurrando todo o mundo, até chegar no meio da roda, e parando junto ao homem ainda jovem, mas maltrapilho e bêbado, que estava tentando se levantar, gritou alto:

— O primeiro que tentar dar uma rasteira neste pobre homem, tem que se haver comigo.

E assim falando, Renato deu a mão ao homem ajudando a se levantar. Mal o coitado ficara de pé balançando-se daqui e dali, caiu novamente com o rosto no chão, devido a uma rasteira que Mário lhe deu.

Meu irmão voou para cima de Mário e os dois lutaram, rolando pela calçada. Muitas vezes passando sobre o corpo do bêbado que não conseguia se levantar. Quase todos os alunos torciam para Renato e quando, por fim, ele venceu, pegou Mário pela gola e disse:

— Se você não ajudar este pobre homem a se levantar e pedir-lhe desculpas, eu continuarei a luta.

Mário fez o que meu irmão pediu debaixo de uma salva de palmas.

Corri atrás de Renato, enquanto ele me procurava e quando cheguei perto, joguei-me em seus braços, apertando-o com todas as forças.

— Renato, como é bom ser seu irmão.

Ele sorriu, passando a mão pelo olho inchado.

— É bom, é? Então vai começar a me aturar, pois vou ficar a noite inteira resmungando porque, na briga, perdi o bilhete com o telefone de Cilene.

— Perdeu nada, está aqui.

— Levantei o papelzinho no ar.

— Hurra. Corra Rober, só faltam uns minutos para a hora que a Cilene

marcou.

O "orelhão vermelho" na esquina cobria quase toda a cabeça de Renato. Pude reparar como ele estava alto e como suas costas estavam largas e os quadris estreitos. Pôxa, Renato estava com o corpo de um homem. E falava e sorria, alegre, comunicativo. Quando desligou, estava sério.

— Sabe, Rober, Cilene saiu do Rio Negro porque contou aos pais que estava gostando de mim. Eles a acharam muito criança para namorar. Então resolveram que ela estudaria no Silan para me esquecer.

E seu rosto coberto de felicidade:

— Mas ela me disse que aconteça o que acontecer, nunca, nunca, deixará de gostar mim. OH, Rober, como estou feliz!

E Renato ia falando, alando de Cilene, enquanto voltávamos para a porta do colégio onde o chofer costumava nos apanhar. Mas neste dia, já tinha ido embora. Foi um custo pegarmos um táxi. E quando chegamos, a nossa casa estava um rebu!. Mamãe pálida e agitada correu para Renato e pegando seu rosto entre as mãos, falou nervosa:

— O que aconteceu com vocês? Meu Deus, olhe seu olho! Quem fez isso? Ou o feriu?

Papai veio chegando com todos os empregados e o chofer.

— Calma, querida, eles estão aqui vivos. Venham, meus filhos, sua mãe ficou preocupada porque o chofer não os encontrou e depois, como demorassem, telefonou para mim. Vim o mais depressa possível. Gostaria de Saber o que aconteceu.

Renato contou tudo da briga.

Mamãe só falava:

— Oh Meu filho! — juntando as mãos. Depois beijou e apertou Renato contra o coração.

Papai também abraçou Renato, falando:

— Ouve, meu filho, estou orgulhoso do teu ímpeto em lançar-te em defesa de um fraco. Soube que na escola todos te achariam bobo porque tens sempre uma palavra de conforto para os que necessitam. Tudo o que fizeres de bom, de digno, de nobre, irá te erguendo e te aproximando cada vez mais de Deus. Parabéns, meu filho, sê sempre assim, corajoso, destemido quando se trata do bem.

No dia seguinte, Renato foi elogiado por todos os professores e adulado por todos os meninos. Em todos os grupos exigiam a sua presença. Ele era puxado daqui e dali e todas as vezes que era beijado pelas meninas corava até a raiz dos cabelos.

E assim meu mão continuou sendo o pequeno líder do Rio Negro, o primeiro do colégio. Nesse ano não precisou fazer nem um exame. Fechou nota em todas as matérias e recebeu outra medalha de ouro.

Papai não cabia em si de contentamento e mamãe então não tirava Renato da boca.

— Meu filho — dizia no clube, no cabeleireiro, na loja ou em qualquer lugar que estivesse — meu filho tem duas medalhas de ouro. Com treze anos, fala inglês, francês, alemão e discute qualquer assunto com quem quer que seja.

Nesse ano, viajamos para a América do Norte. E o que Renato notou foi o amor e respeito, orgulho e veneração que os americanos sentem pela bandeira de sua pátria. Uma manhã, no Central Park, Renato disse:

— Olhe só, Rober, até nos brinquedos das crianças se vê a bandeira deles.

De fato, nos velocípedes, nos carrinhos, nas bicicletas, nas bonecas, nas roupas das crianças, dos adultos, nos prédios, nos restaurantes, nos carros, enfim em tudo, estava presente a bandeira dos Estados Unidos.

Quando voltamos ao Brasil, Renato só pensava na nossa bandeira. Logo no dia seguinte foi à cidade e visitou uma porção de lojas, mas não conseguiu encontrar uma bandeira brasileira. Ficou tão revoltado que chegou em casa e não parou de falar.

— É uma vergonha! Não consegui encontrar uma bandeira de minha pátria, parece piada, não encontrei nem uma bandeirinha.

E quando voltamos a estudar, na terceira série, o primeiro trabalho de Renato foi lido de classe em classe e recebeu elogios de todos os professores. Ainda o guardo. Espere um pouquinho, vou buscá-lo na biblioteca... Aqui está, leia você mesmo.

"Essa noite sonhei que entrava em um grande estádio cheio de gente.

Bem no meio do estádio, uma grande mesa coberta de veludo vermelho e rodeada de bandeiras douradas. Logo atrás das cadeiras, os guardas em fardamento de gala e os ombros cheios de medalhas; do outro lado os bombeiros também. vestidos em gala, depois mais oficiais o exército, o povo, e lá no alto das arquibancadas, milhares de crianças vestidas de branco.

Tudo lindo, tudo maravilhoso, mas eu não via nem uma bandeira, nem um retrato de nossa pátria. Aí me senti desesperado. Subi em um local alto e percorri os olhos várias vezes por tudo e, em um momento, meu coração quase parou de alegria, quando vi num canto, sorrindo para os que estavam perto, S. Exa., o Presidente da República.

Não quis acreditar, apertei bem os olhos quando me certifiquei que era mesmo o Presidente do Brasil que estava ali. Enfiei-me no meio do povo e acotovelando daqui e dali chequei até onde estava S. Exa. e chorando, lhe disse:

— Senhor Presidente, não vejo flutuando contra o meu céu de anil e de sol dourado, nem uma bandeira de meu Brasil. Olho nas fardas dos militares, na mão das crianças e nada, nada lembra a nossa bandeira. Se V. Exa. soubesse o que senti quando lá nos Estados Unidos vi por todos os lugares em que

relanceasse os olhos dezenas e dezenas de bandeiras, lembrando aos norte-americanos que acima de tudo está a pátria, a amada, a sagrada pátria.

Minha mãe me disse uma vez, que só quando eu fosse homem feito é que avaliaria o que devemos sentir por nossa pátria, mas eu senti no ano passado, quando estive na Europa e na última semana quando voltava dos Estados Unidos, e quando lá de cima do avião, vi a minha terra verdejante, o meu Brasil verde amarelo, azul e branco. Vi a Floresta Amazônica, vi os rios, as montanhas, as cachoeiras, o mar, tudo que se une para formar a minha adorada Pátria. E quando eu a olhava, lá de cima, recordava que minha mãe, meu pai e meu irmão, meus avós, minhas tias e primas, meus professores, o padre Luís, que com tanta paciência me ensinou o catecismo, minha primeira mestra, V. Exa., enfim, todo o povo que eu amo é brasileiro. Juro, Sr. Presidente, que uma onda de ternura invadiu o meu peito e eu chorei de alegria, alegria por ser brasileiro. Não precisa ser homem para saber que devemos amar a mãe-pátria. Mesmo menino, sinto o meu coração gritar de felicidade.

Se algum dia um estrangeiro se atrever a manchar a minha bandeira (mesmo se esta mancha for do tamanho de um grão de areia), serei menino na idade e homem no coração, o primeiro a levantar o fuzil para defender a minha bandeira, para defender o meu Brasil. Darei por meu país a minha vida com um sorriso nos lábios.

Mas estou triste, Sr. Presidente, triste porque não vejo, a não ser em dias de festa, o retrato de minha pátria por todos os lados e não posso conter um soluço de dor e amargura.

— Espere aqui, meu pequeno, não se vá embora. — Disse-me o Presidente, pondo as mãos levemente em meus ombros. — Mas, antes, diga-me como é o seu nome?

— Renato Lopes Mascarenhas.

O Presidente se foi e quando chegou na mesa coberta de veludo vermelho e de flores, disse bem alto:

— Senhores, hoje veio até junto a mim uma criança que me pediu... me pediu... — o Presidente estava emocionado — pediu que a bandeira brasileira, que é o retrato de nossa Pátria, esteja em todos os lugares onde exista um brasileiro.

E, por isso, vou decretar que de hoje em diante, em todos os lugares e todos os dias se veja flutuando a bandeira brasileira.

Um viva altíssimo, ensurdecedor, cobriu a voz do Presidente. A banda começou a tocar o Hino Nacional, e uma grande bandeira se levantava aos poucos num longo mastro, bem no centro da mesa de veludo vermelho. Todos jogavam pétalas de rosas, violetas e mil flores, que antes de tocarem o chão, se transformavam em bandeiras do Brasil que iam pousar nas mãos do Presidente, dos militares, dos homens, mulheres e crianças e depois voavam pelos ares e

entravam nas lojas e em todos os lugares onde se vendia qualquer coisa. E no dia seguinte saí para comprar uma bandeira e achei-a na primeira loja que entrei."

E assim Renato ganhou outra medalha, desta vez no primeiro mês de aula. Mais: foi presenteado com uma linda bandeira brasileira.

O Diretor, quando colocou a medalha de prata no peito de Renato, disse:

— Renato, receba esta medalha, pela sua inteligência, boa vontade, bom coração e bom caráter. Seus pais, irmãos e colegas devem orgulhar-se de você. Desejo que cresça assim, temente a Deus, amando sua Pátria, seus pais e seu povo. Deus o abençoe, meu filho.

Renato beijou a bandeira, e assim que chegamos em casa, gritou:

— Rober, por favor vá até o porão e traga-me pregos e o martelo. Leve-os a meu quarto. E ficamos até a hora de jantar estudando a melhor maneira, o melhor lugar para pendurar a bandeira. Ela foi pregada perto do poster de Jesus entre os carneirinhos.

Renato fez questão de que todos da casa vissem a bandeira. Trouxe até os cachorros e a gatinha Sisi. Papai estava estufado de orgulho, lia e relia a composição de Renato e dizia:

— Maravilhosa, linda, linda!

Na hora do jantar, papai disse ao Renato que ele poderia escolher um presente. O que Renato quisesse, para não pensar em preço e em nada, e eu cochichei:

— A moto, Renato.

— Uma moto, papai.

— Moto não, querido. — A voz de mamãe tremia. — muito perigoso.

— Que nada, mamãe, eu ando divinamente. Não se esqueça que eu sempre uso a moto de tio Carlos, lá na fazenda.

Papai tinha três fazendas de plantação de soja e criação de gado.

— Mas, você só tem treze anos, não poderia usá-la. Por favor, filhinho, escolha outra coisa.

— Está bem, mamãe, não quero vê-la preocupada. Escolha uma lancha, está bem assim?

— Oh! Filhinho, você é um anjo.

E lá no Guarujá, todos os fins de semana ficávamos passeando de lancha e papai nos ensinou a esquiar. Era fabuloso!

Capítulo 4

O PRESO

Na terceira série aconteceram coisas interessantes, mas o que mais deixou meu irmão comovido foi o dia em que o diretor o chamou e lhe disse:

— Renato, temos o pedido de um preso que cumpre pena na penitenciária do Estado. Ele quer conhecê-lo. Diz ter ganho o jornalzinho do colégio e que o leu todinho, adorando o seu trabalho sobre a bandeira.

Renato ficou maravilhado. Telefonou ao pai pedindo permissão para ir à penitenciária.

Fomos, Renato e eu, em companhia do nosso professor de português.

O preso tinha o rosto macilento, o olhar triste, deveria ter uns quarenta anos. Estava com roupa azul e os cabelos cortados e unhas limpas. Contou que matara um homem em uma briga em defesa de um velho.

Foi assim. Ele estava em uma venda, em Osasco, bebendo cerveja. O velho encostou a cadeira na parede de um tal jeito que só os dois pés traseiros ficavam no chão, os outros dois a uns vinte centímetros do chão. E foi aí que entrou um homem jovem, alto e forte e disse:

— Segurando a parede, hem vovô? Aposto que se pegar assim nos pés da cadeira o vovô cai de costas no chão.

E sem dar tempo ao pobre velho para se levantar, ele segurou os pés da cadeira e os puxou, largando rápido e o velho ficou estatelado no chão. Foi aí que o preso se voltou para o recém-chegado:

— Não faça mais isso. Respeite os velhos, pois esse homem aí poderia ser nosso pai.

E assim começou a briga. Os dois armados com facas lutaram e o preso venceu e sobreviveu, apesar de ficar bastante ferido. Ia ficar preso seis anos. Já tinha passado dois. Ele aprendeu a ler e a escrever na prisão. Também aprendera a amar e a venerar a Pátria. Ele também fizera um trabalho sobre a bandeira, e tirou do bolso um papel dobradinho e o entregou a meu irmão.

— Diga-me se gosta.

Renato leu alto. A composição era muito bonita. Renato o abraçou e o preso beijou-lhe as duas mãos com lágrimas nos olhos a escorrer-lhe pela face.

Depois disse com a voz embargada:

— Eu tenho um filho de sua idade que me despreza porque matei. Nunca mais senti seus braços em meu pescoço. Isso é muito triste.

O preso chorava. Esperamos ele se acalmar e ficamos atentos ao que ele falava:

— Eu quis conhecê-lo para lhe pedir um favor, senhor Renato. Soube que o senhor é o primeiro aluno da classe e que tem um bom coração, ajudando as pessoas que precisam do senhor.

Renato olhou para o nosso professor, ficando vermelho. Renato ficava encabulado quando o tratavam cerimoniosamente. O preso continuou:

— Meu maior desejo é ver o meu filho. Traga-o para mim. Sei que o senhor será capaz disso. Aqui está o endereço...

À noite, quando papai chegou, Renato pediu-lhe que o levasse à casa do preso, lá em Guarulhos. Chovia muito, nesta noite, e o carro de papai não conseguiu descer a rua indicada pelo preso. Era uma rua de terra com grandes buracos e com casas paupérrimas. Também não havia luz elétrica, nem na rua, nem nas casas. Fiquei olhando a rua com o coração batendo de medo. Papai fez questão de nos acompanhar e nunca mais aquela noite me saiu da cabeça.

Ainda ouço a risada de Renato, quando escorregou alguns metros e foi parar em uma poça de lama. E depois de uma hora, quando nos encontrávamos molhadinhos e sujos de lama, sem termos conseguido encontrar a casa do preso, olhamos um para o outro e batendo as mãos nas roupas para nos limparmos, começamos a rir sem parar. Papai permitiu que Renato e eu voltássemos no dia seguinte. Acordei com Renato abrindo a cortina da janela de meu quarto, gritando:

— acorde dorminhoco, olhe que dia lindo e cheio de sol, o céu está azul. Esqueceu que tem que ir à casa do preso?

Com o sol e o dia claro, a rua melhorou um pouco, e encontramos a casa. Era uma casa toda em ruínas, paupérrima e suja. Entramos, e encontramos a mulher e o filho do preso. O menino era magro, feio, mal vestido e petulante.

— Não conheço nenhum homem que esteja preso. Meu pai morreu quando eu era criança.

E eu de boca aberta ouvia Renato conversar com o menino, que nem parecia ter treze anos, era baixo e desnutrido.

— Como é o seu nome?

— Meu nome não interessa, quero que me deixe em paz. Não vou a lugar nenhum, moro neste lugar horrível que você está vendo, mas prefiro pisar a lama a pisar o cimento de uma cadeia. Eu...

— Mas, pense por favor na dor que sente aquele pobre homem que é o seu pai. Aquele homem que só matou para defender um velho. Ele sofre porque o filho o renega. Pense que ele é o seu melhor amigo. Contou-me que quando castigava você, sofria muito, talvez mais do que você, e que nunca o fez chorar senão para o seu próprio bem. Hoje sozinho, encarcerado, ele sente amargamente por lhe haver castigado algum dia. Vá meu amigo, vá onde está o seu pai, ponha a cabeça em seu peito e peça-lhe para abençoá-lo.

E assim eu ouvia o meu querido irmão enfiar na cabeça daquele menino raivoso, ternura e amor e quando o menino cobriu o rosto com os dois braços e começou a soluçar vi que lágrimas corriam pelo rosto de Renato. Ele virou-se e perguntou:

— Rober, você tem algum dinheiro?

Enfie a mão no bolso e dei-lhe o dinheiro com que ia comprar o presente da mamãe em homenagem ao dia das mães. Renato ajudou com o dele e disse ao menino:

— Aqui está algum dinheiro para você comprar algo que desejar para o seu pai. Penso vir buscá-lo no Domingo para irmos à cadeia, juntos.

O menino estendeu a mão, pegou o dinheiro e balançou a cabeça em sinal afirmativo.

Nessa noite, Renato convidou-me para dormir com ele e quando estávamos deitados, como de costume, disse:

— Rober, aqueles presos não me saem da cabeça. Ficam lá sem fazer nada. Você já pensou se eles tivessem alguma atividade, se executassem algum trabalho e o vendessem para ajudar no sustento da família? Ah! Rober, se eu pudesse fazer alguma coisa por eles.

E assim Renato pegou no sono, pensando naqueles que por uma infelicidade, ou por serem malvados, estão encarcerados.

Renato foi levar o filho do preso como prometera. Eu não o acompanhei porque no clube houve disputa de natação e eu era um dos participantes, mas depois Renato me contou que o pai e o filho ficaram abraçados uma porção de tempo, chorando sem parar. O filho disse que nunca mais faltaria nas visitas de domingo.

— Escute aqui, Rober: quantas roupas você tem? — Eu ri.

— Sei lá. Meu guarda-roupa está tão cheio que nem consigo fechar as portas.

— Então, esvazie-o, pois as roupas cabem direitinho no José.

— José? Quem é José?

— José é o nome do filho do preso. As minhas roupas são muito grandes.

Renato tirou novamente as melhores notas. Ninguém conseguiu alcançá-lo e ganhou mais uma medalha de ouro.

Neste ano papai não pôde deixar o Brasil e nós passamos nossas férias na fazenda de Mato Grosso.

Fomos para a fazenda no bimotor de seis lugares da nossa família.

Renato sabia pilotar, mas prometeu a papai que não ia mexer no avião, e não mexeu mesmo. apesar da turma de primos insistir muito.

Naquele dia senti quanto Renato respeitava nossos pais. Pensei que nada, nada no mundo o faria mudar. Ele cresceria, se formaria, teria filhos e seguiria o caminho leal e puro que papai nos abria.

Quarta série.

Renato estava com um metro e setenta de altura, forte e encorpado,

Qualquer um lhe daria dezoito anos.

Seu rosto adquirira uma expressão séria e compenetrada e continuou amigavelmente de todos. Mas nem todos eram seus amigos.

Logo no começo do ano, Renato fundou uma associação de jovens do colégio a que deu o nome de "Eu sou seu amigo" que tinha a finalidade de minorar o sofrimento do próximo. Eu também fazia parte da turma. Todos eram ricos e da alta classe de São Paulo. Da primeira reunião ficou acertado que iríamos abrir um poço em cada favela, e ensinar aos favelados como eram importantes para a saúde os cuidados de higiene. Assim Renato começou a organizar festinhas na nossa casa e na casa dos colegas. A primeira festa foi na nossa casa. Cada convidado pagava pelo convite cem cruzeiros. Dividimos a festa em duas, isto quer dizer de um lado os adultos; pais e parentes dos alunos do nosso colégio e de outro os alunos e alunas.

Renato pedia opinião a papai.

— Papai, o senhor acha que a turma de adultos ficará mais contente com o salão de festas (nosso salão de festas era enorme e ficava no subterrâneo, tinha até um palco) ou ao ar livre à beira da piscina?

E papai, rindo:

— Penso que primeiro devemos nos preocupar com os jovens. Você é que deve escolher, meu filho.

— Eu acho que o salão estará melhor para nós, pois temos um conjunto muito barulhento. O som irá além de nosso jardim e poderá incomodar os vizinhos.

— Concordo com você, meu filho.

Quando Renato desceu ao salão, o pessoal da iluminação estava experimentando a luz negra.

Durante a festa, vi Renato e Cilene de mãos dadas entrando no caminho estreito ladeado de roseiras, cheias de rosas desabrochando. Olhei para trás e só consegui ver os dentes e os olhos de meu irmão, já que ele estava de escuro e a luz iluminava só um pedaço do caminho.

Voltei para o salão e dancei sem parar. De madrugada, meus pais, Renato e eu, nos despedimos dos últimos convidados e Renato dizendo a nossos pais:

— Foi um sucesso! Milton que foi o caixa, disse que faturamos dez mil cruzeiros. Tirando as despesas nos sobram uns cinco mil cruzeiros. Amanhã já poderemos começar o poço e comprar uma porção de coisas para os favelados.

Nós quatro abraçados, entramos em casa.

— Durma comigo, Rober.

Estávamos cansados, mas bastante felizes e assim que deitamos ele me contou:

— Rober, beijei a Cilene lá no meio das rosas.

— Beijou? E ela deixou?

— Claro, nós nos amamos. Quando eu fizer dezoito anos nos casaremos. Aliás quando Cilene e eu fizermos dezoito anos, pois por coincidência nascemos no mesmo dia e mesmo ano. No próximo ano, vou trabalhar com papai na fábrica de plástico. Trabalharei com a turma da noite para não atrapalhar os estudos. Hei, Rober, acorde! Você está me ouvindo?

— Nem consegui abrir os olhos, mas, senti que o meu irmão me cobria aconchegando os cobertores bem no meu pescoço.

Quando chegamos à favela, encontramos as mulheres lavando suas roupas nas águas apodrecidas e verdes do rio Tietê, pois a favela era construída bem na margem deste rio, na avenida Pacaembu. Enquanto Renato e mais cinco jovens e dois poceiros iniciaram a escavação do poço, eu e o resto da turma começamos a ajudar os favelados. A prefeitura mandou um caminhão de água e as moças da turma ajudaram a dar banho nas crianças em bacias que tínhamos comprado, e vesti-las e calçá-las com tudo o que também tínhamos comprado. Varremos à volta dos barrancos. Enterramos o lixo. Pregamos as tábuas soltas. Cobrimos com telhas de zinco grandes buracos nos telhados. Jogamos bola com os meninos.

Cada um de meus colegas ficou encarregado de pagar escola para três ou quatro pais de família. Os de Renato quiseram aprender mecânica. Os meus escolheram marcenaria.

Pedi à mamãe que me ajudasse a cuidar de minhas três famílias da favela, pois, eu não tinha paciência. Foi a primeira vez que Renato ficou zangado comigo.

— Roberto, eu acho que esse não é problema da mamãe, já que você prometeu àquelas famílias zelar por elas. Nós somos bastante ricos, meu irmão, podemos muito bem gastar um pouco para amenizar a miséria daquela gente.

— Mas, eu já levei os três homens a uma grande marcenaria lá na Casa Verde. Apresentei os homens ao dono que é quem ensina. Paguei o curso completo. Hoje telefonei para lá e soube que os três vão indo muito bem, sem faltar um dia.

Renato bateu a mão aberta no meu ombro.

— Ah! Então desculpe-me, Rober. Confio em você. O que a senhora achou de nossa idéia sobre as favelas, mamãe?

— Acho-a maravilhosa, meu bem. Se todos os jovens de famílias abastadas agissem como vocês, penso que diminuiria o número de marginalizados. Se vocês quiserem eu poderei cooperar. Digam-me, o que eu poderia fazer?

Sentado no colo de mamãe, Renato apertou o queixo com o polegar e o indicador e ficou alguns minutos fitando o espaço, e depois enlaçando-lhe o pescoço disse:

— Mamãe, por favor, diga-me. O que a senhora faz durante o dia?

— Bem, pela manhã vou ao clube fazer ginástica, massagem, frequento a sauna, nado. Volto para casa, almoço, descanso um pouco, saio para compras, cabeleireiro, volto ao clube e depois regresso à casa para esperar você e Roberto. Ai você sabe o que faço. Seu pai e eu ficamos com vocês, conversando, assistimos televisão, jogamos e ajudamos os dois a prepararem as lições.

— Mamãe eu acho que... que... bem, a senhora não ficará aborrecida se eu completar meu pensamento?

— Se você não completar, como é que saberei se vou me zangar?

— A senhora vai desculpar-me, mas, eu acho que a senhora deveria aproveitar melhor o seu tempo. Digamos, tirar umas duas horas por dia em benefício dos necessitados. A senhora poderia organizar aqui mesmo em casa, no salão de festas, reuniões com suas amigas e combinariam o seguinte: cada uma de suas amigas renunciaria à compra de algum objeto caro. Tais como vestidos, sapatos, bolsas, enfim um mundo de coisas que existem aí por cem cruzeiros e que a senhora e suas amigas pagam mil e quinhentos cruzeiros. A mãe de Cilene por exemplo, comprou para a festa dois vestidos com a etiqueta Dener. Pagou dez mil os dois. Ora mamãe, se ela comprasse os dois vestidos por dois mil cruzeiros em qualquer outro lugar economizaria oito mil cruzeiros. Enfim, esses oito mil cruzeiros dariam para pagar cursos profissionais para os que precisam.

Renato saiu do colo de mamãe e em pé ficou olhando para ela.

— Diga-me, por favor, quanto custou esse sapato.

— Oitocentos cruzeiros.

— O vestido?

— Um e meio.

— Dois e trezentos. Aí está, mamãe, uma vez por mês a senhora e suas amigas deixariam de comprar isso. Um vestido e um sapato. Agora raciocinemos: dois e trezentos dariam para comprar uma máquina de costura. Fui visitar lojas e encontrei máquinas de costura maravilhosas até por quinhentos cruzeiros, e a diferença daria ainda para pagar o curso de costureira para diversas senhoras, mães de família que moram nas favelas ou em porões por aí.

Renato apertando a mão de mamãe entre as suas tinha um brilho divino nos olhos.

— A senhora já pensou, mamãe querida, quantas crianças teriam uma vida melhor se seus pais pudessem ter uma profissão e que pudessem exercê-la. Existem moças na favela que querem aprender a profissão de manicure, cabeleireira, costureira, overloquista, enfermagem, enfim. mamãe, mil profissões e porque não têm dinheiro para roupas, sapatos e para pagarem o curso ficam sofrendo, desesperadas, na miséria, marginalizadas, sufocadas pelo próprio meio em que vivem, sem uma esperança de vida melhor ou de um trabalho digno. Elas só precisam, mamãe, de uma oportunidade, não de coisas

ricas e luxuosas, não de belos vestidos e jóias ou etiquetas famosas, que só têm valor para satisfazer a vaidade de gente rica. Elas necessitam da oportunidade de um trabalho humilde, mas digno, que possa através de seu próprio esforço fazê-las afastar a miséria, a doença e a exploração. Elas só querem trabalhar! E os homens? Quantos coitados que não sabem nem que existe escova de dentes. Está vendo mamãe, é nisto que gostaria que a senhora nos ajudasse. Não adianta nada a senhora chegar à casa de uma família pobre e levar comida roupa, dar esmola. A gente precisa, estender a mão, mamãe, ensinar o trabalho, devemos levantar a família do chão e fazê-la andar junto com a família da gente. E para isso, é preciso ajudá-las a estudar e ter uma profissão. Temos que fazer essa gente dar valor a Deus, à sociedade, aos filhos. Digo isso porque encontrei nos barracos que visitei, homens e mulheres que nem tomam conhecimento de Deus, não sabem que existem praia, clubes e outros países. O que é mais grave: pais que desconhecem que o cérebro de uma criança não é igual ao de um adulto. Achar que a criança deve pensar como eles. Imagine a senhora que um favelado matou o filho de dois anos, porque ele pediu à criança uma garrafa de pinga, e a criança trouxe uma de outra bebida. Quase todos espancam as crianças por elas fazerem xixi na cama, sem compreenderem que uma criança com quatro anos ou mais, urina na cama porque tem problemas de saúde. Isso e mais centenas de coisas que poderia lhe contar. Isso obriga pessoas lúcidas e cultas como nós, da alta classe, a pensar em Deus, levando um pouco de luz, carinho e amor a essa gente.

Enquanto Renato falava, eu fixei os olhos no rosto de mamãe, que, muda, com os olhos marejados de lágrimas, parecia beber as suas palavras e quando ele parou, ela se levantou de um salto e o abraçou encostando sua cabeça no peito de Renato e só conseguiu murmurar:

— Meu filho, meu filho.

Depois levantando as mãos e acariciando o rosto de meu irmão — Renato era bem mais alto que mamãe, que tinha um metro e sessenta e quatro de altura, — disse:

— Como é bom ouvir isso de um jovem dessa época em que o que impera é o egoísmo e o salve-se quem puder. Como é divino ouvir tudo isso, ainda mais quando sai da boca de nossa própria carne. Sinto-me como se estivesse flutuando em um mundo onde só o amor ao próximo existisse. Oh! filho, filho, que Deus o conserve assim, para sempre, sempre, sempre.

Depois de um mês foi inaugurado o poço da favela do Pacaembu. Foi uma festa, com nossos pais presentes. Aliás os pais de toda a nossa turma. Renato puxou o primeiro balde de água entre uma salva de palmas, vivas e hurras. O balde nem tinha pousado na beira do poço e a turma já agarrava, dando um banho em meu irmão, fazendo a água salpicar em todos os que estavam presentes. Foi aquela gritaria!

A favela estava até bonitinha, tudo limpinho, terreiro, barracos, homens,

mulheres, crianças. Em todas as janelinhas, cortinas e uma porção de vasinhos e algumas flores já nasciam nas plantinhas, que tinham sido plantadas pelas crianças faveladas.

Houve distribuição de doces e refrescos. Todos misturados, milionários, ricos, pobres, ministros (o pai de Miltom), deputados, médicos, advogados, pedreiros, encanadores, costureiras, enfim, todos felizes. Renato não cabia em si de alegria, ainda mais que Cilene fizera questão de doar uma área de um alqueire em Guarulhos para a construção de casinhas de alvenaria para toda a favela. Eram vivas aos pais de Cilene que não acabavam mais. Era maravilhoso ver o pessoal de minha classe dando as mãos e levantando aquela gente da classe miserável. Tudo isso devíamos a um menino de quatorze anos, meu irmão. O que mais me emocionou neste dia foi a hora em que chegou um caminhão fechado e parou bem perto dos barracos. Mamãe pediu silêncio e disse (como estava linda a minha mãe, vestida de branco, com os longos cabelos de ouro brilhando mais que as estrelas que agora eram inúmeras lá no alto do céu):

— As senhoras que escolheram o curso de corte e costura, venham até aqui, por gentileza.

Algumas mulheres se aproximaram, Depois mamãe chamou Renato e pediu-lhe para abrir o caminhão. Renato pulou de alegria. Eram máquinas de costura. As mulheres beijaram chorando as mãos de Renato.

Foi tudo lindo. Naquela noite meu irmão me disse:

— Rober, meu coração está maior do que o mundo.

Certa noite alguém pediu para falar com Renato. Era aquele preso, o pai de José. Renato o recebeu na sala da frente e quando eu o ouvi convidá-lo para o jantar, corri para onde estava papai e gritei:

— Papai, Renato convidou aquele preso para jantar com a gente. Imagine o senhor a gente sentar-se à mesa com um homem que derramou sangue de outro homem.

Meu pai olhou-me demoradamente.

— Roberto, meu filho, esse homem deve sentar-se à nossa mesa, porque foi muito infeliz. Creio mesmo que foi mais vítima de um destino cruel do que culpado. O que aconteceu a ele poderá acontecer a qualquer um de nós. Ele já cumpriu nobremente a sua pena ficando atrás das grades vários anos. Devemos esquecer a cadeia, e aceitá-lo como um cidadão limpo e puro. Vá, meu Roberto, dê o braço ao pobre homem, não o despreze, ele precisa que jovens como você o integrem na sociedade, só assim terá forças para nunca mais pecar.

Renato até arregalou os olhos quando eu cheguei e disse:

— Meu caro senhor, aceite o meu braço para que eu possa acompanhá-lo à nossa mesa para o jantar.

Timidamente o homem colocou a mão em meu braço e abaixou a cabeça

envergonhado, mas sorriu quando ouviu Renato:

— Agora a outra mão em meu braço, finja que eu sou o seu filho José.

Meus pais já o esperavam na sala de jantar e o cumprimentaram alegremente. Foi no jantar que ficamos sabendo como vivem os nossos presidiários. Ele nos disse que ficar preso é como morrer. Seu cérebro não conseguia captar um raiozinho de felicidade, e o mais triste é não ter o que fazer. O preso fica dias e dias, andando daqui para ali sem ter uma ocupação e que ele trazia uma lista de cem assinaturas de presos que pediam a Renato para que ele os representasse junto ao Governador do Estado para obter-lhes trabalho.

— E o senhor, está trabalhando?

— Não, meu filho. Tenho procurado muito, mas quando vêem que sou ex-presidiário todas as portas se fecham.

Foi tão engraçado, mal o homem terminara de falar se ouviu "papai e um querido" saindo ao mesmo tempo das bocas de Renato, mamãe e da minha. Até parecia coisa combinada e rimos todos, até o preso. Aí papai falou:

— Já sei. O senhor está empregado, procure o meu gerente amanhã às oito horas na Indústria de Plástico.

No dia seguinte na reunião "Eu Sou Seu Amigo" ficou decidido que cinco da turma iriam à Penitenciária falar com o Diretor.

O Diretor disse que se tivesse trabalho para os presos fazerem, eles aceitariam com muito prazer, pois só pensavam nisto.

Então, a turma começou a visitar fábricas e oficinas. Começamos pela fábrica de jogos de plástico para banheiro, cozinha, capas de máquinas de lavar, aventais, etc. que comprava plásticos de papai. O dono da fábrica de jogos tinha aumentado a fábrica e ia precisar de vinte novos empregados. Concordeu em dar as vinte vagas aos presidiários. Mandou um de seus homens de confiança ensinar o trabalho aos presos. A nossa associação providenciaria as máquinas. O Diretor da Penitenciária arranhou um salão dentro da cadeia e as carteiras de trabalho, e os vinte foram registrados. Depois de um mês o dono da fábrica de jogos convidou a turma para ver os jogos que já tinham sido feitos. Disse que nunca tinha visto um trabalho tão perfeito. Uma fábrica de roupas para homens também fez lá dentro da penitenciária a sua oficina, empregando quinze homens. Depois foi a vez da fábrica de vasos, de objetos de arte, de malhas, de calçados. Enfim, no fim do ano não se deu conta dos pedidos de gente que queria os presos como empregados. Nós levamos muito, e muito trabalho para dentro da penitenciária. O ordenado era pago todos os meses, nos dias certos. Não havia preso que tivesse faltado ao trabalho um dia. Aqueles que não sabiam fazer nada aprendiam com os outros.

Ah! esqueci de falar que os presos exigiram do Diretor que fosse descontado um tanto por cento do ordenado para pagar a comida na cadeia, e o

que sobrasse era entregue às suas famílias, já que não era permitido ficarem com o dinheiro. Aqueles que não tinham família, o dinheiro ia para a Caderneta de Poupança.

Um dia o Diretor convidou minha turma para uma visita à cadeia e nos apresentou aos presos. Contamos como conseguimos o trabalho para eles.

Foi aquela festona, ganhamos uma porção de coisas feitas por eles.

Quando nos despedimos do Diretor, ele disse:

— Parece um sonho que tudo isso tenha acontecido realmente. Os presos estão animados e felizes, ninguém mais vê em seus olhos a sombra da revolta. Tenho certeza que ao saírem daqui entrarão na sociedade, levando no coração bons sentimentos. É, meus jovens, a nobreza está no trabalho. Deus os abençoe.

Capítulo 5

A CRIANÇA

Naquela ocasião, também conhecemos nas ruas da cidade as nossas crianças abandonadas, Logo a minha turma se pôs em campo para ajudá-las a se ajustarem à sociedade.

Foi o nosso mais árduo trabalho. Pois a criança, o alicerce de nossa Pátria, tinha que ser tratada com desvelo, amor e segurança. E, como sempre, meu irmão organizou tudo.

Naquela ocasião tinha saído na revista Fatos & Fotos que mais de trezentas famílias brasileiras queriam adotar uma criança vietnamita. Então Renato arregimentou quase todos os estudantes do Rio Negro e do Silon e os colocou na luta.

Cada um teria que visitar uma dessas famílias e convencê-la a adotar uma criança brasileira.

Renato me disse:

— Você, Rober, visite essa família. Rua Jorão nº 810, no Morumbi. São pessoas milionárias, elas querem adotar duas crianças do Vietnã do Sul, já pediram junto à embaixada vietnamita as crianças.

— Mas se elas já pediram à embaixada não vão nem me atender. Você acha que a família vai se interessar por crianças brasileiras se querem vietnamitas?

— Ai é que precisa entrar o seu "charme". Tchau, Rober, e boa sorte, vou a uma casa no Pacaembu. À noite conversaremos.

Assim que Renato saiu, corri à procura de mamãe, que estava na sala de visitas com algumas pessoas. Entreabri a porta e espiei. Quando mamãe olhou para o meu lado fiz: psiu, psiu, chamando-a. Mamãe veio.

— Por favor, preciso discutir com a senhora um probleminha. Fomos para a outra sala.

— Mamãe, sabe que o Renato pediu-me que eu fosse à casa dos Moraes convencê-los a desistirem da adoção de crianças sul-vietnamitas e a adotarem brasileiras? Ah! Mamãe, que coisa chata. A senhora já pensou? Eles vão pensar que estou louco. Eu sou pequeno para essas coisas, só tenho treze anos.

Mamãe riu.

— Tem só treze anos, mas é um menino muito inteligente, que cursa a quarta série e fala três idiomas. É um menino que toca piano e violão, é obediente e respeita a Deus, aos mestres, aos pais, ao irmão e à família e é dono de um grande coração.

Eu olhei assustado para a mamãe.

— Puxa, mãe, eu sou tudo isso aí? A gente nem percebe. Mas, a senhora se esqueceu de enumerar a minha timidez. Ah, mamãe, juro que não sei o que

falar. Não sou como o Renato que tem tudo na ponta da língua. O que faço, mamãe? Me ajude, vá.

Mamãe me apertou em seus braços.

— A mamãe irá com você. Nós haveremos de convencer os Moraes. Aguarde um momento, vou me despedir das amigas.

Mamãe guiava o seu carro azul com a expressão tão tranqüila que lá, dentro de mim, tudo dizia para eu não me preocupar que daria tudo certo.

Chegamos ao endereço indicado, mas não conseguimos ver a casa, pois, as grandes árvores que rodeavam as grades cinzentas, nos impediam. Mas o pouco que eu pude divisar do parque e de tudo, foi o suficiente para chegar à conclusão que os Moraes deveriam ser multimilionários. Mamãe falou com o porteiro e ele nos disse que os Moraes não estavam em casa, mas que ele iria anotar o nosso telefone e que no dia seguinte saberíamos se podíamos ser recebidos por Madame Adélia Bertoli Moraes.

Sem querer, respirei aliviado quando ouvi que os Moraes não estavam em casa. Mamãe até riu e disse:

— Já que estamos no Morumbi, meu filho, que tal ver lá de cima a grande São Paulo e comer um saquinho de pipocas bem quentinhas?

Quando voltamos para casa, encontramos Renato conversando com papai e quando nos viu, veio correndo, (parece que o vejo igualzinho àquele dia, todo de branco, com os cabelos negros esvoaçando pelo ar, com os braços levantados) gritando:

— Vitória, vitória, mamãe! Rober, conseguimos, conseguimos, cinquenta renúncias às crianças estrangeiras e a adoção de crianças brasileiras. E você, Rober, como se saiu?

— Os Moraes telefonarão amanhã para ver se podem nos atender.

No dia seguinte, quando voltamos da escola, o nosso porteiro disse:

— Tenho um recado para o Sr. Roberto.

— Pô, Walter, já cansei de lhe falar para não me chamar de senhor. E já sei qual é o recado. Os Moraes.

— Sim, senhor.

— Baaa, você não tem jeito mesmo. Vão ou não vão?

— A entrevista está marcada para as 19 horas.

Renato olhou o relógio.

— Então já devemos ir, são 18:30.

— Oba, Renato, você também vai?

— Vou, mas quem vai falar é você.

— Me tira dessa, vá, Renato. Não tenho jeito para essas coisas. Prometo que darei minha mesada desse mês para a nossa turma, se você falar por mim.

Renato bateu com as mãos abertas no meu joelho.

— Está bem, Rober, falarei por você, mas sem valer a mesada, pois você

tem nos ajudado muito.

Depois mandou o chofer seguir para a morada dos Moraes.

Jamais, nem que viva mil anos, me esquecerei da bonita figura do menino alto, magro, com os olhos brilhando, os cabelos compridos, no meio daquela sala, cheia de estátuas, e as crianças adotadas, tão gordas, fortes, felizes e sorridentes. É só a gente chegar, elas pulam nos braços, rindo e gritando de felicidade.

Eu estava com uma criança no colo e procurei ver a outra e a vi nos braços de Renato. Nossos olhos se cruzaram e vi que os de meu irmão estavam cheios de lágrimas.

Daquele dia em diante, centenas de famílias brasileiras adotaram órfãos e crianças abandonadas. Daqui a alguns anos, o brasileiro vai sentir o resultado desse amor ao próximo, vendo diminuir a criminalidade, pois, uma criança que poderia ser um bandido estará dentro do lar que um brasileiro lhe ofereceu, estudando, bem alimentada, bem vestida, e só pensando em ser útil à sociedade.

Ninguém nasce mau, A sociedade é que o fabrica. Estou dizendo isso porque uma família que procuramos, disse ter medo de levar para a sua casa uma criança abandonada, pois, não sabia se em suas veias corria o sangue de bandido.

Foi aí que meu irmão disse que ninguém nasce bandido, bandido se fabrica.

Nós também temos a nossa criança de criação. Foi Renato que a escolheu. Um dia fomos com mamãe visitar um asilo de crianças. Quando íamos passando pelo corredor vimos em uma sala um nenezinho que gritava sem parar. A moça que o segurava disse que ela havia sido encontrada no mato da Vila Medeiros, e que aquela inchação no olho direito era proveniente de picadas de insetos. Que o neném estava todo enrugado porque era só pele que lhe cobria os ossinhos. Tinha chegado naquele momento e ia ser medicado. Renato pediu para ajudar e todo o tempo em que a menina de três meses ficou tomando soro, ele não saiu de perto. Mamãe e eu visitamos as crianças e voltamos para a sala onde Renato estava com o bebê. Foi o bastante olhar para ele para sentir que não deixaria mais a criança.

Conseguimos licença para que a criança ficasse no melhor hospital infantil, pago por meu pai, até que os papéis de adoção ficassem prontos.

Renato era o padrinho de Rosana e Cilene, a madrinha.

Assim era meu irmão adorado, puro, bom, prestativo, ativo, estudioso, enfim sem falhas. Esse livro não daria para enumerar as qualidades de meu irmão; até que um dia...

PARTE NEGRA

Capítulo 6

O COLÉGIO

Naquele dia acordei ouvindo o barulho do cortador de grama que o jardineiro manejava bem debaixo de minha janela. Aquele cheiro de mato cortado entrava pelas frestas da veneziana e eu respirava bem fundo para que aquele ar perfumado penetrasse em meus pulmões. Depois senti a Tuli, nossa cachorrinha, raspar a porta baixinho para entrar. Sabia que eram seis horas. Todos os dias era a mesma coisa e eu nem precisava olhar para o relógio. Pulei da cama. Abri a porta. Tuli pulou por todos os lados, latindo e abanando o rabinho. Eu fui para a janela e olhei o lindo dia que despontava, todo azul e amarelo. Acenei para o jardineiro, depois corri para o banho, vesti o roupão e abri a porta do quarto e parei para ver Renato, cantarolando, descer as escadas de dois em dois degraus e já no saguão beijar mamãe, que sempre nos esperava para tomar café, e ri alto, quando ele a levantou nos braços e passeou por tudo com ela no colo, rindo e fingindo que ia deixá-la cair.

Nunca vi Renato tão tagarela, enquanto tomávamos café, mas, no carro ele falou um pouco triste:

— Não sei por quê, mas gostaria de não ir ao colégio hoje.

— Que é isso, mano, justo hoje que começam os exames.

— Ah, já nem me lembrava.

— O que há Renato, algum problema?

— Nada. Ou melhor, estou com uma tremenda dor de cabeça.

O chofer ouviu e perguntou se queríamos parar em alguma farmácia. Renato não quis.

— Isso passa. Obrigado.

Quando entramos no colégio, vi que Mário veio sorrindo em nossa direção e disse (Mário nunca mais, desde a briga, nos cumprimentara):

— Oi, Renato, posso falar com você?

Renato sorriu, mas eu fiquei sério, olhando para Mário, com o sobrolho franzido. Ouvi o que ele falava:

— Sabe, Renato, analisei bem a nossa situação e cheguei à seguinte conclusão: não devemos continuar com esse rancor bobo, já que o ano se finda e não pretendo continuar nesse colégio no próximo ano. Que tal apertarmos as mãos?

A mão de meu irmão apertando a mão de Mário e sua voz calma e amiga:

— Penso como você, Mário, não devemos nos deixar envolver por probleminhas infantis. Sejam os amigos.

Mário virou-se para mim e esticou a mão, eu ia levantar a minha, mas quando fixei meus olhos nos seus, vislumbrei lá no fundo de seu olhar algo duro, mau. Abaixei a mão, virando-lhe as costas e entrei na sala de aula, não antes de

ver que Mário dava o braço para Renato e seguiam os dois, em direção à lanchonete. Logo mais, Renato veio para a classe bem na hora que começaram os exames. Olhei para Renato e vi que ele suava muito e passava a mão constantemente pela testa.

— Que foi, Renato?

— Nada, nada. Tomei um comprimido que o Mário me deu para passar a dor de cabeça. Eu...

O professor pediu silêncio. Mas, eu não conseguia me concentrar no exame. Todos os momentos levantava os olhos e ficava com o coração batendo desordenadamente por ver meu irmão tão inquieto.

Na saída, Mário apareceu outra vez, falando que a turma dele tinha resolvido fazer uma festa em benefício dos favelados que Renato ajudava naquele momento e que meu irmão devia ir à reunião deles. Renato me convidou, mas eu preferi ir para casa e avisar mamãe, como Renato pediu. Na hora do jantar, Renato ainda não havia chegado, o que deixou mamãe muito preocupada.

— Ora, querida, Renato não necessita de tanta vigilância. Ele é um menino responsável. E depois ele cresceu, não é mais o menininho que tem de ficar agarrado à saia da mamãe.

Papai riu e abraçou mamãe, indo para o salão de visitas. Eu subi para o meu quarto e fiquei pensando em Renato. O que ele poderia estar fazendo até aquela hora (vinte e duas horas) fora de casa? Aí me senti mais tranqüilo, quando me lembrei que uma semana antes a minha turma discutiu sobre a puberdade e Renato disse:

— Rober é muito criança para ouvir certas coisas.

— Que é isso Renato, já estou com treze anos, com essa idade você já tinha namorada, lembra-se? Gostaria de saber o que é puberdade.

— Ah! É mesmo.

Então Renato ficou me explicando que puberdade é a idade em que os seres humanos adquirem capacidade para procriar.

— Se é assim, vamos fazer um programinha. Sei onde existem garotas para essas coisas.

— Não, não, deixe para quando você fizer quinze anos.

Meu irmão já tinha mais de quinze anos. Era isso, devia estar com alguma garota. Assim pensando adormeci, mas acordei logo, quando ouvi três batidinhas na porta de meu quarto, pulei rápido da cama, pois sabia que era Renato e quando abri a porta e olhei para o meu irmão, vi que os olhos dele estavam bem vermelhos.

— Renato, o que foi que aconteceu?! Você já falou com mamãe? Ela estava tão preocupada! Seus olhos, mano, por que estão tão vermelhos?

Renato bateu com as mãos abertas no meu rosto e falou com uma voz que

nem parecia a dele.

— Tudo bem, Rober, você sabe, a gente já precisa de garotas, agora durma. Até amanhã.

— Boa noite, Renato.

Quando ele ia saindo, virou-se e disse:

— Responda-me uma coisa Rober, porque você trancou a sua porta à chave?

Aí eu também fiquei admirado, pois nem reparara nisso.

— Nem sei, não percebi que a tinha trancado.

Ele pensou um pouco e depois disse:

— Sabe de uma coisa? Acho bom que daqui para a frente você a tranque sempre.

— Mas, porque?

— Também não sei explicar.

Na manhã seguinte, quando estávamos tomando café, mamãe comentou a inchação que aparecia em volta dos olhos de Renato.

— Ora, mamãe, é que li muito, depois dos exames tudo voltará ao normal. Agora, tchau, mamãe, vá lá um beijo.

Logo que descemos do carro, Mário e sua turma cercaram Renato e todos foram andando, rindo e brincando. Eu fui para a minha sala sem compreender porque no lugar do coração, sentia um tremendo peso, mas logo passou quando vi Renato entrando super alegre. Nunca o vira assim, falava alto, ria, brincava com todos, soltava piadinhas, mas, na hora do exame vi que ele não conseguia se concentrar. Na saída foi a mesma coisa do dia anterior, ele saiu com Mário e sua turma.

Quando cheguei em casa, mamãe me olhou assustada.

— Onde está seu irmão?

— Saiu com a turminha do Mário.

— Mário?

— Sim, mamãe.

— Mas, Mário não é aquele menino que bateu em um pobre velho bêbado?

— É, mamãe.

— Ele não era inimigo de Renato?

— Pediu desculpas e estendeu a mão à procura de amizade. Assim são amigos.

— Amigos, mas assim tão de repente?

— Eu também não aprovo essa amizade, mamãe. A turma de Mário é de péssima conduta. Eles não respeitam nenhum dos professores, ouvi dizer que no próximo ano o colégio não vai mais aceitar suas matrículas.

— Preciso conversar com seu pai. Por favor meu filho, ligue para o papai e diga-lhe para vir urgente, estou muito nervosa para falar ao telefone.

Papai chegou em uma hora se queixando do trânsito e quando mamãe contou porque o chamara, ele riu muito.

— Mas, querida, não se preocupe, você não vê que esse é o problema de todos os adolescentes? Reunião em turminhas, bate-papos, lanchonetes, namoradas, vamos lá, meu bem, como lhe expliquei ontem, nosso filho sabe o que está fazendo. Ele é muito seguro, não vai se deixar seduzir por más companhias.

Papai andou pela sala virando rápido com os braços abertos e batendo nas coxas, disse alegre:

— Quer saber de uma coisa? Renato é incorruptível. Confio tanto em meu filho que o deixaria livre pela grande cidade sem me preocupar com sua idade. Agora um sorriso, querida, e confie um pouco mais em nosso filho.

Mamãe se animou e acabou concordando com papai que eram apenas problemas da juventude.

Naquela noite não vi Renato chegar, e no dia seguinte quando nos dirigimos ao colégio, eu lhe disse:

— Renato, hoje é dia da reunião do "Sou Seu Amigo", você irá ou vai preferir a companhia de Mário?

— Ah, Rober, foi bom você tocar nesse assunto, eu gostaria que você me substituísse hoje.

— Substituir como?

— Ora, mano, você será o chefão. Chega lá e diz que eu estou doente e que o mandei, ou invente qualquer coisa. Tá bom?

— Mas, o que há, hem, Renato? Não estou te entendendo! Você falando gíria?

— Eu? Que foi que eu disse?

— Tá bom.

— Ah!

— Você está tão estranho.

— Ora, Rober, você está vendo fantasmas.

— Então me responda: o que você vai fazer depois da aula?

Renato pensou um pouco e depois disse:

— Quer saber mesmo?

— Quero.

— O pai de Mário emprestou a fazenda lá em Mato Grosso para um festival de música, ou melhor, de "rock", e eu estou organizando tudo. Cinquenta por cento da renda será para "Eu Sou Seu Amigo".

Senti um arrependimento tão grande de ter pensado mal de Renato que o abracei com lágrimas nos olhos. Ele riu.

— Que foi Rober?

— Oh! Renato, me juntei às preocupações de mamãe. Temi pelas más

companhias. A conduta da turma de Mário é péssima.

— Nem tanto Rober. Mário é um jovem inseguro e sofre de períodos de melancolia. Ele me contou que age sempre com violência porque não encontra alegria em nada de bom que a vida nos oferece. Você entende, apesar de se mostrar valentão, Mário é um jovem tímido e tem vergonha até de beijar uma garota. Um dos amigos de Mário me contou que ele levou um ano para beijar a namorada. O negócio não é cômico, não, mano, é grave. Ele precisa de um amigo que lhe incite coragem. Eu me propus a isso, você entende né?

— Entendo, Renato, juro que não tocarei mais no assunto.

O comportamento de Renato continuou igual, com papai e mamãe acreditando em ânsia da juventude e eu acreditando em festival de música. Repetiu o ano.

Papai conversou com Renato e ele disse nervoso:

— Errar é humano. Você não ia querer uma coleção de medalhas de ouro né?

Senti que papai ficou sem saber o que responder. Por muito tempo ficou olhando Renato, sério, e depois falou:

— O que há, meu filho? Sinto-o tão mudado. Se alguma coisa o preocupa fale com seu pai, vamos.

Renato andou pela sala agitando os braços.

— Mas, afinal, não entendo tantos cuidados. Não tenho nada, só que não fui bem nos exames e pronto. Parece que o mundo caiu.

— Não é sobre os exames que estou falando Renato, sua mãe anda apreensiva porque você não tem se alimentado e constantemente se queixa que está com a saliva seca. Eu também tenho notado que seus olhos se apresentam sempre inchados. Na minha opinião você deve consultar um médico.

— Ora, papai, já expliquei à mamãe que isso tudo é porque ando trabalhando muito no festival de "rock", que começará no próximo sábado. No final do festival irei para a nossa fazenda. Prometo que lá comerei um boi inteirinho e tomarei mil baldes de leite.

E assim Renato justificou a quarta série perdida e pediu permissão para passar cinco dias no festival.

— E seu irmão, porque não vai?

— Porque ele não gosta de Mário.

O ano escolar começou com novos amigos, pois só Renato e eu éramos repetentes.

Fiz amizade com Marcos, um jovem inteligente que era filho de um investigador de polícia. Uma tarde, na hora da saída, encontramos o investigador conversando com o professor Mariano.

Marcos pediu-me para esperar alguns minutos pois ele ia ver do que se

tratava. Quando ele voltou me disse:

— Papai veio pedir informações a respeito de um tal Mário Figueiredo.

— Mário Figueiredo?

— É. Você o conhecia?

— Mais ou menos, mas o que houve?

— Ele foi preso.

— Preso? Mas por que?

— Fuma maconha e é suspeito de viciar estudantes aqui do colégio.

Senti meu coração disparar e acho que todo o sangue fugiu do meu rosto, porque Marcos falou rápido:

— Mas, por que você ficou tão branco?

Passei a mão, pela testa e a senti gelada.

— Nada, nada. Escute Marcos, onde está o Mário agora? Está na cadeia?

Não, a polícia entregou-o ao pai. Você entende, menor não fica preso.

— Como à que a gente sabe que uma pessoa está viciada em tóxico?

Bem, eu não sei explicar direito, você entende. Só tenho quatorze anos, mas sei que a pessoa começa a perder o apetite, fica com a saliva seca, olhos vermelhos e inchados.

Meu pensamento correu a buscar a imagem. de meu irmão, batendo na porta de meu quarto naquela primeira noite que voltou tarde e quando abri a porta vi seus olhos vermelhos. Depois, de manhã, na hora do café, mamãe perguntando porque seus olhos estavam tão inchados. Depois a falta de apetite e a saliva seca.

Olhei para Marcos e sem poder articular uma palavra, virei-lhe as costas e fui correndo para o nosso carro. Fiquei surpreso ao ver Renato sentado no banco de trás, coisa que ele não fazia nunca, e também fiquei intrigado de Renato querer voltar tão cedo como fazia antigamente.

— Oi, Renato, você vai para casa?

— Claro, onde você queria que eu fosse?

— Talvez consolar o seu amigo Mário.

Renato me olhou assustado.

— Por que eu deveria consolar Mário?

Pela primeira vez senti uma grande revolta contra meu irmão, e procurei falar tudo o que tinha guardado dentro de mim.

— Ora, Renato, não seja cínico. Você sabe muito bem que espécie de homem é o Mário.

— Sinceramente, não estou entendendo nada.

— Não entende, nem que anda tomando tóxico? — Falei entre dentes para o chofer não escutar.

Por um momento, meu irmão ficou me olhando com os olhos bem abertos e mudo, depois gritou:

— Quem foi que lhe falou tamanha besteira? Fale, fale logo que eu vou lá partir-lhe a cara.

— Se eu fosse você partiria a cara de um sujeito: Renato Lopes Mascarenhas.

— Olhe aqui, Rober, não admito que você fale assim comigo, você entende?

— Falo quanto quiser Renato, porque a nossa família não merece isso. Hoje mesmo vou falar com o papai.

Renato gritou:

— Pare o carro, Walter. Vou tirar esse sujeitinho daqui a socos.

— Calma, seu Renato, o senhor não deve fazer.

— Pode deixar, Walter, eu não tenho medo da altura, das pernas fortes e dos músculos de Renato. Pode parar o carro, estou mesmo com vontade de dar uma surra em pessoas de espírito fraco.

Mas Walter não parou o carro e dobrou a velocidade. Isso acalmou meu irmão que falou baixo:

— Escute aqui, Rober, não precisa contar nada a papai porque tudo não passou de uma terrível experiência. Eles iriam sofrer muito, você entende? Eu peço, por favor, e prometo que nunca mais olharei para qualquer tóxico. Juro solenemente. — falou com sua mão levantada.

— Você está dizendo isso por que está com medo da família ou está sendo sincero?

— Estou sendo sincero.

— Francamente não sei como você caiu nessa.

— Eu também não entendo. Você se lembra daquele dia que estava com dor de cabeça e o Mário me deu aquele comprimido? Pois bem, aquilo era entorpecente. Eu não sabia, você entende. Mas, quando Mário me convidou para aquela reunião, eu lhe contei que estava com um formigamento na mão e tonto e que também sentia formigamento nas pontas dos pés, ele me disse: — Vamos até a casa de um amigo de papai que é médico. — De fato, lá estava, um jovem todo de branco que me aplicou uma injeção, aí eu fiquei deitado, vendo coisas apavorantes. Queria gritar e não podia. Quando tudo acabou, eu estava quebrado, você entende? Assim com as pernas e os braços moles, dor de cabeça e um mundo de coisas. O médico me deu outro comprimido e eu me senti melhor. Daí a algum tempo descobri que o "médico" é um traficante de tóxicos, mas eu já estava dentro deles. Ah, Rober, tudo é tão medonho. Esse traficante é o responsável pela distribuição dos tóxicos nos colégios.

— Mas isso é horrível, Renato. Você precisa denunciá-los à polícia. Devemos destruí-los antes que outros estudantes caíam nesse poço escuro. Vamos, mano, vamos à polícia.

— Você está louco, Rober. Você não entende, eles são muitos. Se a gente se

meter nisso está sujeito a levar uma facada pelas costas ou então eles se vingam em qualquer pessoa da família. Mário me contou que em Brasília foi raptada e morta uma menina, por traficantes de tóxicos.

— Mas, aqui em São Paulo é diferente. Você não ouviu sempre papai dizer que o nosso Secretário da Segurança, o Coronel Erasmo Dias, é o mais competente Secretário da Segurança que São Paulo já teve? Ele combate mesmo os bandidos, sem medo desse ou daquele. Vamos, mano, vamos à polícia sem temer, pois ficaremos debaixo da capa protetora do Coronel Erasmo Dias.

— Não posso, mano. Você entende e depois nem sei quem são ou onde se encontram. Você entende, eles colocam os estudantes na frente, na luz e ficam escondidos no escuro, nas sombras.

— Mas, como os estudantes compram drogas? nunca vi nada suspeito no colégio ou adjacências.

— Os traficantes não querem que os estudantes corram risco para adquirirem a erva, por isso convidam a irem às suas casas. Isso até viciar o estudante. Depois mandam um "secretário" entregar a droga. Esse "secretário" sempre é um estudante.

— No nosso colégio esse "secretário" é o Mário, não é?

— É. Mário entrega a cada estudante viciado um pacau, por um preço que varia de 50,00 a 100,00 cruzados, e se o estudante conseguir viciar outro estudante, tem desconto de dez por cento.

— Mas, isso é um crime horrível, Renato. Temos que fazer alguma coisa. Nós temos que falar com o papai.

— Na-o, na-o, papai e mamãe não devem saber de nada, esse problema não é nosso e nem deles. Você entende?

— Como não é nosso?! Então você se vicia por aí e diz que o problema não é nosso? Claro que é!

— Por enquanto deixe como está, Rober. Já disse que não volto a puxar fumo. Já disse que tudo foi um pesadelo medonho, você entende?

— Só entendo uma coisa, Renato. Você vai se recuperar, se Deus quiser, mas, os outros? Quantos estudantes esses traficantes viciam por dia? É pensando neles que devemos ir até à polícia. Você tem que contar tudo à polícia, ser como sempre foi, em defesa do fraco. Você vai ver como todos ficarão orgulhosos de você.

— E aí ganharei outra medalha de ouro né, Rober, e a medalha de ouro lá pendurada na parede de meu quarto, e talvez papai e mamãe, você ou Rosana, com um tiro nas costas jogados por aí em qualquer estrada, em qualquer mato. Não, Rober, não é assim tão fácil. Quem coloca o pé nessa teia negra fica enroscado a vida toda.

— Mas, converse com papai, pelo amor de Deus, ele o ajudará, deve existir algum meio.

— Algum dia, talvez, Rober, eu fale com papai. Hoje não, você entende? Hoje não, não estou em condições de dialogar com ninguém. Você entende?

— Está bem, Renato, mas lembre-se que papai é nosso grande amigo, ele saberá o que fazer.

— Falarei com papai, falarei, mas na hora certa. Juro, juro que falarei, mas, agora mude de assunto, pois começo a tremer todas as vezes que fico nervoso, não sei o que há, mas sinto uma queentura correr pelo corpo todo e concentrar-se no rosto e parece que ele pega fogo.

Renato apertou o rosto nas mãos abertas e assim ficou até que chegamos em casa.

Assim que papai chegou, foi logo abraçando Renato e falando alegre:

— Então, meu filho, volta a jantar conosco? Fico muito contente, você não pode fazer uma idéia de como me sinto quando vejo a sua cadeira vazia.

— Ora, papai, o senhor entende, são coisas da adolescência. Aposto que no seu tempo a moçada fazia a mesma coisa. Alguns bate-papos, ouvir som, e outras coisas, o senhor entende.

Papai riu.

— Eu disse à sua mãe, que essas suas fugidinhas ao cair da noite são naturais. Só espero que compreenda a nossa preocupação, Renato, e não volte depois das dez.

Papai e mamãe riram à toa e eu me sentia cortar lá dentro, sentindo o que eles poderiam sofrer se Renato não cumprisse a promessa de não usar mais tóxico.

— Coma, meu filho, olhe essas empadinhas estão uma delícia, até a Rosana está gostando.

Renato olhou para Rosana, que sentadinha na cadeira alta estava fazendo a maior lambuzeira, Renato tentou dar de comer, mas vi que suas mãos tremiam e para que meus pais não percebessem eu fingi que estava passando mal e pedi a Renato para me acompanhar.

No quarto:

— Eu estava encenando mano, você tremia muito.

— Eu percebi.

— Espere que vou à cozinha e lhe trago uma porção de coisas boas.

— Não, não Rober, quem não está bem sou eu. Desça e diga a mamãe que vou dormir cedo. Peça para não me incomodarem. Até amanhã, Rober.

Nos dias que se seguiram, Renato voltou sempre comigo para casa depois da escola, mas, todos nós víamos que a sua saúde piorava. Ele tremia cada vez mais, ao ponto de não conseguir pegar nos talheres para comer ou nas alças da xícara para o café.

Não comia, não falava, não ria. Suas notas eram as piores da classe. Andava sempre agitado, abrindo e fechando as mãos e seus olhos iam de um

lado para o outro procurando alguma coisa que só eu sabia o que era: tóxico.

Renato não queria de forma alguma ir consultar o médico. Era só falar em médico que ele começava a gritar e se trancava no quarto o tempo todo.

Um dia, eu resolvi conversar com papai sobre a doença de Renato. Esperei na garagem e assim que ele desceu do carro, eu lhe disse:

— Papai, Renato precisa do senhor.

— O que aconteceu?

Papai me olhou assustado, e eu olhei para o farfalhar dos arbustos que rodeavam a garagem e do meio deles saiu Renato sorrindo, mas, seus olhos que fixavam estavam frios e duros.

— Eu mesmo falo, Rober, pode deixar. Sabe papai, Rober acha que estou doente, como você e mamãe também (foi a primeira vez que Renato falou você para papai, senti que papai estranhou mas, nunca tocou no assunto). Vocês acham que eu estou tremendo, mas isso é pura ilusão ótica. Olhe, papai, me dê um cigarro aí.

Papai relutou.

— Cigarro?

— É. Do que se admira? A juventude moderna fuma, papai, você entende? Se eu disser aos meninos do meu colégio que não se deve fumar na frente dos pais ou avós, eles vão morrer de rir, vão até me chamar de quadrado. Renato falava, falava alegre, com os olhos brilhando.

— Meu filho, porque você não espera a maioridade para fumar, até lá você vai compreender que o cigarro pre...

— Prejudica a saúde. Ora papai, afinal vou fazer dezessete anos. Preciso seguir os passos do nosso tempo. Não posso estar por aí vivendo do passado e também não quero fumar escondido. Estou lhe dizendo num diálogo franco que fumo e é só, você entende? Dê cá o cigarro, vá papai.

— Você é muito criança para fumar.

Renato caiu na gargalhada.

— Então como é que vou mostrar que não estou tremendo? Ah! Já sei. Pego essa flor e estico o braço. Taí, sem uma tremidinha, nem uma tremidinha, acredita agora?

Papai ficou por um longo tempo olhando meu irmão e depois, como se acordasse de um longo sono, saiu depressa da garagem e se encaminhou para a biblioteca.

Nessa noite jantou conosco um homem alto, forte, de uns quarenta anos, que papai nos apresentou como "um amigo de infância". Vi que o amigo de papai, que se chamava Daniel, olhava todos os instantes, furtivamente para Renato. Depois do jantar ele convidou Renato para um jogo de xadrez. Renato adorava jogar xadrez e era um dos campeões nesse jogo, mas naquela noite Renato disse que não podia, pois tinha um encontro com Cilene e saiu de táxi.

Quando o Sr. Daniel foi embora, papai foi para a biblioteca dizendo que ia trabalhar e eu fiquei na sala brincando com Rosana. Mamãe foi assistir a novela de que ela gostava muito.

Quando a pajem levou Rosana para o quarto, eu resolvi ir para o meu quarto e, no corredor, ouvi alguém soluçar alto.

Parei com o coração dando pulos. Agucei os ouvidos e descobri que tudo vinha da biblioteca. Fui em direção a ela, pé ante pé, e bati na porta. Nada, bati outra vez. Nada. Então eu abri a porta e entrei. Não havia ninguém. Mas, eu jurava que tinha ouvido um choro. Relanceei um olhar ao redor e tudo estava quieto e na penumbra. Olhei a grande porta de vidro que dava para o terraço, estava escancarada, fui andando, passei por ela e vi o vulto alto e bonito de papai encostado na mureta e olhando para o céu. Aproximei-me sem fazer ruídos a tempo de ver que papai enxugava, com as costas das mãos, lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Nem posso explicar o que senti. Foi como se o mundo tivesse desmoronado. Senti-me só e pequenino, nem sabia o que fazer. Fiquei parado e quieto. Meus braços foram se esticando até pousarem sobre o coração de meu pai e de minha boca minha voz saiu rouca e dolorida.

— Papai...

Ele virou-se rápido e deixando fugir toda a tristeza de antes, falou sorrindo:

— Rober, meu filho, o que foi?

— Nada, papai, só queria lhe pedir a bênção.

Ele me abraçou fortemente e senti que tremia todo.

— Oh, meu filho, como eu gostaria de defendê-lo contra todos os males desse mundo, mas quem somos nós, míseros mortais, para enfrentar as grandes tragédias do universo. Vá deitar-se, filho, com a minha bênção e com o meu pedido a Deus que o poupe, o poupe do...

Sua voz ficou enroscada na garganta e eu corri para o meu quarto para não vê-lo sofrer mais, pois vi que papai já desconfiara que Renato era viciado. Pobre papai, como sofria.

Deitei olhando o teto e fiquei pensando em mamãe e apertei a cabeça nas mãos e chorei muito. O que deveria fazer para ajudar os meus pais e irmão? A quem deveria recorrer? A meus avós? Não, eles já estavam tão velhinhos. Aos meus parentes? Não, eles não deveriam saber, seria uma grande vergonha para nós. A quem? A quem? A quem? O amigo poderia confiar tamanho segredo?... Ai o rosto do Mestre Mariano surgiu na minha frente e sua voz parecia entrar pelos meus ouvidos: "- usarei na minha classe métodos de educação antiga. Não admitirei ninguém fumando, ninguém desrespeitando os mais velhos Todos terão que pedir a bênção aos pais antes de saírem de casa..."

Sim, no dia seguinte iria falar com o meu mestre da primeira, série, o meu querido mestre, tão bom, tão compreensivo, tão leal, tão amigo.

Capítulo 7
MEU MESTRE

Assim que chequei ao colégio, corri para a 1ª série e olhei para a mesa do Mestre e senti um vácuo no estômago quando vi que o professor era outro.

— Por favor, onde está o professor Mariano?

— Está doente.

— Doente?!

— É, doente.

— O senhor sabe onde ele mora?

— Na diretoria você encontrará o endereço.

Assisti às aulas com impaciência, pois não via a hora de chegar à casa do Mestre.

Chamei um táxi e indiquei o endereço. Toquei a campainha num modesto sobradinho lá na Casa Verde e na porta apareceu uma moça com os cabelos amarrados para trás e enxugando a mão no avental. Seis cabecinhas de crianças surgiram atrás dela.

— Pois não...

— Desejaria ver o professor Mariano. Meu nome é Roberto Lopes Mascarenhas. Fui seu aluno na 1ª série.

— Entre, ele está no quarto. É por ali.

Apesar de a porta estar aberta, dei umas pancadinhas e o Mestre abriu e fechou os olhos até que me reconheceu.

— Roberto, meu rapaz, entre, entre. Mas, que prazer me causa a sua visita. Como você cresceu. Sente aí nos pés da cama, meu rapaz. Aí mesmo.

Depois olhando as carinhas que espiavam na porta:

— Vá todo mundo brincar, vamos!

Senti um nó na garganta, quando vi que o meu Mestre, tão grande em sua sabedoria, vivia tão pobremente. O colchão era duro que parecia pedra, as roupas da cama velhas, os móveis descascando, o tapetinho gasto, mas sua voz e as coisas que dizia valiam todo o dinheiro do mundo.

— Mestre, eu preciso do senhor, mas, gostaria de lhe falar a sós.

Olhei para as crianças que já estavam com meio corpo dentro do quarto.

— Então, feche a porta, filho.

Empurrei delicadamente a porta. As crianças se afastaram.

— Sabe, Mestre, o caso é que... bem, o senhor...

Não conseguia entrar no assunto. Sentia-me como se fosse desaparecendo aos poucos. Tinha vergonha de falar ao Mestre sobre entorpecentes, mas ele parecia adivinhar, o meu querido Mestre, que eu estava me sentindo só e amedrontado.

— Olhe, Roberto, aí atrás de você tem um prato cheio de maçãs. Ganhei

de um aluno, que veio me visitar ontem. Pegue uma para você. Estão bem docinhas.

— Não professor, obrigado, eu... eu...

— Prefiro que me chame de Mestre, Roberto. Assim me lembro do nosso valente Renato, que considero um dos melhores alunos que passou pelo Rio Negro. E por falar em Renato, como está o nosso pequeno herói?

Acho que fiquei branco como um defunto, pois, o Mestre falou assustado, apertando a garganta:

— Aconteceu alguma coisa ao Renato? Ele está doente?

Escondi o rosto nas mãos e chorei.

O Mestre tentava levantar-se com grande dificuldade, quando corri para ele e pedi:

— Não, por favor, Mestre, não se levante. Eu estava um bocado nervoso porque vi meu pai chorar ontem. Não sei o que fazer, por isso vim pedir sua ajuda.

— Alegro-me de todo coração por um ex-discípulo lembrar-se de mim. Há bastante tempo que não via nenhum aluno da 1ª série e tudo farei para ajudá-lo, Roberto, seja lá o que for, estaremos juntos.

Peguei-lhe as mãos e as cobri de beijos.

— Oh! Mestre, muito obrigado, Deus lhe pague, o senhor me tirou um grande peso do coração, agora lhe abrirei a alma, sem temer nada. Ontem meu pai chorava, porque Renato está usando entorpecentes.

O Mestre sentou-se na cama de ímpeto e ao olhá-lo bem no rosto, vi pela sua palidez o quanto as minhas palavras o chocaram. Depois balbuciou:

— Renato!?! Renato? É inacreditável. Você tem certeza?

— Tenho Mestre.

— Mas, como isso aconteceu?

— Ele foi enganado por Mário Figueiredo. Tomou um comprimido como sendo para dor de cabeça e era tóxico. Depois ficou na turma de Mário. É uma turminha controlada por espertos traficantes que os viciam.

— Como você soube de tudo isso?

— Renato me contou. Ele não quer que eu conte a papai. Disse que não ia mais tomar tóxicos, mas ontem decidi contar tudo. Ele apareceu na hora, mas estava tão estranho! Tratou papai com cinismo e petulância. Nem parecia meu irmão. Teve a ousadia de pedir cigarros para papai. Papai que nem fuma na frente da gente para dar exemplo. Na hora do jantar ria o tempo todo, sem motivo. Não comeu e só falava sem parar, sendo observado pelo convidado de papai e hoje telefonando para esse convidado vim a saber que era um psiquiatra. Quando meu pai chorou, eu desconfiei logo que chorava porque Renato é viciado. Sei que papai fará tudo para não ver Renato se acabar no tóxico, mas também sei que não adianta nada a ajuda de papai se não descobrir os traficantes

que agem no colégio, pois é doloroso a gente falar. Mestre, o tóxico é vendido dentro do Rio Negro.

Um longo silêncio.

— Meu filho, isso é muito grave e muito perigoso, mas logo que voltar a trabalhar começarei uma ferrenha sindicância. Também terei uma longa conversa com Renato.

— Acho bom o senhor não falar com o Renato, ele está de um jeito que nem dá para dialogar.

Todos os dias, assim que chegava à escola ia correndo ver se o Mestre Mariano já havia chegado, mas com enorme tristeza via sempre outro rosto em sua mesa. Enquanto isso, Renato transformava-se num péssimo caráter, mau aluno e desleixado ser humano. O dia em que mamãe descobriu foi terrível. Tremo só em lembrar.

Era um dia bem azul. Lembro-me que a professor falava sobre poluição e a turma ria, porque da janela de nossa classe se avistava longe aquela imensidão de azul com o sol amarelando tudo. Renato, poucos minutos antes, pedira licença para ir ao banheiro. Como ele estivesse demorando muito, resolvi ir ver o que havia acontecido, e foi aí que encontrei mamãe muito assustada e aflita no corredor.

— Mamãe!!

— Roberto, filhinho, o que aconteceu ao seu irmão, onde está ele?!

— Não sei, mamãe. Renato não está na classe. Mas, o que a senhora está fazendo aqui?

— Recebi um telefonema do diretor dizendo que o seu irmão está doente.

— Então venha por aqui, mamãe. A sala do diretor é ali no fim do corredor.

Mamãe bateu nervosa na porta, que se abriu e apareceu o rosto sério do diretor. Entramos e deparamos com Renato, com os olhos em fogo, indolente, dizendo:

— Então, super mamãe, que cara é essa? Está por acaso vendo um fantasma? A senhora entende, todo mundo puxa fumo aqui nesse oásis de colégio. E o diretor quer me colocar nesse bolo. A senhora entende, eu tomei os remédios que aquele amigo do papai, o Sr. Daniel, que na verdade é médico para loucos, mandou. Não se assuste, mamãe, realmente é um médico, médico para loucos. Papai o convidou para jantar e o médico viu em seu adorado filhinho um... deixe que eu fale dentro de seu ouvido, viu um louco.

E Renato abriu as mãos em garra e imitando uma fera pôs-se a gritar pela sala. Mamãe, mais morta do que viva, tirou os olhos de Renato e voltando-se para o diretor, perguntou com voz trêmula:

— O que ele tem? O que fizeram com o meu filho? O meu Renato?

— Entorpecentes, minha senhora.

— Entorpecentes?!

— Sim.

— Isso quer dizer... tóxicos?

— Exatamente.

— Mas... meu filho... meu filho... tomou tóxicos?

— Sim.

Os gritos de mamãe se misturaram aos berros de Renato.

— Mentira, mãe, esse bastardo está mentindo. Foi o remédio, o remédio que o médico me deu. É, mentira, eu vou é matá-lo, seu mentiroso, vagabundo de uma figa. Mamãe correu e se pôs entre o diretor e Renato.

— Meu filho, não faça isso, em nome de Deus não faça isso.

Mas, Renato avançava estreitando os olhos, esticando os braços e sacudiu mamãe, gritando:

— Saia da frente, quero pegar esse mentiroso.

Eu pulei, e ficando bem perto de Renato, falei calmo:

— Tire suas mãos de cima de mamãe, Renato. Lembre-se, ela merece todo o respeito do mundo.

Renato me deu um pontapé.

— Saia pirralho, antes que eu o...

Mas uma porção de gente já segurava Renato, que se debatia para todos os lados, só se acalmando quando o enfermeiro do colégio lhe aplicou uma injeção para dormir.

Eu telefonei para papai.

Foi triste a nossa saída. Papai carregando Renato nos braços, pois não quis vê-lo carregado na maca, com os enfermeiros de branco e tudo. Mamãe chorando sem parar e se apoiando em mim. E eu com o rosto vermelho como brasa, andava olhando o chão sem coragem de levantar a cabeça e fitar os colegas, que abriam alas à nossa passagem. No carro eu me sentei à frente com o chofer e Renato, no meio de papai e mamãe com a cabeça repousando no ombro de papai, respirava suavemente.

— Para onde vamos, patrão?

— Para o Morumbi, ao hospital que lhe falei.

Mamãe falou rápida:

— No hospital!? Mas por que?

— Renato vai se tratar com o Dr. Daniel, querida, ele é um dos maiores psiquiatras de São Paulo. Daqui a algum tempo Renato voltará a ser o nosso Renato de antes, não se aflija. Desde que descobri que o nosso filho se envolveu com tóxico, procurei me enfronhar em tudo que diz respeito a essa droga e descobri que muitos viciados, principalmente estudantes, se recuperam com um curto tratamento.

Mamãe olhou tristemente para Renato e passando-lhe as mãos pelo rosto,

disse:

— Não, querido, não quero Renato no hospital, eu mesma tratarei dele. Dar-lhe-ei todo amor que talvez não tivesse dado, pois, ele poderia estar escondido lá dentro da minha alma e eu não tenha conseguido ver. É isso, querido, não dei todo o amor que uma mãe pode dar, todo o amor e carinho, e talvez por isso Renato tenha procurado no tóxico alguma coisa que lhe faltou dentro do lar.

O sorriso de papai era triste, ele apertava a mão de mamãe que ainda continuava no rosto de meu irmão.

— Pobre querida, não existe nada nesse mundo que você, como mãe, não tenha oferecido ao nosso filho. Você lhe deu a parte azul da vida, e esse maldito tóxico está puxando o nosso filho para o abismo negro e medonho de onde nunca mais sairá se não for tratado por gente competente, por um bom psiquiatra. É por isso que vou confiá-lo ao Daniel. E se o psiquiatra não conseguir curá-lo eu prefiro vê-lo morto.

Mamãe levou-as mãos aos lábios, mas não conseguiu abafar o grito de dor que cortou meu coração.

— Não fale assim, Rubens, pelo amor de Deus. — mamãe falou por entre soluços.

— Desculpe-me, querida, estou tão chocado, tão revoltado com tudo isso que nem sei o que falo.

— Rubens, eu quero o meu Renatinho em casa, deixe-o comigo, eu falarei com ele, tenho certeza de que ele me entenderá. Por favor diga que sim.

— Está bem, Lídia, dessa vez...

— Não haverá outra vez, se Deus quiser.

Pobre mamãe, se ela soubesse com que monstro ela iria começar a lutar...

No dia seguinte, Renato acordou, mas não pôde levantar. Queimava de febre. Veio o médico o diagnosticou pneumonia. Meu irmão deveria ficar um mês na cama. Enquanto isso, eu resolvi falar com Mário. Não sabia onde encontrá-lo, pois na diretoria do colégio negaram-se a fornecer-me o endereço. Mas Deus me ajudou e assim que entrei na classe quase estorei de alegria: o professor Mariano conversava com o meu professor. Corri para ele e me atirei em seus braços. Juro por tudo o que mais sagrado que os meus olhos se encheram de lágrimas e chorei de cara levantada e nem liguei que todos nos estivessem olhando.

— Mestre, o senhor caiu do céu. Eu preciso tanto do senhor.

O Mestre pediu licença ao meu professor para conversarmos em outra sala.

— Pode ir, Roberto, pois nesse mês você passou em todas as provas. Fica pensando das aulas de hoje.

Quando íamos pelo corredor eu disse ao Mestre:

— Perdoe-me por não ter perguntado sobre a sua saúde mas vejo o senhor tão bom. Parece estar com uma saúde de ferro.

— De fato, já estou curado. Bom para começar a combater esses miseráveis traficantes. Juro que não descansarei enquanto não os arrancar da toca em que se escondem e levá-los até às barras dos tribunais e vê-los apodrecer nas prisões.

O Mestre parou de falar e passando a mão pela testa gotejante de suor, virou-se para mim e disse:

— Oh! filho, não devo me exaltar em sua presença, mas fico tão abalado, tão chocado com tudo o que se passou com seu irmão que não consigo me controlar. Quem viu o meu nobre Renato, todos os anos de pé, reto com a medalha de ouro no peito e. aquele sorriso alegre e franco pairando em seu lindo rosto, sente vontade de estrangular esses bandidos. Que eles se encharquem de entorpecentes, vá lá. Problema deles, mas viciar estudantes crianças...

E a mão fechada do meu Mestre subiu e desceu pelos ares.

— Vamos à luta, Roberto. Já sei por onde começar. Depois de sua visita eu fiz um roteiro. Em primeiro lugar vou falar com o Mário.

— Foi isso que pensei também, Mestre. Mas não consigo o endereço dele.

O Mestre sorriu e tirando do bolso um caderninho disse:

— Aqui está o endereço do Mário: Avenida República do Líbano, n.º 43.

— Oh! Mestre, o senhor é mesmo formidável. Quando iremos lá?

— Eu irei, Roberto. Você é muito criança para se envolver com essa espécie de gente. Basta o que já fizeram com seu irmão. Tratando-se de tóxicos tudo é muito perigoso. Confie em mim. Tudo o que puder fazer para exterminá-los eu farei, e tudo o que puder contar a um jovenzinho como você, contarei. Está bem assim?

— Sim, Mestre, como o senhor, quiser.

Fomos até à rua e eu parei um táxi para o professor. Assim que ele saiu e eu o vi desaparecer na esquina, peguei outro táxi e o segui, pois eu também não queria deixar o Mestre sozinho com essa gente, porque na turma de Mário havia muitos delinquentes violentos. Eu não ia deixar o Mestre me ver. Só queria estar por perto.

Também nunca mais vou me esquecer da avenida larga, cheia de árvores e de casas de alto luxo e na porta de uma delas, um homem alto, magro, cabelos negros, olhos tristes, rosto pálido que erguia o braço e tocava a campainha.

Era o meu adorado Mestre. Ele esperou um longo tempo, sem saber que eu estava escondido atrás de uma árvore, até que um empregado chegou e perguntou (da "minha" árvore dava para ouvir tudo):

— O que o senhor deseja?

— Sou ex-professor do jovem Mário. Vim para uma visitinha.

— Aguarde um momento, vou falar com o pai e perguntar se o senhor pode entrar. Como é mesmo o seu nome?

— Professor Mariano.

Logo mais o empregado voltou.

— Olhe, professor, os patrões não estão, mas eu falei com o seu Mário, e ele disse que o senhor pode entrar. Ele está na garagem lubrificando a moto. É só o senhor seguir pela esquerda e logo o avistará.

O empregado nem acabara de girar a chave no portão e eu já o fazia abrir novamente dizendo que estava com o professor.

— Me atrasei um pouco porque esses motoristas de táxi nunca têm troco... Para que lado o professor Mariano seguiu?

— Por ali.

— Obrigado.

Também ali fiquei escondido, olhando admirado para aquele estranho Mário. Onde estaria jovem Mário que estudará comigo a 1ª série? Naquele tempo, ele era um adolescente de boa figura, alto, forte, o peito musculoso e com pernas de atleta. Custei para reconhecer naquela figura em frente ao Mestre, magra, curvada, com o rosto macilento e os olhos envolvidos por manchas arroxeadas, o meu ex-colega de escola. Ele e Renato estavam iguais. O tóxico estava comendo a carne, a personalidade e o equilíbrio dos dois.

Como Renato, Mário também tinha as mãos tremulas e ria à toa. Não falava duas palavras se não risse delas, e não andava uns metros se não se esticasse todo em passos desiguais. Senti que o Mestre também ficara chocado, pois demorou muito para responder às perguntas de Mário, que falava e sorria.

— Então, professor, veio ver que cara tem um ex-aluno depois de ser fichado na polícia? A mesma não é, caro Mestre? Não era assim que o seu queridinho Renato o tratava? Caro Mestre. E você dizia: Gosto que me chamem de Mestre, isso me faz lembrar o tempo em que o estudante via no Mestre um segundo pai. Bravo Renatinho, e todos os anos Renatinho empertigava o peito e alguém lhe colocava a medalha de ouro. Ele era o herói. Sempre o melhor, o mais sabido, o mais educado, o mais estudioso, o mais valente. E hoje? O Mestre já viu o herói Renato Lopes Mascarenhas? Não viu? Mas eu o vejo sempre. Fui eu que o destruí. Eu que quebrei o ídolo, caro Mestre. Eu que o ensinei a se envenenar com drogas para acabar louco ou na cadeia.

Fiquei com tanta vontade de sair do meu esconderijo e quebrar a cara daquele sujeito, mas fiz um tremendo esforço para me controlar, pois só Deus sabia como eu desejava descobrir aqueles traficantes que tinham viciado Mário e uma porção de estudantes.

— Mário, meu filho, você não tem culpa de nada do que aconteceu. Você é uma vítima, ou melhor, mais uma vítima de homens sem coração. Mas existem também homens de bem que poderão tirá-lo da escuridão dos barbitúricos. Eu

estou aqui para isso. Sou seu amigo. Vim estudar com você um meio para livrá-lo das drogas.

Mário jogou a cabeça para trás numa risada estrondosa. Depois passou a mão pela testa deixando-a suja de graxa, pois, como o empregado disse, Mário estava lubrificando a moto enorme que, segundo soube depois, havia custado trezentos mil cruzeiros, presente dos pais para ele largar droga, e disse irônico:

— Sempre conservador, hem, meu caro Mestre? Você no mínimo está dizendo a todos os alunos trouxas, que a juventude entrou nos tóxicos porque existe excesso de liberalismo, não é? Tenho certeza que você queria que os pais botassem um cabresto na gente jovem e segurando as rédeas, os conduzissem ao seu bel prazer. Não é isso caro Mestre? Você preferiria me ver numa corrente do que dopado, não é, querido Mestre?

— Não chegaria a tanto, meu filho, pois rédeas e correntes usam os animais, e no meu ver e de pessoas inteligentes e com personalidade, essas duas coisas devem ser empregadas ao viciado em drogas, pois todo e qualquer tóxico interfere com as transmissões do sistema nervoso cerebral, afetando as funções cerebrais, provocando agressividade animalasca. Ai então, filho, é que o único recurso, para o viciado não atacar pessoas inocentes, seria o uso do cabresto ou da corrente.

O rosto de Mário se torceu em caretas.

— Muito esperto, caro Mestre, muito esperto! Então, no seu modo de ver, e no de uma porção de gente sabida, daqui a algum tempo estarei raivoso ou melhor, louco.

— Se você continuar a usar drogas, infelizmente isso acontecerá.

Mário ficou por um longo tempo em silêncio, depois sentou-se na moto e com os olhos fixos no chão disse com voz para dentro.

— Eles não deixarão que eu pare, Mestre (a sua voz saiu triste).

— Já sei, meu filho. Os traficantes o assustam com ameaças de matar pessoas de sua família.

Mário levantou a cabeça assustado.

— Como é que você sabe?

— Tenho feito pesquisas a esse respeito. Mas, ao invés de eles matarem, você é que deveria atirar primeiro, filho. Mário assustou-se.

— O Mestre aconselhando a matar?

— Sim, meu filho. O tiro seria de moral, de dignidade, de respeito a outros estudantes, o tiro seria entregá-los à polícia.

— É muito difícil a gente entregar um traficante à polícia: outro traficante nos mata Não adianta nada, o negócio era não ter-me envolvido com essa gente, não ter me viciado, agora não adianta, estou condenado.

— Mas, podemos evitar que eles viciem outros estudantes! Você nem precisa se envolver, é só falar como agem. Diga com segurança como foi que

you se envolveu tão profundamente com drogas. Conte-me, filho, assim você estará saindo um pouquinho desse mundo negro.

Mário abaixou novamente a cabeça e nem se mexeu quando o Mestre chegou perto e afagou os cabelos lisos e longos.

— Meu pobre rapaz, e pensar que existem cada esquina da grande São Paulo, esse monstro tóxico, que anda espreitando pobres jovens como você, para jogá-los na lama movediça, onde desaparecerão para sempre. Oh! Deus, ajude-me a encontrá-los e a exterminá-los!

Parecia que eu estava vendo um filme sobrenatural.

Assim que Mário ouviu as palavras do Mestre voltou a ser gente.

— Não se desespere, Mestre. Sente-se aí, eu lhe contarei tudo. Eu o ajudarei. Prometo. Vou lhe contar como entrei na droga. Eu era um menino muito tímido. Isso eu sentia todas as vezes que ia falar com uma garota. Aí um dia, um colega disse-me que sabia um bom remédio para isso. Imagine você que com quatorze anos não tinha beijado nem uma garota. Havia uma no colégio, a Mara, linda, com grandes olhos verdes e cabelos negros de seda, os dentes uma jóia, assim tipo pérola, como cantam os poetas. Ela me dava uma tremenda bola, sorria o tempo todo para mim, mas eu não conseguia nem esticar os lábios para um sorriso. Assim a perdi para um colega, que todas as vezes que passava por mim dizia: Oi, bola murcha, a Mara é uma parada, os lábios dela são doces como mel, você não quer experimentar? Foi tudo isso que contei a esse colega, que disse saber de um bom remédio, quando outra colega, a Silvana, começou a olhar-me docemente. Então ele me deu um comprimido e disse que era brinde. Isso quer dizer que não custava nada, era só engolir. Juro que me senti mal, quase morri, senti o coração querendo sair pela boca, a cabeça rodava com tonturas. Ninguém pode imaginar como me senti apavorado. Comecei a gritar que estava morrendo e aí o colega, o mesmo do bom remédio, chamou um homem de branco (eu estava na casa do colega), que me disse ser médico. O "médico" me aplicou uma injeção. Acordei mole e abobalhado, aí o colega disse que para eu ficar bem bonzinho precisava de mais um comprimido, mas só me daria se eu lhe pagasse o "médico" e o segundo comprimido. Tudo baratinho, disse ele: quinhentos cruzeiros. Paguei e tomei o outro comprimido e fui ficando meio tantã e agressivo. Então o "médico" me disse que tinha um outro bom remédio que me faria viajar e ver coisas maravilhosas. Eu disse que não poderia viajar pois tinha hora para chegar em casa. Ele disse que jovens que tinham hora para chegar em casa, horário para jantar, eram frouxos, que as garotas gostavam de homens fortes, tipo machão que se governam sozinhos.

— Você quer ser um bobalhão a vida inteira, segurando sempre a saia da mamãe? Vamos, menino, desperte, quer tomar uma dose de heroína e se sentir um gigante, ou quer continuar aí de bobeira sem garota, sem nada?

E eu comecei a fazer tudo o que eles queriam. Começaram a organizar

"festinhas" com muita droga e garotas e quem trouxesse novos adeptos tinham um pouco de droga grátis. Eu consegui levar uns dez meninos do Rio Negro, mas eles nunca davam o que prometiam.

— E você perdeu a timidez?

— Não. Continuo com o mesmo problema. Mas, agora, já não me interessa namorar, pois as garotas fogem de mim. Dizem que sou "biruta" pois adquiri uma porção de cacoetes, você entende? Esses movimentos que contraem os músculos do rosto da gente em repuxões medonhos. Agora ficou tudo pior. Que garota vai querer um viciado em drogas? Um viciado que torce a boca, vira os olhos, vira o pescoço, sacode a cabeça e que treme e cambaleia o tempo todo?

— Mas, você gostaria de ter uma namorada?

— Agora já disse que não adianta mais, estou morto aos dezoito anos, Mestre. O tóxico já me matou, não tenho mais direito às coisas boas dos vivos.

— Ora, filho, nem tudo está perdido. Existe tratamento, não perca a esperança, é só você desejar.

— Já estive internado várias vezes Mestre. Sentia-me bem, estava curado, mas era só sair do hospital e os traficantes apareciam.

— E onde estão eles, filho?

— Em muitos lugares, Mestre, Mas o "chefão" mora em uma linda casa, uma mansão na Serra da Cantareira e é dono de diversas farmácias. É esperto, ninguém vai conseguir provas contra ele, pois farmácias têm direito de vender drogas, o senhor entende né?

— Sim, filho, mas para se comprar em farmácia tem que apresentar receita médica, identidade, deixar endereço. Não acredito que um farmacêutico tenha tanta droga que dê para ser vendida a tantos estudantes. Pena que a farmácia é só um meio para a pessoa traficar. Como é o nome dele, filho?

— Ora, esqueça, Mestre. Veja, meus pais estão chegando, nem vou falar porque o senhor veio. Meus pais pensam que ninguém sabe que sou viciado, você entende, né, Mestre?

Enquanto o Mestre conversava sobre outras coisas com os pais de Mário, eu consegui sair sem que ninguém me visse e fui direto para casa. Subi para ver Renato e o encontrei em uma alegre palestra com Cilene, pelo jeito dele, vi que ele estava completamente desintoxicado, os olhos sem um pingo de vermelho e as palavras saíam desenroladas.

— Oi, Rober, parece que faz anos que não te vejo... Opa, como você cresceu! E que peito musculoso, heim. Não, não cheque muito perto, que pode pegar pneumonia.

Eu nem liguei para as suas palavras, me joguei na cama e o abracei. Nem se pegasse umas dez pneumonias, deixaria de abraçá-lo pois morria de saudades do antigo Renato. Senti que meus olhos se enchiam de lágrimas.

— Oi, mano, como tudo foi horrível!

— Agora está tudo bem, mano, tudo bem, tudo bem. E para lhe provar que nunca mais provarei drogas, vou lhe mostrar o que mais me fez desistir. — Cilene, pegue ali, na gaveta do guarda-roupas, a carta do papai. — Sim, Rober, papai me escreveu uma carta que me comoveu profundamente. — Leia para nós, Cilene.

A voz meiga de Cilene encheu o quarto.

Filho.

Quando me contaram que você sacudiu a sua mãe na presença de diretores, professores, na presença de seu irmão, senti como se estraçalhassem, a minha alma. Espero que isso não aconteça mais, nunca mais. Não encoste nem a ponta do dedo em sua mãe para magoá-la. Nesse momento quero fazê-lo lembrar-se, meu filho, que para sua mãe você é o ser mais precioso da terra.

Quando você era pequenino e adoeceu, sua mãe passava noites e noites perto de seu berço, sem tirar os olhos daquele nenozinho que ardia em febre, e sem deixar por um minuto sequer que as lágrimas lhe secassem os olhos. E as noites que se seguiam com sua voz murmurando preces para que Deus não o arrancasse de seus braços, e agora, meu filho, todas as noites que você chega tarde, com os olhos congestionados, cambaleante e com a voz enrolada, sua mãe chora sangue de tristeza, torcendo as mãos e batendo os dentes apavorada. Não a martirize mais, meu filho. Peça-me a vida e eu a darei, para que pare com as drogas e volte a amar, a respeitar a sua mãe. Porque o momento mais triste de sua vida será o dia em que Deus a levar. O dia que você a chamar, oprimido por algum desgosto muito grande e querendo ouvir a sua voz, o dia em que se sentir só e precisar daqueles braços carinhosos para o ajudarem e não os encontrar. Eu lhe suplico, meu filho, não magoe mais a sua mãe.

Eu também o amo muito, como sua mãe o ama, mais que tudo no mundo. Mas o prefiro morto a vê-lo como está, agredindo a sua mãe, desrespeitando seu colégio e seu irmão.

Meu maior desejo é ouvi-lo como antigamente. Com sua voz clara e meiga, dizer: — A bênção, papai. — e eu, abrindo o coração responder: — Deus o abençoe, meu filho.

Seu pai.

Eu chorava e Renato chorava. Cilene procurou nos animar.

— Ei, pessoal, vou, pôr um disco, vamos curtir um som.

A música baixa e suave. Me enfiei debaixo dos cobertores bem junto a Renato, como antigamente e até jantei assim. Só fui para o meu quarto quando Renato adormeceu, já bem tarde da noite.

Capítulo 8
O TRAFICANTE

Passados uns dias e como não visse mais o Mestre, resolvi ir à sua casa.

— Mariano não está, Roberto. Não é esse o seu nome? — perguntou-me a esposa do Mestre, rodeada das crianças que me olhavam com curiosidade.

— Ele está no colégio?

— Não, ele não voltará mais ao colégio, por enquanto, pois está muito doente.

— Doente?!

— Sim. Você não sabia?

— Bem, ele me disse que já estava curado.

— Talvez ele lhe dissesse, porque você precisa dele. Mas o médico aconselhou repouso absoluto, pois Mariano está... bem, está... vão prá lá crianças. Entre, Roberto, por favor. Desculpe-me por não tê-lo convidado, estou tão preocupada... Mariano me disse que ia até o alto da Cantareira procurar um farmacêutico. Mas como eu ia lhe dizendo (olhou ao redor e vendo que estávamos a sós, continuou) Mariano está tuberculoso.

Quase caí de susto.

— Tuberculoso?!

— Sim, sim, por isso brigo com ele para não sair de casa, mas, ele sempre diz que os alunos estão em primeiro lugar. Se pedem favores ele não pode negar, pois gosta de todos, desde os da 1ª série até os atuais. Diz que se considera um segundo pai da meninada do Rio Negro.

Saí da casa do meu Mestre super deprimido e passei o dia todo com ele na mente. Aí fiquei pensando: então era por isso que ele tossia tanto e estava tão pálido. Pobre Mestre, que grande e nobre caráter, nem dava para acreditar que nos dias de hoje ainda existam professores que pensam assim. Mas, graças a Deus, existem, ainda que poucos, ainda que um, mas a gente podia vê-lo, senti-lo. Não era miragem. Não, não era miragem. Esperei uns dias para procurar o Mestre. Não fui antes, porque fiquei com vergonha da esposa dele. Ela talvez fosse pensar e mesmo falar: — Que menino chato, já lhe disse que o Mariano está doente e ele continua amolando! — mas não agüentei e fui.

Era um dia bem frio. Lembro-me que enquanto esperava a porta ser aberta fiquei até dando pulinhos, pois os meus pés eram gelo puro.

— Entre, entre, Roberto, está bem frio hem? Olhe, Mariano está lá na cama. Não passa muito bem com este tempo. Vá lá, daqui a pouco levarei um cafezinho bem quente, está bem?

Até ri por ver que os meus receios eram infundados. Como ela era boazinha!

Na porta do quarto parei, meio desconcertado: em quinze dias o Mestre

havia emagrecido e empalidecido assustadoramente.

— Entre, meu filho.

— Sim, sim, Mestre.

Chequei perto e peguei sua mão escaldante.

— Boas notícias, Roberto. Sente-se aí. Na cama não, filho, você compreende, essa doença. Olhe, naquela cadeira. Puxe-a para mais perto de mim, pois não quero que Lúcia ouça. Ela ficaria deveras preocupada. Assim, assim. Agora, escute. Encontrei a casa do farmacêutico. O nome dele é Joaquim Bertolini, mas é conhecido por "Juca Beto". Conversei com ele, em uma de suas farmácias. Soube que ele procurava um professor de música para sua filha de doze anos. Fomos à sua casa e ele me apresentou aos filhos, um jovem de dezessete anos, a menina de doze e um outro jovem de quatorze. Quando ficamos a sós na sala, eu forcei a conversa para tóxico. Ele me perguntou se eu tinha visto a foto dele nos jornais, dizendo que era traficante.

— Sim, vi. — menti. Então ele disse: — Viu? Então deve calar-se, para os meus filhos não saberem. Há muito tempo (nenhum dos meus filhos tinha nascido), que saiu isso nos jornais, de lá para cá tomei muito cuidado e meus filhos jamais saberão que sou um traficante. Estou lhe dizendo isso porque ninguém pode provar mesmo nada contra mim. Sou um homem esperto, tenho uma imensa rede de traficantes que trabalham para mim.

— Ele lhe falou tudo isso, Mestre?

— Sim, agora estou dando aulas à menina, mas não agüentarei muito, por isso quero que você me ajude, filho, pretendo gravar um diálogo com esse homem, desejo que todos os estudantes ouçam e saibam que eles estão sendo objeto desses bandidos, quando compram uma partícula, por menor que seja, de tóxico. Pensei muito, Roberto. O negócio é perigoso, pois se ele descobrir, não sairemos de lá com vida. Você me perdoa, filho, por eu lhe pedir isso, mas se não quiser me ajudar, eu me arranjaréi sozinho. Eu o convidei porque você é um menino corajoso. Depois, será tão importante esse diálogo. Importantíssimo.

— Mas é lógico que o ajudarei, professor, e não tenho medo nem de morrer, se isso for preciso para ajudar a desmascarar esse bandido, juro ao senhor. Fico tão feliz de poder combater esses miseráveis. — eu me empolgava. — Ah! Desculpe-me do palavrão, Mestre, mas estou tão revoltado. Quando devemos começar, Mestre? E como o senhor saberá que ele vai falar com o senhor o que o senhor deseja?

— Tenho fé no Criador, filho. Só Deus, só Ele poderá nos ajudar. Amanhã, às quinze horas, deveremos estar lá. Mas, ainda não consegui arranjar o gravador.

— Eu trago o meu, Mestre. Vou pedir também para meu chofer nos levar.

O carro ficou escondido em uma rua bem distante da casa do tal Juca. O

professor disse ao chofer:

— Vamos demorar um pouco, jovem. Espero que tenha paciência.

— Claro, meu senhor. Pode ir descansado.

Quando já subíamos as escadarias, o Mestre disse:

— Roberto, ele não deve vê-lo. Subindo por aquela rampa, você vai encontrar uma porta escondida na vegetação, é só virar a maçaneta e entrar. Lá dentro existe uma escada que vai dar perto do "estúdio" onde conversarei com o Juca-Beto. Assim que você chegar... O seu gravador é elétrico?

— De pilha.

— Sim, sim, ótimo. Então, ponha-o já em funcionamento em uma janelinha que separa uma sala da outra. Juca sempre senta lá perto da janelinha. Vá filho, e que Deus o acompanhe.

E foi tudo como o Mestre planejou. O Juca-Beto falou tanta coisa que pela primeira vez nos meus quinze anos senti que o sangue nas minhas veias fervia de raiva, sabia também que se todos os meus colegas do Brasil tomassem conhecimento desse diálogo tão escabroso, ficariam revoltadíssimos, principalmente os que usavam drogas. Gravei tudo.

Quando eu enfiava o minúsculo gravador dentro de minha japona, senti que alguém segurava os meus braços para trás, e ouvi uma voz de homem:

— Fique quieto que nada lhe acontecerá, pois meu interesse também é que alguém desmascare esse homem aí. — Assim falando foi arrancando o gravador de minhas mãos e tirou a fita dizendo: — Isso aqui vale muito, se você quiser, poderei lhe vender. Agora pegue o gravador e venha comigo, só eu sei um jeito de você sair daqui com vida e sem ser pressentido, pois a guarda de Juca já começou a ronda. E olhe que são vários homens.

— Quanto o senhor quer pela fita? Eu compro, deixe ver quanto tenho no bolso. Serve trezentos cruzeiros?

O homem caiu na risada.

— Trezentos cruzeiros é quanto vou cobrar para fazê-lo sair vivo daqui. E o homem, pegando os trezentos cruzeiros e enfiando no bolso, disse:

— Uns cinco mil cruzeiros.

— O senhor enlouqueceu?

— Bem, você faz o diagnóstico que melhor lhe convir. Para mim, tanto faz, não tenho filho estudando, ou melhor, não tenho filho nenhum. Se você não quiser a fita, eu posso jogá-la fora. Assim, olha. — ele fez menção de atirar longe.

— Não, não, por favor. Marque um local onde poderei falar com o senhor, eu ou o professor Mariano.

— Esse professor aí se chama Mariano?

— Sim.

— Que safado, disse chamar-se Olegário. Afinal o que vocês pretendem?

Minha voz estava morta na garganta, também não queria falar mesmo,

pois toda vez que abria a boca só prejudicava. E agora, o que seria do Mestre? porque eu não raciocinara antes de falar?

O homem parecia adivinhar meus pensamentos:

— Não se preocupe, mocinho, o tal professor está bem consciente de sua responsabilidade. Se ele diz que se chama João ou Joaquim ninguém tem nada com isso. Não vou denunciá-lo não, o que me interessa, como já lhe disse, é o dinheiro. Nem quero saber mais o que vocês pretendem. Olhe, já sei onde marcar o encontro com quem me levar o dinheiro. Primeiro me diga se você ou esse professor tem condições de arranjar cinco mil cruzeiros.

— Meu pai tem.

— Ele dará?

— Se eu pedir, ele dará.

— Seu pai é rico?

— É.

— Ele vai dando dinheiro assim, sem mais nem menos?

— Quando eu lhe disser o que está gravado, ele dará.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Ele não vai arranjar encrenca?

— Não.

— Então eu os espero nesse endereço. Que dia, hem?

— Depois de amanhã

— Ok Às onze horas da manhã, está bem? Agora saia por ali. Olhe, é melhor sair em disparada enquanto vou lá distrair os guardas.

Corri para o carro e quando o Mestre chegou eu lhe contei tudo. Sua voz era triste.

— E você tinha gravado tudo?

— Tudo, Mestre.

Vi que ele empalidecia e segurando o lugar do coração começou a tossir. Coloquei-lhe a mão no ombro.

— Mestre, não fique nervoso. Papai dará o dinheiro e o senhor terá a gravação. Eu lhe prometo, meu querido Mestre.

Ele levou o lenço branco que tirou do bolso do terno à boca e tossiu muito, até ficar vermelho e quase sufocado. Já mais calmo disse:

— Obrigado, filho, mas não quero morrer sem ver esta gravação ouvida por todos os estudantes do Brasil ou mesmo do mundo. É impressionante, impressionante o que esse homem falou. Ah, meu filho, peço ao Criador que abra o coração de seu pai, para que ele possa compreender a grandiosidade dessa mensagem. É preciso que muitos estudantes, que já estejam envolvidos na cegueira dos tóxicos, saiam à luz brilhante do sol. É para isso que devemos lutar, Roberto, e para começar, devemos esmagar a cabeça da serpente que está

encravada na alma dos traficantes de tóxicos, assim como o Juca-Beto e outros.

— Não se desespere, Mestre, meu pai o ajudará, agora por favor venha até em casa, gostaria que falasse com o Renato.

Enquanto o Mestre subia para o quarto de Renato, fui à procura de papai. Contei-lhe tim-tim por tim-tim, sobre o Mestre, o traficante e a fita. Papai ficou olhando muito tempo para um ponto qualquer bem em sua frente e disse com voz clara e firme, mas magoada.

— Não só darei os cinco mil cruzeiros, Roberto, mas a minha fortuna toda, se isso puder mostrar ao viciado em drogas que o tóxico só pode levá-lo a viver numa obscuridade perpétua.

Peguei o cheque de meu adorado pai e jogando-me em seus braços o beije por todo o rosto, só parando quando senti os meus lábios molhados pelas suas lágrimas.

Subi de dois em dois, os degraus da escada com o cheque balançando em minhas mãos erguidas bem altas e entrei no quarto de Renato.

— Mestre, Mestre, olhe, olhe o dinheiro, eu não lhe disse que papai nos daria? Está vendo Renato, esse dinheiro é para...

— O Mestre já me contou tudo, Rober. Acho a idéia maravilhosa.

Não sei porque, senti um gelinho correndo pelo meu coração quando olhei para Renato. Os olhos dele estavam tão duros...

O Mestre jantou conosco. Renato quis descer para fazer companhia ao Mestre. Parecia que a paz tinha voltado em minha casa. Meu irmão estava alegre e bem disposto. Chegou até a dar sopinha a Rosana e eu fiquei reparando que suas mãos já não tremiam.

Depois do jantar, o Mestre tocou piano e Renato puxou mamãe pela mão e começaram a valsar. Eles rodavam, rodavam e depois caíam rindo no sofá e Renato arfava sem parar. Aí mamãe disse que aquela extravagância poderia prejudicá-lo.

— Que é isso, mamãe, estou forte. E para lhe comprovar isso, vou buscar minha bateria. A senhora vai ver que conjunto formamos — e, me puxando pela mão — Venha, Rober, pegue o seu violão.

Tocamos até as doze horas. Papai foi levar o professor e nós fomos nos deitar.

Algum tempo depois, ouvi o carro de papai voltar e ele batendo em nossa porta e entrando para nos abençoar:

— Boa noite e Deus o abençoe, meu filho. — ouvi falar a Renato.

Depois veio até meu quarto, pulei para abrir a porta.

— Por que você tranca a porta meu filho?

— Sei lá, papai.

— Mas aí fiquei pensando naquele dia que Renato me disse para fechar a

porta todas as noites.

— Acho que sigo o conselho de Renato, papai, mas agora vou deixá-la sempre aberta.

— Não vejo mesmo necessidade de trancá-la com a chave, filho.

No dia seguinte, como ficou combinado, fui ao encontro do homem. Papai pediu para o chofer me acompanhar. O homem não quis aceitar o cheque, então fomos retirar o dinheiro do banco. Assim que peguei a fita, saí correndo e coloquei no toca-fitas do carro. Respirei fundo quando vi que o homem não nos enganara. A fita aí estava e ao ouvi-la, senti uma tremenda revolta tomar conta de todo o meu ser.

Indiquei ao chofer o endereço do professor e estou vendo aqui na minha frente, como naquele dia, o seu rosto. Assim que pegou na fita, seus olhos foram ficando brilhantes, sua face corou e a boca alargou-se num sorriso quase divino. Mestre, meu bom Mestre, nunca mais me esqueci de seu rosto, de suas mãos, dele inteirinho, e sei que nunca mais o esquecerei. Não será preciso passar perto de algum colégio, ou de ouvir a voz de algum professor para me lembrar dele; estará sempre em meu espírito, porque foi generoso, solícito, corajoso e um grande caráter. Todas as noites, eu agradeço ao bom Deus por existirem ainda professores que velam por seus alunos, como ele.

Alguns dias depois, em cada sala de aula ouvia-se o horripilante diálogo do traficante. O Mestre tinha providenciado para que fossem feitas diversas cópias da fita e distribuídas por todos os colégios.

Assim que entrei em minha classe, os meninos levantaram-se batendo palmas e gritaram:

— Roberto, Roberto, Roberto. — gritavam e depois aquele negócio de hip, hip, hurra.

Sei que fiquei bem vermelho. Meu rosto esquentava como brasa. Olhei para a mesa e lá estava o Mestre Mariano pedindo silêncio. Depois falou:

— Meus alunos, quase todos que aqui estão foram meus discípulos na primeira série. Isso quer dizer que a maioria me conhece e sabe que eu os amo como um pai, que aqui estou para defendê-los de um mal terrível, que eu considero pior do que a morte. Se algum de vocês estivesse sendo atacado por um monstruoso inimigo na frente de seu pai, tenho certeza que ele correria e enfrentaria o monstro. É isso que estou fazendo, ou melhor, estamos fazendo, Roberto e eu. Aliás devemos tudo ao jovem Roberto que passou por tremendos perigos, para conseguir trazer até vocês, meus caros estudantes, o mais sensacional diálogo do mundo. Esse monstro, meus caros alunos, é o tóxico. Agora peço a todos sua atenção. Assim vocês poderão compreender que o viciado é um brinquedo nas mãos dos traficantes.

A gravação começou e os meus olhos não largavam Renato que apresentava um imenso nervosismo. Torcia as mãos e passava de minuto a minuto a língua nos lábios.

Vou transcrever a gravação no ponto que interessou a todos os estudantes que a ouviam com tanta atenção que sentiam medo até de respirar. A voz que aparecia na gravação era do Mestre e do Sr. Joaquim Bertolini. O Mestre falava:

— Sr. Joaquim...

— Apenas Juca, me chame de Juca.

— Pois bem, Juca, quantos anos você tem?

— Tenho trinta e nove anos, sou casado há dezoito anos.

— Tem filhos?

— Dois rapazes, um com quatorze anos e outro com dezessete e uma garota com doze.

— Você já esteve preso por tráfico ilícito de entorpecente?

— Já.

— Você é mesmo um traficante?

— Sou.

— E seus filhos sabem?

— De maneira nenhuma.

— Juca, você já tomou tóxico?

— Deus me livre de tamanha peste.

— E seus filhos?

— O senhor está louco! Meus filhos nunca viram, a cara de qualquer entorpecente.

— E se um de seus filhos se viciasse em tóxicos, o que o senhor faria?

— Eu? Eu o mataria.

— Por quê?

— Ainda o senhor tem coragem de perguntar? Os entorpecentes são piores do que o câncer, enraízam no corpo da pessoa e comem até o cérebro.

— Já que a droga é tão nociva assim, por que o senhor a espalha, prejudicando e levando à loucura e à morte tantos adolescentes?

— Porque é um comércio, o meu ramo de ganhar a vida.

— Mas por que vicia estudantes, muitos ainda crianças, quatorze, quinze, dezesseis anos?

— Porque nessa idade eles são uns bobalhões, uns pretensiosos, que querem usar drogas para se revelarem machões e se exibirem diante das garotas. São uns bola murchas, não têm coragem de usar o "HOMEM" que é tão importante para levar papo com as garotas, então apelam para as drogas.

— Você acredita que o tóxico ajuda os jovens a falarem com a garota

escolhida?

— Que nada, a droga só prejudica. O senhor quer saber de uma coisa? Olhe que lhe digo com a experiência de vinte e cinco anos de tráfico, e então sei muito bem o que o rapaz sente assim que começa a usar a droga, pois conheço milhares: ele fica com a respiração e a pulsação bem mais fracas, a pressão arterial e a temperatura do corpo diminuem, os olhos ficam vermelhos, as pupilas paralisadas e, as pálpebras descontroladas. Que garota, que não for débil mental, irá dar bola para um cara desses? Mas é bom que pensem que ajuda pois com o seu dinheiro fico cada vez mais rico.

— Você é rico?

— Sou milionário.

— Só de drogas?

— Só traficando drogas,

— De onde você obtém mais lucro vendendo drogas?

— Nos colégios.

— Como se vicia uma pessoa?

— O meio mais simples e fácil, como lhe falei, é viciando estudantes. Comumente se oferece um cigarro de maconha ou um comprimido de qualquer droga dizendo sempre que é para aliviar qualquer dor, ou para lhe dar coragem nos exames.

— Você acha que todos acreditam?

— Aqueles que não acreditam começam a usar a droga por curiosidade e acabam toxicômanos.

— Você acredita que o viciado, depois de tomar drogas, se sente forte, corajoso e vê coisas lindas, mais coloridas etc.?

— Nem continue, pois eu estou rodeado de viciados, todos os meus guardas são viciados e lhe posso garantir que qualquer viciado em drogas torna-se sonolento permanentemente, fraco nos estudos e não tem vontade de sair do lugar, fica mentiroso, grosseiro, descontrolado, insolente e sexualmente fraco. Não respeita nem Deus, pais ou família, enfim podemos dizer que se torna um animal. Já conheci diversos viciados que se tornaram criminosos. O viciado esquece de si mesmo e daí sobrevêm grande desnutrição acompanhada pela falta de higiene, levando-o mais cedo para a morte. O único pensamento do viciado é arranjar dinheiro para comprar droga. Quando não consegue com os pais, parentes e amigos, ele vira ladrão. Conheci muitos viciados, todos estudantes, que não conseguindo tóxico, suicidaram-se, pois a falta da droga traz uma contração violenta nos músculos e a pessoa não pára de se mexer. Outra coisa que também o viciado não agüenta: quando não está dopado, é a tremenda dor nos braços, pernas e estômago. O viciado também não consegue reter alimento ou água no estômago e não consegue dormir, daí perdendo rapidamente peso. Tudo isso, eu lhe garanto, acontece com meus fregueses.

— Não entendo como você, conhecendo todos esses téticos males, ainda continua com esse monstruoso comércio. Você não sente dó nem piedade por esses estudantes?

— Não. Sinceramente, eu os desprezo, porque eles é que estão se destruindo. Se eles não quisessem se viciar, não se viciariam. Duvido que algum traficante convença meus filhos a se viciarem, a provar drogas. Os meus filhos têm um grande caráter e não se deixarão iludir, não são uns frustrados como esses idiotas estudantes que acreditam que a droga poderá fazê-los corajosos, machões.

A fita terminada, e os estudantes na mesma posição, cobertos pelo mesmo silêncio. Foi meu irmão que se levantou primeiro e, branco como cal, saiu correndo da sala.

Renato telefonou avisando que não viria jantar, e quando mamãe perguntou aonde ele estava e com quem ia jantar, ele disse que estava na casa da Cilene. Mamãe ficou bem mais alegre, dizendo:

— É, dessa vez o meu Renatinho criou juízo. Como sempre, depois do jantar, ficamos na sala de música, com mamãe preocupada com suas novelas, papai lendo o jornal, a Rosana com vários brinquedinhos, sentadinha no tapete, sob o olhar da pajem, e eu fazendo um relatório do "Sou Seu Amigo", que agora funcionava fracamente sem a presença de meu irmão.

Uma meia hora depois a campainha tocou e o mordomo anunciou:

— Dona Lídia, o casal Freitas Cardoso e a senhorita Cilene.

Isso queria dizer que estavam ali na frente, os pais de Cilene e a Cilene. Meu olhar correu bem atrás deles, à procura de Renato, mas nem adiantava procurar, pois mamãe já indagava aflita:

— E Renato, não veio com vocês?

Cilene disse:

— Não, não. Mamãe e papai vieram para uma visitinha a Renato.

Depois pensou um pouco.

— Mas, o que foi que a senhora disse? Se Renato não veio conosco? Mas se ele não estava lá em casa!

Por onde estaria Renato? Mamãe já não podia mais se controlar e, como sempre, desde que meu irmão se envolvera com drogas, acabou chorando.

Todos resolveram esperar a chegada de Renato e lá pelas duas da manhã, ele entrava completamente drogado e xingando todo mundo numa voz rouca e enrolada, e revirando os olhos em brasa. Além disso, ficou furioso com a Cilene por ela e seus pais quererem se intrometer em sua vida.

Cilene procurou discutir o problema logicamente.

— Se você não está gostando quê eu esteja até esta hora na rua, por que você está?

— Porque eu sou homem, ora bolas. E homem dos verdadeiros, para quebrar a cara da noiva que se intromete em seus problemas particulares.

Cilene gritou, vermelha de raiva:

— Noiva não, ex-noiva, seu sub-homem, subumano, está ouvindo? E isso o que você é.

E quando Renato foi cambaleando em sua direção, nossos pais correram e seguraram o meu irmão e o levaram para a cama.

Foi o fim do noivado de Renato e o começo do seu fim, pois daí para diante, Renato se aprofundou mais e mais no lamaçal do tóxico. Ele não aceitava mais conselhos de mamãe, e quando papai procurava argumentar qualquer coisa, ele respondia aos gritos e jogava para o chão tudo o que estivesse ao alcance de sua mão.

Uma noite acordei quando a porta de meu quarto começava a se abrir bem devagarinho num rangido de arrepiar os cabelos. Eu já andava meio traumatizado com as brigas de meu pai e Renato. Ficava assustado por qualquer coisa, com o coração batendo com tanta força que parecia que ia saltar pela boca, e era assim que me sentia na hora em que a porta se abriu.

Procurei acender a luz, mas acho que procurei com tanta força que o abajur caiu.

— É você papai?

Uma risada estranha e fininha encheu o quarto. Sentei-me na cama.

— Quem está aí?

Só a risada. Aí gritei:

— Papai, papai.

A luz invadiu o meu quarto e vi aquela figura alta, magra, barbuda, cabeluda, suja e custei a reconhecer nela meu irmão. Enquanto ele dizia:

— Assustado, maninho? Que é isso hem? Você deveria estar assustado quando estava se intrometendo nos negócios dos traficantes. Você sabe que...

— Que está acontecendo, meu filho?

Papai entrou no quarto e vendo Renato daquele jeito, deu uns passos para trás.

— Já lhe disse que não quero vê-lo sujo, barbudo com esse cabelo embaraçado.

— Tá, tá, tá, tá bem, velho, amanhã corto, lavo, faço tudo, mas agora deixe-me conversar com Roberto.

— Essas não são horas para conversar, vá deitar-se, pois seu irmão terá aulas amanhã. Já que você abandonou os estudos, respeite os estudos de Roberto. Vamos, vamos para a cama.

— Deixe-o papai, eu também gostaria de falar com Renato, pois há dias que não o vejo. Por favor papai.

— Está bem filho, mas não falem muito alto, a vossa mãe poderá acordar.

Ela está dormindo sob o efeito de calmantes, pois está sofrendo muito.

Papai saiu, fechando a porta.

— Continue o diálogo, Renato. Você dizia que eu deveria me assustar por me intrometer na vida dos traficantes, mas há muito tempo que não me preocupo com isso, pois todos os que usavam drogas lá no Rio Negro, depois que ouviram aquela gravação deixaram a droga, e agora qualquer pessoa que vai lá oferecer cigarros de maconha ou outra droga sai de lá acompanhado. Ontem quase lincharam um sujeito.

— Pois é sobre isso mesmo que quero falar com você. Olhe aqui, Rober, a turma que passa tóxicos já sabe que você e o professor Mariano são os responsáveis pela queda da venda de tóxicos e está espumando de raiva. Mandaram lhe dizer que amanhã o professor Mariano terá uma desagradável surpresa e que se isso não lhe servir de lição, para ser mais franco, se você não parar com isso, com essa frescura de querer bancar o salvador do mundo, eles aparecerão por aqui.

Fiquei olhando o meu irmão de boca aberta.

— Pô, Rober, também não precisa ficar duro de medo, eles não estão aqui, eles virão aqui. Guarde a tremedeira para essa ocasião, para quando eles estiverem aqui com o revólver apontado para o seu coraçãozinho.

— Você está redondamente enganado, caro Renato, o que me deixa paralisado é ouvir essa conversa de sua boca, não posso compreender como você está descendo tão rapidamente.

— Descendo?

— Você entendeu.

— Juro que nessa atolei.

— Descendo na cara — com a mão aberta, bati várias vezes no meu rosto. — Isso aqui — Renato, caráter, rosto. Cara que a gente tem que levar levantada bem alto, enfrentando o olhar das pessoas honestas, dignas e responsáveis.

Renato andou pelo quarto de cabeça alta e com passos trôpegos, foi falando.

— E por que não posso levantar a cara hem, maninho?

— Porque você a perdeu, Renato.

— Perdi? — ele ria alto — e onde está ela?

— Está escondida atrás do seu vício.

— Ah, e você está querendo afastar o vício, não é mesmo? Mas precisa crescer e aparecer e aparecer bem para isso. Não vê que ainda é uma criança? Não vê que qualquer um dos traficantes o esmagará só com um aperto de mão? Agora estou falando sério, Rober, não se envolva mais com essa gente. Chega já que eu tenha caído nas mãos deles e não possa sair.

Levantei-me e coloquei a mão no ombro do meu irmão.

— Você pode sair sim, Renato. É só falar a papai a ameaça. Papai

resolverá tudo. Confie nele e volte a ser aquele menino bom e generoso.

Renato sacudiu tristemente a cabeça e sem responder, saiu do quarto.

Assim que cheguei ao colégio, corri para a sala do Mestre Mariano, para lhe contar tudo o que acontecera durante a noite, mas vendo-o tão entretido a explicar uma lição às crianças, deixei para conversarmos depois da aula.

Na saída, procurei o Mestre e o vi na calçada rodeado por um bando de crianças, seus alunos, que falavam, riam e o tocavam. Corri para lá e, quando ele me viu, levantou o braço num aceno e a boca se abriu num sorriso, que não chegou a se alargar, mas sim se transformou em um rictos de dor quando alguma coisa acertou a sua testa. A mão que me acenava antes, pousou na testa e saiu cheia de sangue. Todos os estudantes debandaram correndo rapidamente daqui e dali. Seguindo eu em sua direção e, de braços abertos, o amparei enquanto ele cambaleava e caía no chão. Então eu gritei:

— Mestre, Mestre, socorro, chamem o médico, o médico do colégio!

Olhei em todas as direções para ver se alguém me ouvia e meus olhos se encontraram com os de Renato que estava acompanhado pelo homem a quem eu dei os cinco mil cruzeiros pela fita. Ia levantar-me para ir ao seu encontro, quando ouvi a voz débil do Mestre que dizia:

— Foi o Juca... a fita... seu pai... diga a seu pai que não pare... não pare... Rober... combata... combata os tóxicos...

Pensei que fosse desmaiar quando ouvi o médico, que já estava a nosso lado, afirmar:

— Está morto.

Senti mãos afagarem a cabeça do Mestre, que estava pousada em meu colo e outras mãos me levantarem.

— Venha, seu Roberto.

Era nosso chofer.

— Me leve para meu pai, Walter, lá na fábrica de Santo André.

Senti um forte nó na garganta que só se desfez em lágrimas quando os braços de meu pai rodearam o meu corpo.

— Roberto, meu filho, o que há?

Meus soluços, só meus soluços na grande sala de reunião.

— Vamos, meu filho, sente-se aí. Calma, calma. Espere, vou lhe dar um pouco de água. Assim filho, beba filho, beba.

— Desculpe-me papai, não sabia que tinha reunião. — falei, olhando para todos os homens em redor da mesa da enorme sala.

— Que é isso, filho, a reunião, negócios, tudo pode esperar, em primeiro lugar está você, vamos para a outra sala.

— Pronto, agora vamos lá, por que tantas lágrimas?

— O Mestre Mariano está morto.

— Oh! Filho, sinto muito. Como foi isso?

Contei tudo a papai.

— E quem atirou nele?

— Bem, papai, eu acho que foi o homem da fita, da gravação, ou então...

— Então?

— Bem papai, na hora que os meninos se debandaram eu olhei em volta e na direção de onde veio o tiro, vi o homem e o...

— Que há filho, não confia em seu pai?

— É que, é que...

— Se você não quiser falar o nome da outra pessoa por ela ser sua amiga ou um colega a quem deve respeito, não precisa se preocupar, eu compreendo.

— Papai, juro que não queria feri-lo, mas a outra pessoa era Renato.

Todo o sangue fugiu do rosto de papai e sua voz saiu baixa e trêmula:

— Mas... você tem certeza?! Viu direito, filho? Pense bem, isso é uma coisa gravíssima, um assassinato. Por isso pense bem.

Abaixei a cabeça, depois a levantei e olhei bem dentro dos olhos de papai.

— Vi direito, papai, era meu irmão mesmo.

Papai mordeu os lábios, apertou os olhos com o indicador e o polegar, ficando nessa posição uma porção de tempo. Ai disse:

— Vamos para casa.

Quando chegamos, Renato já se encontrava trancado em seu quarto.

Papai subiu e bateu uma porção de vezes na porta, até que Renato abriu e, se encostando na porta, impediu papai de entrar.

— Não quero que ninguém mais entre em meu quarto, se você tem alguma coisa para me dizer, diga aqui mesmo. Entendeu?

Vi que papai apertava as mãos para se controlar.

— Venha ao meu escritório, se é que pode andar.

E Renato, segurando no corrimão, ia descendo degrau por degrau, resmungando com a língua enrolada e, quando passou por mim, falou:

— Aposto que foi você que foi inventar coisas a meu respeito.

— Eu falei a verdade Renato, para o seu bem.

— Venha também Roberto.

Obedeci as ordens de papai e entramos no escritório. Papai então disse a Renato:

— Meu filho, não sei o que fazer para você deixar as más companhias e as drogas. Eu trabalho o dia todo e quando volto para casa encontro um filho que adoro com toda a alma, intoxicado, intratável, sujo e desgrenhado, malcriado e insolente. Esse filho já levou a mãe a adoecer, está prejudicando a educação de seu irmão e da irmã e já está levando o pai a perder a paciência. Vendo que não existe mais comunicação entre esse filho e esse pai, resolvi levá-lo ao Juizado de

Menores, isso para não vê-lo fichado na polícia. Já telefonei ao nosso advogado e ele virá aqui em companhia de dois Comissários de Menores.

Nos olhos de Renato brilhou uma chama de medo.

— Mas o que eu fiz? Juro que não tomei drogas, pode fazer um teste sangüíneo, juro que não tomei nada. Mande, você vai ver que não tomei nada, nada. Pense bem.

— Está certo, Renato, mandarei vir o médico psiquiatra, ele dirá se você tomou ou não. Se ele disser que estou enganado... Espere, vou telefonar.

Renato pulou e arrancou o fone das mãos de papai.

— Não é preciso, eu juro que vou deixar a droga, juro.. — aí disse: — por Deus!

— Não fale em Deus, Renato. Não ultraje o nome daquele que lhe deu a vida. Você já prometeu diversas vezes, que vai largar o vício. Sinto muito, Renato, mas você tem que ser entregue ao Juizado de Menores, como lhe disse, para não vê-lo fichado na polícia. Hoje você se envolveu em um assassinato.

Renato gritava como um louco, batendo com a mão fechada em tudo.

— É mentira de Roberto. Ele tem inveja de mim. Ele sempre teve inveja de minhas medalhas. Eu nem estava lá onde o Mestre morreu, eu juro.

Os olhos de papai eram cheios de piedade.

— Filho, você terá que dizer a verdade ao Juizado de Menores. Entendeu?

Nisso ouvimos a campainha, jogo depois os passos dos homens da lei de menores.

Eles levaram Renato, e papai disse, ao nosso advogado:

— Acompanhe o meu filho, eu não terei forças.

Mas, quando ouviu a voz gritante de meu irmão implorando:

— Papai, perdoe-me. Papai venha comigo. Não me deixe sozinho, papai... papai...

Papai foi.

Renato ficou internado em uma casa de repouso.

Depois disso ele melhorou bem. Cortou a barba, cuidou dos cabelos, da higiene e voltou para os estudos, mas para outro colégio. Agora só se dedicava à nova moto, e um pouco aos estudos.

Mas, alguns meses depois, papai foi chamado ao colégio. Disseram que Renato estava doente. A doença de Renato era a mesma: DROGA.

Papai o trouxe para casa e ele entrou xingando e ameaçando todo mundo, não respeitando nem mesmo os empregados. E, como sempre fazia, trancou-se no quarto.

Na hora do jantar não quis descer. Mamãe colocou a refeição em uma bandeja e foi levá-la. Logo depois, ouvimos seus gritos. Subimos correndo e

vimos Renato caído no chão tentando se levantar. Cada coisa, que segurava, vinha abaixo.

— Querido, olhe as paredes. Olhe.

Segui o olhar de papai e até me arrepiei. O quarto se transformara num mundo de horror. No lugar do quadro de Jesus entre as ovelhas, estava a figura de um rosto monstruoso, com a boca escancarada, escorrendo sangue.

Renato conseguiu levantar-se e olhando para mamãe disse, apontando as figuras:

— São esses meus companheiros agora: demônios, entes assustadores, esqueletos, velhas com os olhos saltados e hippies com os cabelos eriçados. São essas figuras que aí estão, que ficam dentro de mim, que me perseguem por todos os lugares.

Mamãe pegou o rosto de Renato entre as mãos e disse com voz meiga:

— Filhinho, você vê essas coisas horríveis porque está doente e porque toma tóxicos. Vamos parar com isso, filhinho. Mamãe vai programar uma viagem pelo mundo com você. Vejamos aonde você gostaria de ir.

— Para o inferno, ouviram? Para o inferno!

E Renato começou a falar palavrões, chamando mamãe de...

Papai deu-lhe uma bofetada na boca.

Renato levou a mão à boca e a mão saiu suja de sangue.

Recuou uns passos e olhando para papai, gritou:

— Outra vez que você fizer isso, juro que lhe quebro a cara.

Aí papai se descontrolou e também aos gritos disse:

— Ah! Então você quer ser tratado como um marginal, um criminoso? Quer que eu lhe mostre que também conheço as leis da rua? Pois então só acredita na desordem e na violência? Pois então firme-se, que vamos decidir isso no tapa.

Papai arregaçou as mangas e foi em direção ao meu irmão com os punhos cerrados.

— Venha, você não diz que o tóxico o fortifica e o torna corajoso?

Meu irmão retorcia as mãos com os olhos assustados e papai continuava:

— Vai me quebrar a cara não é? Então vamos lá.

Renato não se movia. Papai chegou perto, agarrou-o com uma das mãos pelo colarinho, esticou o braço para trás e a outra mão fechada veio em direção ao rosto de Renato. Mas, a mão parou no ar e papai, com o rosto contraído pela dor, voltou-lhe as costas e saiu do quarto.

Por ordem de mamãe, telefonei para o médico psiquiatra, que acalmou Renato, e disse que uma viagem ao exterior seria de grande utilidade para combater o vício de meu irmão.

Um mês depois, quando voltaram da viagem, assustei-me com a aparência de Renato. Estava magro e com o pouco que aparecia de seu rosto esverdeado e

rugoso.

Quero explicar melhor. Do rosto de Renato só se via a testa e um pouco de cara em volta de seus olhos, porque o resto a barba cobria tudo. Ninguém poderia acreditar que Renato tivesse só dezessete anos, com aquela bruta barba. Mamãe disse que ele se portara bem e estava disposto a se regenerar. Pobre mamãe, enquanto falava isso a papai, ouvimos Renato descer em desabalada e aos berros a escadaria.

— Quem foi que tirou os meus quadros da parede? Quem se atreveu a tanto? Onde estão meus quadros?

Ninguém respondeu nada. Para evitar brigas papai ficou quieto, e pegando mamãe pelo braço, tentou sair para outra sala. Renato, porém, foi em seu encaixo e pegando papai pelo braço, gritou:

— Fiz uma pergunta.

— Vá para o seu quarto Renato.

— Só quando souber onde estão os meus quadros.

— Vá para o seu quarto, já disse.

— O que você diz não me interessa. Saiba que trouxe da Inglaterra um vidro com mais de quinhentos comprimidos de droga, vou lá em cima tomar uma porção, depois volto para você me falar onde estão os meus quadros.

Papai segurou Renato pelo braço e disse:

— Roberto, vá trancar o quarto de seu irmão e me traga a chave.

Enquanto isso, papai procurava levar com paciência meu irmão para a biblioteca, mas ele se agarrava aos móveis, às estátuas, às cortinas, às mesas e gritava:

— Na minha vida ninguém manda, e nem no meu quarto. Se Rober se meter nos meus problemas, torço-lhe o pescoço.

Mamãe tentava conversar com Renato. Ele não lhe dava atenção. Só tinha os olhos voltados para a escadaria e para a chave que eu tinha nas mãos.

— Papai, eu estava brincando. Você não entende? Não tenho droga no quarto, se quiser pode sibir e revistar tudo. Juro que estou lhe falando a verdade. Já deixei as drogas. Pergunte à mamãe. Não é, mamãe? Diga, não me comportei direitinho na viagem?

Mamãe abraçou papai.

— É verdade, querido. Renato já não é um viciado. Ele prometeu que nunca mais se envolverá com essas coisas. Dê-lhe a chave Roberto.

— Vou confiar mais uma vez em você, Renato, disse papai.

Meu irmão pegou a chave e sem olhar para ninguém, correu para o quarto e se trancou. Meus pais entraram na biblioteca e eu, subindo devagarzinho a escada, fui espiar no buraco da fechadura do quarto de meu irmão, e vi que tinha desencostado o guarda-roupa e trouxe de lá de trás um pacote de erva, que repartiu em vários saquinhos de papel. Depois apanhou, um vidro cheio de

comprimidos e despejando-os em cima da cama, os contou. Eu sabia que aquilo era tóxico. Quando Renato começou a telefonar, peguei o telefone, ali do corredor, e ouvi a conversa. Gostaria de explicar a vocês que agia assim, porque pretendia descobrir tudo a respeito de drogas e traficantes. Renato disse:

— Desejo falar com o Geraldo.

— Quem é?

— Renato.

— Espere aí, vou chamá-lo.

— Oi, Rena... Como tava o lado de lá?

— Duro, mas consegui quase tudo.

— Posso falar claro?

— Pode, ninguém está ouvindo.

— Então traga tudo para o meu apartamento. Marque o endereço. Rua General Jardim, n.º 32, apto. 63. Mas tome cuidado, hem! porque os tiras andam por aqui. Ontem prenderam o Orlando, aquele que distribui a droga para os estudantes dos colégios e faculdades, no centro da cidade.

— Continua preso?

— Continua. Foi autuado em flagrante. A polícia encontrou em seu apartamento grande quantidade de maconha e anfetamina.

— E o caso do professor Mariano, como está?

— A polícia ainda não descobriu nada, mas ouvi falar que um estudante do Rio Negro viu o assassino. Dizem que a polícia já sabe quem é esse estudante e logo irá interrogá-lo.

— O Juca, ou o pessoal do Juca já sabe quem é esse estudante?

— Penso que não.

— Ah! Escute, Geraldo, quanto é a porcentagem de venda da droga? Essa que eu trouxe, da Europa, por exemplo?

— A mesma coisa, trinta por cento.

— Chegou algum pedido para mim?

— De seu colégio. Vários estudantes pediram LSD.

— Eu não tenho esse "produto".

— Venha para cá, que daremos um jeito. Espere, você tem que arranjar uns dois milhões.

— Para quando? Você entende, cheguei hoje.

— Para mim, o Juca fia. Digamos para depois de amanhã tá?

— Prá que é o tutu?

— Você não entendeu? Para o LSD. Tem estudante lá no seu colégio que já está em delirium-tremens.

— Que é isso?

— No fim da picada, ficando gagá, tremendo como geléia, por falta da droga.

— Mas, delirium-tremens não ataca só os viciados em álcool?

— Sei lá. Olhe, venha logo, pois preciso distribuir a minha droga. Espere, espere, quero lhe falar outra coisa. Olhe, fique de olho na turma, que tem muitos policiais se infiltrando na rodinha de alunos, fingindo que só estudantes.

— Tá bem.

Desci as escadas correndo e da janela da sala vi Renato zarpar como um bólido em sua reluzente moto.

Fiquei por muito tempo na janela pensando como dar aos meus queridos pais, mais essa punhalada. Deveria ou não avisar papai? Foi aí que a imagem do Mestre apareceu bem na minha frente e eu podia até ouvir a sua débil voz:

— Conte tudo a seu pai, Roberto.

Contarei sim, Mestre, mas não hoje, eles estão feridos demais!

Os dias foram passando e eu não tinha coragem de falar com papai, até que uma noite, quando papai e eu chegamos, mamãe disse que havia alguns jovens esperando por papai na sala da frente.

Acompanhei papai até o salão e defrontamos com seis jovens, todos vestindo blusões de couro e carrancudos. Um foi logo falando com ironia:

— Olá, Sr. Engenheiro, viemos até aqui para lhe dizer que seu filho é um ladrão.

— Do que está falando?

— De ladrão, entende?

— Entendi, mas, o que aconteceu?

Papai sentou-se resignado quando viu que eles estava dopados.

— Seu filho, Renato, nos têm vendido "produto" falsificado.

— Que produto?

— Ah! Então não sabe, né? Vai ver que a linda mansão está cheinha de tóxico e o papaizinho não sabe que seu lindo filhinho é um traficante.

— Modere o seu palavreado ou saia já.

Papai levantou-se e enfrentou os jovens que tinham ficado em pé batendo uma mão fechada em outra aberta.

— Não sairemos daqui enquanto não levarmos a erva verdadeira.

— Que erva?

— Fale logo, Ringo. Senão o cara fica nessa lengalenga.

— Pois você entende. Seu filho nos vendeu orégãos como maconha e comprimidos inofensivos de remédios, por seconal. Aqui estão, olha, meio quilo de "maconha" e cem comprimidos de "seconal".

Papai segurava o lugar do coração, branco como um defunto.

— Vocês têm certeza que foi meu filho que vendeu a vocês isso aí?

— Absoluta. Você entende, ele nos entregou com as próprias mãos e recebeu o dinheiro com as próprias mãos, você entende?

A turma caiu na risada.

— E o que vocês querem agora?

— A droga verdadeira. Já disse, entende?

— Isso é impossível, eu não sabia que meu filho traficava drogas.

— Não sabia hem?

— Não sabia, não. Estou sendo sincero.

— Pois então fique sabendo, entende?

Meu coração pulou quase me sufocando, não me dando coragem nem de me mexer.

— Vai dizer que não sabe que seu filho é um viciado?

— Isso eu sei. Tenho feito tudo para meu filho deixar o vício. Já implorei, Já chorei, já o internei no Juizado de Menores, mas, nada adiantou.

Enquanto papai falava, eu fui me esgueirando até chegar perto da campanha que estava ligada ao quarto do Walter, nosso chofer. Ele era um jovem forte e musculoso que sabia brigar como um leão. Apertei a campanha porque os moços estavam se tornando insolentes e atrevidos. Falavam com papai com a maior falta de respeito. Senti que papai já estava perdendo a calma e quando um dos jovens disse:

— Já que não tem a droga verdadeira fazemos um acordo. Você nos dá os três milhões de cruzeiros que demos ao seu filho e pode ficar com isso, o "produto" falsificado. Que acha?

— Não faço nenhum acordo sobre tóxicos. Peço que se retirem.

— Só depois do dinheiro ou da droga verdadeira, entende?

— Já não disse que não faço esse tipo de acordo?

— Não fará? Então vamos esperar o Renato, não sairemos daqui. Você entende?

— Sinto muito, mas, minha família precisa jantar.

— Precisa de ajuda, Dr. Mascarenhas?

Walter entrava em companhia do mordomo.

— Obrigado, Walter, mas os jovens estão de saída.

Quando ficamos a sós, papai passou os braços pelos meus ombros e me aconchegou até seu coração, dizendo:

— Agradeço-lhe, meu filho, por você ter avisado o Walter, com isso poupou a sua mãe de mais um desgosto: ver-me expulsar de minha casa aqueles jovens, violentamente.

Quando acabamos de jantar, eu disse tudo a papai a respeito das drogas atrás do guarda-roupa de Renato e sobre o telefonema.

— Sei que não foi direito espiar meu próprio irmão, mas pensei que fosse para o bem dele, não é mesmo papai?

— Sim, sim, meu filho, agora venha comigo, mas não devemos deixar a

sua mãe ver.

Desencostamos o móvel e só vi pendurado na parede um quadro. Procuramos por todo quarto e nada encontramos, mas, quando fomos empurrar o móvel, bati com o braço no quadro, este caiu deixando à mostra um buraco cheio de saquinhos de papel. Papai abriu um e cheirou.

— É maconha, — disse com uma voz sumida, depois tirou tudo do buraco e jogou em cima da cama, falando com amargura:

— Veja, filho, cada saquinho tem um nome, idade e nome do colégio. Meu Deus, veja a idade, treze, quatorze, quinze, trinta, quarenta. Minha Virgem Santíssima, com que espécie de gente meu filho está metido? Só espero que não seja ele o iniciador dessas crianças no vício. Renato, o meu filho, que era quase um santo, virou isso, isso aí.

E meu pai apertou a cabeça entre as mãos, respirando profundamente.

— Oh, Renato, Renato meu filho, onde estão seus olhos límpidos e puros? Por que agora eles estão sempre injetados de sangue? E a sua boca que abria para palavras cheias de luz, de alegria, e cobertas de colorido? Onde está? Hoje dela só brotam palavrões. Oh! Meu Deus! Dai-me forças para poder tirá-lo de toda essa podridão. Não vê, Senhor, que meu filho está se atolando em uma areia movediça de tóxicos e daqui a mais alguns tempos estará envolvido pela escuridão tenebrosa da loucura? Tudo isso dói, fere, como se estivessem transpassando meu coração com punhais de fogo. Dói, Senhor, dói muito, não deixe meu filho arrastar para esse lamaçal putrefato outros estudantes para que participem de sua escuridão eterna. Isso não permitirei, juro que não permitirei.

— Papaizinho, não fique assim. Não se desespere. Conheço um jeito para fazer Renato parar com as drogas.

Papai me apertou nos braços.

— Você sabe, você sabe, mas por que não me disse? Fale logo, fale logo.

— Não posso lhe falar ainda papai, mas amanhã o senhor saberá. Não me pergunte mais nada. Peça, confie em mim.

Papai jogou fora todos os saquinhos e pediu ao jardineiro para cimentar o esconderijo de Renato.

Já estava todo mundo dormindo, menos eu, que ensaiava como haveria de resolver o grave problema que tinha comentado com papai, o de cortar pela raiz o vício de Renato.

Nisso a nossa empregada da noite, bateu na porta de meu quarto.

— Seu Roberto, telefone.

— Atendo daqui mesmo, obrigado, Carmem.

— Alô, alô.

— Rober, sou eu.

— Eu quem?

— Eu, ora, não está conhecendo a minha voz?

— Sinceramente, não.

— Por que?

— Sei lá, nunca ouvi nada igual. Rouca, enrolada

Uma risada sarcástica.

— É o Renato, seu bobo.

— Renato, mas aonde você está? Não tome tanta droga.

— Escute aqui, Rober: não tomei nem mesmo uma particulazinha, nem um pozinho de nada. Estou telefonando para saber o que aqueles caras queriam de mim e se já se arrancaram.

— Acho melhor você vir para casa.

— Eu estava chegando em casa quando vi as motocas dos caras, eles querem me pegar. Não, não vou para casa, estou aqui com amigos. Escute aqui, Rober, o que eles falaram?

— Papai é que sabe.

— Diga ao papai que é tudo mentira, tudo mentira.

Renato chorava.

— Eles vão me matar, Rober, venha me buscar.

— Onde você está? Está bem, Renato, não chore. Logo, logo estarei aí. Até já!

Fiz como nos filmes americanos, amarrei lençóis e saí pela janela. Agradei os cachorros e pulei as grades. Esperei táxi um tempão.

— Que horas são?

— Três da matina.

O chofer brincava. Era um senhor bem simpático. Por isso me animei e lhe disse:

— Moço, vou buscar meu irmão que está doente neste endereço, mas não sei se as pessoas que estão com ele o deixarão sair. É uma estória meio longa e complicada. Gostaria que o senhor me ajudasse, lhe darei um bom dinheiro.

— Você é menor, não é?

— Sim, tenho quinze anos.

— Não está metido com a policia?

— Não, não, pode confiar em mim. Olhe, aqui está o cartão de meu pai, se alguma coisa acontecer; por exemplo se eu não voltar dentro de meia hora, chame-o por esse telefone, o senhor me ajuda?

— Tenho um filho de sua idade. Ajudo. Sinto que você é bom e ama seu irmão.

— Olhe, a casa é aquela. Por favor fique com o carro aqui na esquina. Vou entrar pelos fundos. Não se vá, por favor!

— Pode ir descansado, menino.

O muro era baixo e seguiu a única luz acesa no andar térreo. Espiei pela janela. Renato falante e alegre andava pela sala em frente de uma porção de

homens sentados em diversos sofás e poltronas, incluindo aquele da fita, que bebiam, falavam palavrões e riam sem parar.

— Seu maninho está demorando, Rena! Vai ver que nem vem.

— Calma, gente.

— Vem, ora se vem. — Renato respondia.

— Como é que você sabe?

— Meu irmão gosta muito de mim. Sempre fomos grandes amigos, ainda mais que me viu chorar. Aí é que vem correndo.

— E se ele não vier, você faz o que o Juca mandou?

— Faço.

Um dos homens levantou-se e perguntou:

— Afinal quem é esse tal Roberto?

— É o irmão de Renato, ele me viu atirando no professor Mariano e sabe tudo a respeito do chefe, ou melhor, do Juca. Sabe que é ele o responsável por viciar a maioria dos estudantes, e sabe também que o Juca é o maior traficante de entorpecentes de São Paulo. Juca sabe que a polícia pretende interrogá-lo, então quer que ele desapareça.

— Desaparecer como?

— Atropelamento. Assim que o garoto chegar. Renato sai com ele e um de nós pega o carro e o seguirá. E em uma hora qualquer Renato dá um jeito para o irmão ir até o meio da rua, aí...

— E se ele não vier?

— Aí Renato será obrigado a viciar o irmão em drogas, iniciará com heroína aplicando-lhe forte dose.

— É uma boa pedida, pois a polícia não acreditará em palavras de dopado.

— É isso aí. Até que você é bem inteligente.

E a turma ria, ria sem parar, alguns davam palmadinhas nas costas de Renato, que com um cigarro na mão, cambaleava de lá prá cá, falando com a língua torcida.

— É, vocês são inteligentes. Vocês pegaram a mim e todos esses estudantes que são filhinhos de papai e agora vão pegar Rober.

Seus gritos:

— Rober, Rober, venha, venha logo.

Fixei Renato por um longo tempo e não quis acreditar que aquela figura de homem-criança, bêbado, sujo, cheio de drogas, fosse meu irmão e saí de lá correndo, com as lágrimas escorrendo pelos meus olhos.

O chofer não quis nem um dinheiro, disse que se talvez algum dia precisasse de alguma coisa, nos procuraria.

Subi as grades. Agarrei os lençóis e precisei abrir a porta para os cachorrinhos, que pularam na cama e me fizeram companhia até de manhã. Eu não conseguia dormir nem um minuto, pensando se iria ou não à polícia.

E a manhã também passei pensando, e a tarde também ia passando e eu ainda não tomara uma decisão.

Quando o nosso motorista veio me buscar eu lhe disse:

— Walter, me leve à polícia.

— À polícia?!

Na delegacia.

— Por favor, meu nome é Roberto Lopes Mascarenhas, sou filho do engenheiro Mascarenhas, desejo falar com o delegado.

— Sobre o que?

— Vim denunciar um traficante de drogas, que as distribui entre os estudantes e o assassino do Professor Mariano, meu Mestre.

O delegado me olhou por muito tempo e depois disse:

— Meu jovem, não diga nada enquanto seu pai não chegar.

Meu pai chegou e entrou correndo na delegacia.

— Roberto, filho, o que aconteceu?

— Não se assuste, doutor. Roberto veio prestar um grande serviço a São Paulo, ou melhor, ao Brasil. Veio nos trazer o nome do maior traficante de drogas de todos os tempos, um elemento que a polícia da América Latina inteira procura: Joaquim Bertolini. Esse indivíduo tem a maior quadrilha de viciados do Brasil e são esses elementos que se encarregam de viciar estudantes, além disso é procurado por vários crimes. A polícia tudo fará para desmascará-los, apesar de estarem bem acobertados, pois a casa de Joaquim, na Cantareira, é uma verdadeira fortaleza, à prova de balas, tendo nos fundos um heliporto. Além de helicópteros, possui aviões e no porto, um navio, somente para o contrabando de drogas. Esse sujeito tem casas em quase todos os países da América Latina, incluindo um hotel em Bariloche. Mas, dessa vez o pegaremos, pois essa casa da Cantareira era desconhecida da polícia. Devemos isso a seu filho.

Aí falei tudo sobre o Mestre Mariano, dei à polícia o endereço onde Renato estava. A polícia prometeu a papai que levaria Renato para casa.

Bem tarde da noite, a polícia trouxe meu irmão que estava intoxicado, como sempre. Mais uma vez papai o aconselhou e Renato gritou que tomaria quantas drogas quisesse.

Mamãe chorou, implorou a Renato que saísse da sala e fosse para seu quarto.

Renato subiu xingando e logo ouvimos um barulhão de móveis se quebrando.

Corremos para lá e encontramos Renato com os olhos esbugalhados e uma espuma branca parada no canto da boca. Assim que nos viu, veio gesticulando e gritando:

— Onde está minha encomenda? Quem tirou meus pacotinhos de trás do

guarda-roupa? Eu quero torcer o pescoço de quem fez isso.

Papai disse calmo:

— Eu joguei tudo fora, Renato, pois não vou permitir que você espalhe o vício entre esses pobres estudantes.

— Mas, a droga não era minha, era de um homem muito poderoso, muito importante, ele irá ajustar contas com você, entendeu? Ele é forte e poderoso, ninguém pode com ele, ninguém, entendeu?

— Esse homem de quem está falando, ou melhor, Joaquim Bertoloni, nada mais poderá fazer porque a esta hora já deve estar atrás das grades.

Renato jogou a cabeça para o alto e caiu na gargalhada.

— Ora papai, não seja burro. Joaquim na polícia, não me faça rir. Você entende, a polícia nunca descobrirá onde ele mora, pois ninguém tem peito para denunciá-lo, você entendeu?

— Eu o denunciei, Renato. — falei com voz firme. — e também contei sobre o Mestre Mariano. Conte quem o matou.

Renato parou estático, abria e fechava a boca sem conseguir deixar a voz sair, até que balbuciou:

— Você se sentenciou à morte, porque a nossa polícia não tem capacidade para prender esse homem que tem mão forte e é mais forte do que o demônio. Agora vou lá, vou contar tudo para ele e vou trazer uma porção de drogas, quero ver quem vai me impedir.

Papai se pôs em frente a Renato.

— A partir de hoje, você não sai mais de casa nem que tenha que amarrá-lo.

Renato ficou meio desconcertado e falou calmo:

— Que é isso papai, você não entende a juventude. Os jovens de hoje só querem um pouco de liberdade. Prometo que não irei à casa de Juca e largarei as drogas. Mas, você tem que me deixar sair. Irei só conversar com meus amigos, correr de moto, você entende?

— Não entendo, não. Se você sair desse quarto vamos resolver no tapa. Venha, Lídia, e você também Roberto.

Mas Renato nem ligou, empurrou papai e ia começar a descer a escada, quando papai gritou:

— Pare Renato.

— Já disse que vou sair.

Aí papai lhe acertou um murro bem no rosto. Os dois ficaram se olhando, os olhos de Renato surpresos e os de papai cobertos de tristeza.

Renato se trancou no quarto e só saiu no dia seguinte e ficou desesperado quando leu nos jornais que o homem forte e sua quadrilha estavam presos.

Os dias passaram e meu irmão ficava cada vez mais agitado, pois não tinha onde achar drogas. Um dia papai foi chamado à polícia. Renato roubou à mão

armada drogas em uma farmácia.

Era a primeira prisão de Renato, mas como era menor, foi entregue a papai e mais uma vez ele prometeu deixar o vício e que não sairia mais de casa.

Por alguns dias Renato voltou a ser o Renato dos outros tempos, até começou a se alimentar e a engordar. Conversava animadamente comigo, brincava com Rosana e tratava dos cachorros.

Mamãe já não chorava tanto e nos lábios de papai renasceu um tênue sorriso.

Mas uma noite acordei com um barulho estranho bem debaixo de minha janela. Era Renato que enchia um regador de água e depois de enchê-lo se perdeu pelo jardim. Rápido amarrei os lençóis e o segui e o vi regar uma porção de plantas bem escondidas atrás das árvores. Era maconha.

Papai não queria acreditar. Arrancou tudo. Renato ficou furioso e ameaçou papai com uma pá. Depois chorou e pediu desculpas.

— Acho que estou enlouquecendo como o Mário, falou apertando a cabeça.

De fato, Mario está internado em uma casa para alienados, completamente louco.

As lágrimas de Renato fizeram renascer no coração de meus pais uma esperança, que durou pouco, pois Renato começou a receber amigos mal-encarados que pareciam usar drogas. Ficavam horas e horas ouvindo música alta, exigindo que os empregados lhes servissem refrigerantes, sanduíches e petiscos o dia todo.

Papai proibiu os amigos de Renato de ficarem no quarto, permitindo-lhes que usassem o salão de festas, mas Renato não obedeceu e se trancou no quarto com uma porção de rapazes: Papai chamou a polícia e pediu que retirassem os jovens e revistassem o quarto de meu irmão. A polícia encontrou uma porção de maconha com os rapazes, que disseram tê-la comprado de Renato. Renato jurou que era mentira, que a droga era dos estudantes e que eles é que eram os traficantes.

Foi a segunda prisão de Renato.

— Terceira não haverá, — disse papai, quando a polícia lhe entregou Renato, — pois vou interná-lo e você só sairá de lá quando estiver curado. — Walter, siga para o hospital.

Renato pulou para fora do carro e saiu em desabalada carreira.

Walter tentou segui-lo mas ele se perdeu na multidão.

Na noite negra e chuvosa e fria, Renato voltou. Acordei com o barulho ensurdecedor das motos.

Desci as escadas correndo e encontrei-me com papai, mamãe e todos os empregados, que estarecidos, olhavam dezenas de motos conduzidas por jovens

cabeludos, barbudos, que as faziam correr pelo jardim, esmagando as plantas e quebrando as flores e estátuas.

Os cachorros corriam e latiam à volta de uma delas e então eu reparei que era Renato que gesticulava e dava ordens aos motoqueiros.

Papai fez menção de sair e mamãe gritou:

— Pelo amor de Deus, querido, eles estão drogados.

Eu corri e liguei para a polícia, que chegou e logo em seguida fez a turma desaparecer, menos Renato que se escondeu em seu quarto. Depois o silêncio. Os empregados foram para seus aposentos e nós íamos subindo as escadas, quando Renato apareceu no topo e dirigindo-se a papai, gritou:

— Você errou mais uma vez chamando a polícia. Agora vou procurar o seu revólver e você vai ver. Entende? Entende?

Renato estava com as feições retorcidas e suas mãos tremiam sem parar, enquanto procurava segurar a maçaneta para abrir a porta do quarto de meus pais.

Mamãe correu, gritando:

— Filho, não faça isso, nós o amamos muito, seus pais querem interná-lo para o seu próprio bem.

Papai segurou a mão de mamãe, para ela não chegar perto de Renato e disse-lhe:

— Ele não encontrará o revólver, meu bem, pois ele está aqui no meu bolso do roupão. Coloquei-o na hora que ouvi aquele barulho infernal no jardim.

— Graças a Deus! Oh! Querido, que vamos fazer?

— Não fique assim, querida. Vá para a biblioteca, eu falarei com ele.

Papai começou a subir as escadas, mas mamãe o segurou, pois do quarto vinha um barulho imenso de gavetas caindo, batidas de portas e vidros quebrados.

Depois de um pequeno silêncio, Renato reapareceu no alto da escada, gritando:

— Já que não achei o revólver, esse punhal bem afiado mesmo resolve. Você vai me pagar, entende?

Renato começava a descer berrando palavrões. Papai tirou o revólver do bolso e apontou para o meu irmão. Olhei assustado para meu pai e vi que o seu dedo tremia no gatilho. Meus olhos se voltaram novamente para Renato que, espumando pela boca e destilando ódio nos olhos vermelhos como fogo, cambaleava a cada degrau. Quando viu o revólver, gritou com os braços abertos:

— Atire, atire, atire...

— Pare Renato, se você descer mais um degrau eu atiro.

Renato desceu e eu corri para ele, arrancando-lhe o punhal da mão, mas ele me acertou um pontapé, que me fez rolar a escada.

Mamãe correu em meu socorro. Papai nos afastou e foi em direção a Renato, que conseguira apanhar o punhal que eu deixara cair na queda e com ele

bem alto na mão levantada avançava, gritando:

— Vou lhe esmagar os miolos, Roberto, seu bastardo, se você não fosse dedar à polícia, Juca não seria preso e eu teria onde comprar drogas. Agora, sou obrigado a roubar para isso. Mas não adianta Juca ser preso. Outros traficantes estão por aí e duvido que haja outro estudante para denunciá-los, porque eles saberão que esmaguei o estudante que se atreveu a fazer isso. Vou matá-lo, Rober, vou matá-lo.

— Pare Renato. — Papai dizia.

Renato avançava e já estava bem perto de papai quando o tiro o alcançou, fazendo-o cair sentado na escada, segurando fortemente o punhal, que depois foi soltando devagarinho e levando a mão ao peito, olhando com olhos arregalados o sangue que avermelhava os seus dedos. Envergou o corpo para o lado e sua cabeça pendeu para a frente.

Mamãe, petrificada, olhava tudo sem poder se mover.

Papai correu para Renato e sentiu seu pulso.

Voltou-se e veio devagarinho em nossa direção e com lágrimas a lhe banhar a face dolorida, disse com a voz sofrida:

— Querida, matei nosso filho, peço-lhe que me perdoe.

Depois papai pegou carinhosamente o corpo de Renato e com passos firmes, subiu as escadas e desapareceu em seu quarto.

Algum tempo depois apareceu em cima da escada e disse:

— Roberto, faça-me o favor de chamar a polícia.

Quando a polícia chegou subi junto e até perdi a fala, quando olhei Renato esticado na cama de papai, com o rosto bem barbeado e os cabelos cortados e bem penteados. E na boca um tênue sorriso de paz.

Agora meu coração não está tão pesado de amargura, porque eu sei que você, estudante, que acabou de ler a minha carta, não vai aceitar cigarro e comprimidos, principalmente de pessoas estranhas. Amanhã quando qualquer traficante bater à porta de seu colégio, para iniciar você ou seu amigo neste terrível vício, que destruiu minha família, você levantará a cabeça, estufará o peito e com passos firmes entrará na delegacia mais próxima, para denunciá-los.

Sei que Deus lhe dará essa coragem.

São Paulo, 10/07/75

EPÍLOGO

Hoje papai foi julgado.

O juiz se levantou e disse:

— Rubens Lopes Mascarenhas, você é inocente, pois você não é o assassino de seu filho. O assassino de seu filho é o... Tóxico.

FM

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a digitalização em *Doc* de
PDL

